



Tamiris Vianna da Silva

"A caridade é, em tudo, a regra de proceder": análise do discurso
espírita kardecista

São José do Rio Preto
Agosto 2014

Tamiris Vianna da Silva

"A caridade é, em tudo, a regra de proceder": análise do discurso
espírita kardecista

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista, Câmpus de São José do Rio Preto, para a obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos.

Área de Concentração: Análise Linguística

Linha de Pesquisa: Estudos do Texto e do Discurso

Orientador: Prof^a Dr^a Anna Flora Brunelli

São José do Rio Preto
Agosto 2014

Silva, Tamiris Vianna da.

A caridade é, em tudo, a regra de proceder : análise do discurso espírita kardecista / Tamiris Vianna da Silva. -- São José do Rio Preto, 2014

117 f. : il., gráfs., tabs.

Orientador: Anna Flora Brunelli

Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas

1. Linguística. 2. Análise linguística (Linguística) 3. Análise do discurso. 4. Religião na literatura. 5. Brasil - Espiritismo na literatura. 6. Ethos. 7. Modalidade (Linguística) I. Brunelli, Anna Flora. II. Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho". Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas. III. Título.

CDU – 412

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca do IBILCE
UNESP - Câmpus de São José do Rio Preto

BANCA EXAMINADORA

Titulares

Prof^a Dr^a Anna Flora Brunelli – Orientadora
Unesp/Ibilce – São José do Rio Preto/SP

Prof. Dr. Roberto Leiser Baronas
Ufscar – São Carlos
Prof. Dr. Eduardo Penhavel
Unesp/Ibilce – São José do Rio Preto/SP

Prof. Dr. Eduardo Penhavel
Unesp/Ibilce – São José do Rio Preto/SP

Suplentes

Prof^a Dr^a Luciana Salazar Salgado
Ufscar – São Carlos
Prof^a Dr^a Sandra Denise Gasparini Bastos
Unesp/Ibilce – São José do Rio Preto/SP

Prof^a Dr^a Sandra Denise Gasparini Bastos
Unesp/Ibilce – São José do Rio Preto/SP

AGRADECIMENTOS

É chegado um dos momentos mais difíceis desta dissertação: agradecer. Segundo o discurso espírita, o amparo dos amigos espirituais revela-se fonte de verdadeiro auxílio durante a caminhada terrestre. É bem verdade que, sozinha, não conseguiria concluir este trabalho. Para que fosse possível realizá-lo, contei, em diversos momentos, com o apoio e com a compreensão de espíritos humanos iluminados durante minha caminhada. A todos eles, meus sinceros agradecimentos e minha admiração:

Primeiro, agradeço ao espírito maior, Deus, pelo dom da vida, pela capacitação e pela fonte de amparo e de conforto inesgotável.

À CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) pelo auxílio concedido, aos funcionários da secretaria de pós-graduação da UNESP/IBILCE e aos professores que contribuíram com minha formação acadêmica na graduação e na pós-graduação.

À professora Anna Flora, com quem tive grande privilégio de trabalhar, à luz de sua orientação extremamente profissional, competente, humana e humilde, que sempre compreendeu minhas dificuldades e também me inspirou com a máxima de que “O óbvio tem que ser dito” na academia e na vida.

À professora Erotilde Pezatti, primeira orientadora ainda na graduação, que me apresentou, com paciência, o caminho da Linguística.

À professora Sandra Gasparini, pelas sugestões e pelas dicas durante o período de elaboração desta dissertação.

Aos professores Fabiana Komesu e Eduardo Penhavel, pelas importantes contribuições em minha Banca de Qualificação.

Aos professores Eduardo Penhavel e Roberto Baronas, pela participação em minha Banca de Defesa e pela atenciosa leitura de meu trabalho.

Ao querido amigo Washington Paracatu, cuja excelência profissional me motivou a conhecer as Letras, ademais do carinho e da amizade. E a Darcy, também pelo carinho e pela amizade.

A minha mãe, fonte de verdadeiro apoio e de amor incondicional nos momentos mais difíceis porque, como já disse Carlos Drummond de Andrade, “mãe não tem limite, é tempo sem hora, luz que não apaga quando sopra o vento”.

Ao meu pai (in memoriam), que, com toda certeza, estaria honrado e feliz por ver esse momento concretizado.

Aos meus irmãos Vinícius e Letícia, pelo amor e pelo carinho. E aos meus familiares de forma geral, especialmente minha avó e minha tia Rosane, pela admiração e pela torcida por meu sucesso.

Aos amigos e aos colegas desse período de curso de mestrado, especialmente Michele, Beatriz e Helena, com quem sempre pude compartilhar as minhas dúvidas, as minhas angústias de pós-graduando e os eventos acadêmicos, além da amizade desenvolvida no plano pessoal.

À querida amiga Paula Équi, que, com paciência e carinho, conduziu-me às reuniões de orientação às vésperas de minha qualificação, quando estava impossibilitada de andar, dependente de tudo e de todos.

Aos amigos de diferentes datas: de ontem e de hoje. Vocês não fazem ideia de como iluminam minha vida com a luz e o brilho que não sou capaz de mensurar. Sem vocês, eu não teria tido tantos momentos alegres e felizes para ser impulsionada a ter coragem e fé na vida. Muito obrigada a cada um de vocês, que sabem quem realmente são, sem eu precisar mencioná-los. Afinal, como já dizia Antoine de Saint-Exupéry, “cada um que passa em nossa vida passa sozinho, pois cada pessoa é única e nenhuma substitui outra”.

Por fim, sou grata a todos os bons espíritos que torceram e contribuíram, de forma direta ou indireta, para a realização deste trabalho.

"O correr da vida embrulha tudo,
a vida é assim: esquenta e esfria,
aperta e daí afrouxa,
sossega e depois desinquieta.
O que ela quer da gente é coragem.
O que Deus quer é ver a gente
aprendendo a ser capaz
de ficar alegre a mais,
no meio da alegria,
e inda mais alegre
ainda no meio da tristeza!
A vida inventa!
A gente principia as coisas,
no não saber por que,
e desde aí perde o poder de continuação
porque a vida é mutirão de todos,
por todos remexida e temperada.
O mais importante e bonito, do mundo, é isto:
que as pessoas não estão sempre iguais,
ainda não foram terminadas,
mas que elas vão sempre mudando.
Afinam ou desafinam. Verdade maior.
Viver é muito perigoso; e não é não.
Nem sei explicar estas coisas.
Um sentir é o do sentente, mas outro é do sentidor."
(João Guimarães Rosa)

RESUMO

Neste trabalho, analisamos o discurso espírita kardecista, tal como se encontra circulando atualmente no Brasil, a partir da perspectiva da Análise do Discurso de linha francesa, com ênfase nas reflexões de Maingueneau (2008) sobre a noção de semântica global. Desse ponto de vista, o discurso é considerado como sistema de restrições semânticas que restringe, ao mesmo tempo, todos os planos do discurso (vocabulário, temas tratados, intertextualidade, instâncias de enunciação). Esse sistema de restrições não só diz respeito à produção verbal do discurso, como também o torna comensurável com a rede institucional do grupo que a enunciação do discurso supõe e, ao mesmo tempo, torna possível. Assim, analisamos o discurso espírita kardecista considerando-o como uma prática discursiva, nos termos de Maingueneau (2008), com o intuito de evidenciar a imbricação radical que há entre a face verbal e a face social do discurso. Para o desenvolvimento da análise, organizamos um *corpus* bastante diversificado, que inclui diferentes gêneros de natureza verbo-visual, o que não deixa de ser um reflexo da própria diversidade da produção relacionada ao discurso espírita. O fio condutor da análise é a avaliação da hipótese que formulamos a respeito desse discurso, isto é, que o traço /+cristianismo/ é um dos traços semânticos de seu sistema de restrições semânticas globais. Do nosso ponto de vista, esse traço não esgota a “significância” do discurso espírita kardecista, mas a análise revela que está mesmo presente tanto na face verbal (conforme a análise que desenvolvemos sobre o *ethos* do discurso espírita kardecista), quanto na face social (conforme as reflexões que apresentamos sobre as instituições espíritas) desse discurso, constituindo-se, desse modo, como uma das chaves para a sua leitura.

Palavras-chave: Análise do Discurso; Discurso Religioso; Discurso Espírita; Semântica Global; Prática Discursiva; *Ethos*.

ABSTRACT

In this work, we analyze the Kardecist spiritist discourse, as it is currently circulating in Brazil, from the perspective of the Discourse Analysis of the French line, emphasizing reflections of Maingueneau (2008) on the notion of global semantics. From this point of view, discourse is considered as a system of semantic constraints which restricts all levels of speech (vocabulary, topics discussed, intertextuality, instances of enunciation) at the same time. This restriction system does not concern only verbal speech production but also makes it commensurable with the institutional network of the group that the enunciation of discourse presupposes and at the same time makes it possible. Thus, we analyzed the Kardecist spiritist discourse considering it as a discursive practice, in terms of Maingueneau (2008), in order to highlight the radical overlap between the verbal face and the social face of the discourse. For the development of the analysis, we organized a very diverse *corpus*, which includes different genres of verbal-visual nature, which does not cease to be a reflection of the diversity of production related to the spiritist speech. The guiding principle of analysis is the evaluation of the hypothesis formulated about this speech, that is, the trait/+Christianity/ is one of semantic features of its system of global semantic constraints. From our point of view, this trait does not exhaust the "significance" of the Kardecist spiritist discourse, but analysis reveals that it is present in both verbal face (according to the analysis we have developed over the *ethos* in the Kardecist spiritist discourse) and social face (according to the reflections on the present spiritist institutions) of this discourse, becoming thus one of the keys to its reading.

Keywords: Discourse Analysis; Religious Speech; Spiritist Discourse; Global Semantics; Discursive Practice; *Ethos*.

LISTA DE TABELAS, FIGURAS E QUADROS

Quadro 1: Modelos do Espiritismo.....	44
Figura 1: Folheto de acolhida do Centro Espírita.....	49
Figura 2: Federação Espírita Pernambucana.....	58
Figura 3: <i>O Reformador</i> , novembro de 2010.....	66
Figura 4: <i>O Reformador</i> , julho de 2010.....	66
Figura 5: <i>O Reformador</i> , dezembro de 2009.....	67
Figura 6: <i>O Reformador</i> , novembro de 2011.....	67
Figura 7: Cartazes de campanhas espíritas promovidas pela FEB (Federação Espírita Brasileira).....	70
Figura 8: Quadro sobre o <i>ethos</i> – Maingueneau.....	80
Tabela 1: Tipos de modais deônticos encontrados no <i>corpus</i>	100

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
CAPÍTULO 1 - O APARATO TEÓRICO-METODOLÓGICO.....	17
1. Semântica Global.....	17
2. Sobre a noção de prática discursiva.....	20
3. O <i>corpus</i>	22
CAPÍTULO 2 – AS CONDIÇÕES DE EMERGÊNCIA E DE EXPANSÃO DO DISCURSO ESPÍRITA KARDECISTA BRASILEIRO.....	25
2. Origens do discurso espírita: “aliança da ciência com a religião”.....	25
3. O Espiritismo no Brasil: do final do século XIX até a segunda metade do século XX.....	36
3.1.Espiritismo no Brasil: segunda metade do século XX até os dias atuais.....	39
CAPÍTULO 3 - O DISCURSO ESPÍRITA COMO PRÁTICA DISCURSIVA.....	47
1. Análise da prática discursiva do espiritismo.....	47
1.1. Os centros espíritas e suas reuniões.....	48
1.2. Congressos espíritas.....	58
1.3. Discurso espírita na mídia: periódicos e <i>sites</i>	64
1.4. Campanhas espíritas.....	69
2. Enlaçamentos.....	71

CAPÍTULO 4 - O <i>ETHOS</i> DO DISCURSO ESPÍRITA KARDECISTA.....	76
1. Sobre a noção de <i>ethos</i> discursivo.....	77
2. Análise do <i>ethos</i> do discurso espírita.....	81
4. Modalidade como recurso de análise do <i>ethos</i>	91
3.2.As modalidades.....	92
4.3.Tipologia das modalidades.....	93
4.4.A modalidade deôntica.....	95
4.5.Enunciados deonticamente modalizados no discurso de Chico Xavier.....	96
5. Relatos, conselhos e perguntas.....	102
6. Conclusões: o discurso do médium Chico Xavier e moral cristã.....	106
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	109
REFERÊNCIAS.....	113

INTRODUÇÃO

Neste trabalho, pretendemos contribuir com os estudos linguístico-discursivos sobre o discurso religioso, um tipo de discurso bem pouco explorado pelos estudos do discurso, embora o fato religioso, como bem observado por Maingueneau (2008), esteja particularmente presente no mundo contemporâneo.

No Brasil, por exemplo, há diversas religiões. Não é de hoje que uma das que se encontra em expansão é o espiritismo. Segundo o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), há 3,8 milhões de espíritas declarados.¹ Já a Revista Veja, em sua edição de 23 de junho de 2010, por sua vez, afirma que, além desses que se consideram espíritas, há por volta de 18 milhões de simpatizantes – pessoas que declaram pertencer a outras religiões, mas acreditam nos dogmas espíritas ou participam de suas reuniões.

Além dos inúmeros centros espíritas existentes por todo o Brasil, que recebem os “seguidores da doutrina”, o espiritismo também conta com outros meios de veiculação. A esse respeito, podemos citar o sucesso dos filmes como “Nosso Lar (2010)”, “Chico Xavier (2010)” e “As mães de Chico Xavier (2011)”, que tratam dos princípios que regem a tese da existência de comunicação entre vivos e mortos por meio da mediunidade. Outro exemplo é a publicação, em forma de livro, das entrevistas concedidas pelo médium Chico Xavier à TV Tupi, em 1971.

Para contribuir com os estudos linguísticos sobre o discurso religioso, vamos analisar o discurso espírita, que tem despertado cada vez mais o interesse da sociedade brasileira. Mais exatamente, pretendemos analisar o discurso espírita kardecista, tal como se encontra circulando atualmente no Brasil, a partir da perspectiva da Análise do Discurso de

¹ Disponível em: <http://www.ibge.com.br/home/> Acesso em: 05 abr de 2014, às 18:55.

linha francesa, com ênfase nas reflexões de Maingueneau (2008) sobre a noção de semântica global.

No trabalho citado, o autor considera que os discursos se formam de maneira regulada no interior de um interdiscurso. Sendo assim, os discursos não se formam para depois estabelecerem diversos tipos de relação; pelo contrário, a identidade de um discurso se define a partir de sua relação com um Outro, com o qual o discurso necessariamente rompeu para se constituir.

A partir dessa tese do primado do interdiscurso, Maingueneau propõe um aparato teórico-metodológico segundo o qual o discurso é definido como sistema de restrições semânticas globais. De acordo com esse aparato, o discurso é considerado como sistema de restrições semânticas que restringe, ao mesmo tempo, todos os planos do discurso (vocabulário, temas tratados, intertextualidade, instâncias de enunciação).

Diante do exposto, assumimos o pressuposto teórico de que o discurso espírita kardecista está submetido às regras de uma semântica global que lhe particulariza todos os planos: vocabulário, temas, intertextualidade, instâncias de enunciação. Considerando esse pressuposto, nosso objetivo é analisar o discurso espírita kardecista, procurando revelar alguns aspectos da semântica global que o rege.

Ao assumirmos que o discurso espírita kardecista pode ser compreendido nos termos de uma semântica global, estamos seguindo os passos de Maingueneau, na tentativa de apreender o dinamismo da “significância” que domina o discurso. Descartamos, desse modo, a ideia de que há, no funcionamento do discurso, algum sítio privilegiado, um lugar onde sua especificidade estaria condensada (por exemplo, as palavras, os temas, os enunciados, os arranjos argumentativos). Assim, fica descartada a oposição entre “superfície” e “profundeza”, que reservaria apenas para a profundeza o domínio de validade das restrições semânticas.

Ainda de acordo com as reflexões de Maingueneau (2008), o discurso não deve ser pensado somente como um conjunto de textos, mas como **prática discursiva**. Isso significa que o sistema de restrições semânticas globais não só diz respeito à produção verbal do discurso, como também o torna comensurável com a rede institucional do grupo que a enunciação do discurso supõe e, ao mesmo tempo, torna possível.

Conforme veremos no capítulo 1 deste trabalho, a noção de prática discursiva evidencia a imbricação radical que há entre a face verbal e a face social do discurso. Nesses termos, o foco da análise do discurso espírita kardecista são as restrições que dizem respeito não apenas a um conjunto de textos (face verbal do discurso), mas também à rede institucional própria do grupo social que gere esse discurso (face social do discurso).

A leitura de textos representativos do discurso espírita nos revelou que a moral propalada por esse discurso se resume na seguinte máxima: “Agir para com os outros como quereríamos que os outros agissem para conosco” (KARDEC, 2008, p. 17). Mais exatamente, do nosso ponto de vista, no discurso espírita, esse princípio se constitui como regra de conduta universal. Nas palavras de Allan Kardec:

Eles [os espíritos] nos ensinam que **o egoísmo, o orgulho, a sensualidade, são paixões que nos aproximam da natureza animal e nos prendem à matéria**; que o homem que, desde este mundo, se desliga da matéria pelo desprezo das futilidades mundanas e, **pelo amor ao próximo, se aproxima da natureza espiritual**; que cada um de nós deve se tornar útil segundo suas faculdades e os meios que Deus colocou entre suas mãos para provar **que o Forte e o Poderoso devem apoio e proteção ao Fraco**, porque aquele que **abusa de sua força e de seu poder, para oprimir seu semelhante, viola a lei de Deus**. (KARDEC, 2008, p. 17; grifos nossos)

De acordo com o discurso espírita, o cristão é aquele que ama o próximo como a si mesmo. Assim, a máxima espírita “Fora da caridade não há salvação”, se concretizada, representa o comportamento ideal de um seguidor do discurso espírita. Essa máxima justifica, inclusive, o fato de o discurso espírita afirmar a necessidade de a prática espírita ser genuína e

gratuita, conforme orienta o princípio moral do *Evangelho Segundo o Espiritismo*: “Dai de graça o que de graça recebestes”.

Diante do exposto e considerando também os resultados dos trabalhos de Arribas (2008) e de Silva (2007), formulamos a hipótese de que o traço /+cristianismo/ é um dos traços semânticos desse discurso. Do nosso ponto de vista, esse traço não esgota a “significância” do discurso espírita, mas, se é mesmo, como estamos propondo, um dos traços que o caracterizam, então deve estar presente em qualquer uma de suas dimensões, e a sua observação pode ser, nesses termos, uma das chaves para a leitura do discurso espírita. Assim, o fio condutor da análise é a avaliação da pertinência desse traço para caracterização do discurso espírita kardecista brasileiro.

Em relação à estrutura deste trabalho, a análise do discurso espírita que desenvolvemos está organizada em quatro capítulos. No capítulo 1, apresentamos o aparato teórico-metodológico adotado. Conforme já dito, trata-se das reflexões desenvolvidas por Dominique Maingueneau (2008) sobre o discurso, com ênfase na noção de semântica global. O aparato teórico desenvolvido pelo autor, conforme vamos tratar de esclarecer nesse capítulo, não deixa de ser também uma espécie de metodologia de análise dos discursos. Além disso, descrevemos o *corpus* do trabalho.

Procurando evidenciar como os valores cristãos sempre estiveram presentes no discurso espírita kardecista, principalmente no brasileiro a partir da época citada, no capítulo 2, “As condições de emergência e de expansão do discurso espírita”, tratamos das condições de emergência e de expansão do discurso espírita, considerando acontecimentos que são comumente associados a seu surgimento na França, no século XIX. Discorreremos ainda sobre sua recepção no Brasil e sobre as condições de sua expansão no país, especialmente a partir da segunda metade do século passado.

Já no capítulo 3, intitulado “Espiritismo como prática discursiva”, considerando o discurso espírita como prática discursiva, analisamos a sua vertente não verbal, procurando fazer aparecer “a imbricação semântica irreduzível” (MAINGUENEAU, 2008, p. 143) que há entre os seus aspectos textuais e não textuais. Desse modo, vamos procurar validar a pertinência de nossa hipótese inicial considerando aspectos de sua face mais social, tais como o modo de organização e o funcionamento de sua comunidade.

No capítulo 4, “*Ethos* do discurso espírita kardecista brasileiro”, analisamos o *ethos* do discurso espírita, a partir do discurso de um de seus mais conhecidos representantes, o médium Chico Xavier. Como o *ethos* está diretamente ligado à questão da eficácia de um discurso, à sua capacidade de suscitar a crença, selecionamos essa dimensão do discurso como uma das formas de avaliar a pertinência da hipótese que formulamos a respeito do discurso em análise.

Por fim, no fechamento desta dissertação, recuperamos conjuntamente os resultados alcançados, a fim de avaliarmos com mais propriedade a pertinência da hipótese e dos pressupostos teóricos que nos orientaram no desenvolvimento do trabalho.

CAPÍTULO 1

APARATO TEÓRICO-METODOLÓGICO

Na primeira parte deste capítulo, são apresentados os principais pressupostos teóricos que norteiam este trabalho, que se inscreve na linha da Análise do Discurso francesa. Como vamos esclarecer, no quadro teórico que adotamos, as reflexões de Maingueneau sobre a semântica global do discurso, encontramos não apenas um referencial teórico, mas também o que pode ser considerado um método de análise de discurso.² Nessa apresentação, pretendemos expor, em linhas gerais, as teses e as noções que dão suporte à análise que desenvolvemos sobre o discurso espírita. Além disso, ao final do capítulo, apresentamos o *corpus* desta pesquisa, por meio de uma breve descrição das obras que foram utilizadas para analisar o discurso espírita.

1. Semântica Global

Maingueneau definiu o discurso como um “sistema de regras que define a especificidade de uma enunciação” (MAINGUENEAU, 2008, p. 19), deixando claro que o discurso não pode ser pensado em termos de uma arquitetura que se manifestaria na superfície dos textos, inclusive porque não há, no discurso, uma base oculta que guardaria a sua essência. Pelo contrário, a especificidade, segundo o autor, está presente em qualquer uma das dimensões discursivas, por isso, em qualquer uma delas, ela pode ser apreendida. Ao apresentar a definição de discurso em questão, o autor faz uma distinção entre o sistema de

² Segundo Possenti (MAINGUENEAU, 2008, p. 8), trata-se de “um roteiro de trabalho que adquire traços de uma metodologia que pode ser seguida em pesquisas sobre outros *corpora*”.

restrições de boa formação semântica, que ele chama de “formação discursiva” e o conjunto de enunciados produzidos de acordo com esse sistema, a superfície discursiva. “Discurso” é o termo que o autor emprega para se referir à relação que une esses dois conceitos. Assim, discurso é tanto um conjunto de textos efetivos quanto um conjunto de textos virtual, aquele dos possíveis enunciados produzíveis de acordo com as restrições da formação discursiva.

Posteriormente à publicação da obra citada, conforme podemos notar também no prefácio do autor incluído na tradução brasileira, feita por Sírio Possenti, Maingueneau assume que fez, nos termos apresentados, utilização “frouxa” da noção de “formação discursiva”, que, hoje, seria preferencialmente substituída pela noção de “posicionamento”, conforme as diferenças que apresenta sobre as unidades tópicas e não tópicas com as quais as diversas tendências da Análise do discurso francesa trabalham. De qualquer forma, neste trabalho, empregamos os termos em questão seguindo Maingueneau (2008).

O sistema de regras de boa formação semântica do discurso diz respeito a um conjunto de coerções semânticas que são globais, isto é, que restringem, ao mesmo tempo, todos os planos do discurso (vocabulário, temas tratados, intertextualidade, instâncias de enunciação). Segundo Maingueneau, esses traços semânticos não se prestam a garantir a gramaticalidade dos enunciados, mas definem os *operadores de individuação* de um discurso, que funcionam como uma espécie de filtro responsável pelos critérios por meio dos quais os textos se filiam a determinado discurso ao mesmo tempo em que se distinguem do conjunto dos textos possíveis.

Esse quadro teórico desenvolvido por Maingueneau sobre o discurso não deixa de ser também um método de pesquisa, no qual o analista, atento à “significância” que domina todo o discurso, deve explicitar as regras que lhe sustentam. A esse respeito, Fossey (2011), no trabalho em que analisa dois posicionamentos discursivos sobre educação sexual (um laico e outro religioso), afirma:

Uma proposta como essa **pressupõe uma metodologia de pesquisa**, que pode ser resumida da seguinte forma: a partir de um conjunto finito de enunciados representativo de um discurso – o corpus de pesquisa propriamente dito – é **possível “extrair” um conjunto de regras** que subjazem a estes enunciados. Esse conjunto de regras, poucas e simples, compõe o sistema de restrições semânticas próprio de um discurso (FOSSEY, 2011, p. 58; grifos nossos).

Como se trata de um sistema global, os traços semânticos do discurso estão presentes em todos os planos discursivos. De acordo com Brunelli (2008), do ponto de vista metodológico, isso significa que a eleição dos planos a serem analisados para a sistematização das características de um discurso é arbitrária em relação ao sistema de coerções semânticas que define esse discurso. Sendo assim,

cabe ao analista a tarefa de selecionar os planos discursivos mais interessantes para a apreensão de um discurso, bem como a de verificar, à medida que avança a investigação que promove a respeito de um determinado discurso, a pertinência das revelações que vêm emergindo com a análise de cada um dos planos selecionados (BRUNELLI, 2008, p.18).

Assim, entendemos que a validade de nossa hipótese inicial pode ser demonstrada por meio de qualquer plano discursivo. Optamos, então, por fazê-lo por meio de uma investigação do *ethos*, apresentada no capítulo 4. Nossa escolha por essa dimensão da discursividade se deve ao fato de que, conforme será tratado no capítulo em questão, o *ethos* está diretamente ligado à eficácia discursiva, isto é, ao seu poder de suscitar a crença. Além disso, nossa hipótese inicial também é avaliada no capítulo 2, em que tratamos da face mais social do discurso espírita kardecista brasileiro.

2. Sobre a noção de prática discursiva

Ao refletir sobre as relações entre o discursivo e o extradiscursivo, Maingueneau observa que não existe relação de exterioridade entre o discurso e o funcionamento do grupo social associado a esse discurso. Pelo contrário, para o autor, as duas instâncias estão mesmo imbricadas.³ A esse respeito, o autor afirma:

(...) é preciso articular as coerções que possibilitam a formação discursiva com as que possibilitam o grupo, já que estas duas instâncias são conduzidas pela mesma lógica. Não se dirá, pois, que o grupo gera um discurso do exterior, mas que **a instituição discursiva possui, de alguma forma, duas faces**, uma que diz respeito ao social e outra, à linguagem. A partir daí, **as formações discursivas concorrentes em uma determinada área também se opõem pelo modo de funcionamento dos grupos que lhes estão associados**. (MAINGUENEAU, 1997, p. 55; grifos do autor).

Ao postular essa imbricação radical entre grupos e formações discursivas, o autor questiona a adequação do emprego da noção de formação discursiva, considerando a necessidade de designar, adequadamente, as duas vertentes do discurso. Desse modo, inspirado nas reflexões de Michel Foucault sobre a dispersão regrada dos lugares institucionais passíveis de serem ocupados por um sujeito de enunciação, o autor passa a adotar a noção de “prática discursiva”, que reformula para designar a reversibilidade essencial que há entre as duas faces do discurso, isto é, a textual e a social.

Nesses termos, a noção de “prática discursiva” diz respeito não só à formação discursiva como também à “comunidade discursiva”, isto é, “o grupo ou a organização de grupos no interior dos quais são produzidos, gerados os textos que dependem da formação discursiva” (MAINGUENEAU, 1997, p. 56).

A esse respeito, o autor nos esclarece que a noção de “comunidade discursiva” não deve ser entendida de forma restritiva, pois não remete unicamente aos grupos

³ Conforme lembra o próprio autor, há outros autores que já haviam proposto essa mesma imbricação. A esse respeito, remetemos a Maingueneau (2008), capítulo 5.

(instituições e relações entre agentes), mas também a tudo que estes grupos implicam no plano da organização material e modos de vida. Conforme observam Souza e Silva (2013), com a noção de comunidade discursiva, fica claro que os modos de organização dos homens e de seus discursos são inseparáveis; assim, “a enunciação de uma formação discursiva supõe e torna ao mesmo tempo possível o grupo que lhe está associado” (SOUZA e SILVA, 2013, p. 112).

Diante do exposto e considerando o discurso nos termos de um sistema de restrições semânticas globais, devemos ter em mente que esse sistema de restrições diz respeito, portanto, não só à vertente textual de uma prática discursiva, mas também à sua vertente social. Desse modo, as instituições que produzem e fazem circular o discurso estão submetidas ao mesmo processo de estruturação desse discurso. Segundo Maingueneau, não se trata de pensar só na organização social da comunidade discursiva, na sua estrutura hierárquica propriamente dita, mas também nas relações humanas relativas a essa organização. Nas palavras do autor:

(...) tem-se que levar em conta uma instância de embreagem entre a discursividade e sua inscrição institucional: o tom, a incorporação dos enunciadores e dos protagonistas, seu **temperamento** não são somente realidades textuais, **funcionam também como modelo de interação no interior das comunidades**. (MAINGUENEAU, 2007, p. 131; grifos nossos)

Feitos esses esclarecimentos, neste trabalho, vamos analisar o discurso espírita considerando-o como prática discursiva, isto é, procurando fazer aparecer “a imbricação semântica irreduzível” (MAINGUENEAU, 2008, p. 136) que há entre os seus aspectos textuais e não textuais.

3. O corpus

O discurso espírita conta com uma produção bibliográfica muito vasta. Segundo a revista *Istoé*,⁴ os livros espíritas lideram o *ranking* dos livros religiosos mais vendidos nas principais livrarias, seguidos pelas obras cristãs e judaicas. Além das obras consideradas doutrinárias (o conjunto de obras codificadas por Allan Kardec), temos, também, as obras psicografadas por médiuns. A esse respeito, devemos considerar a produção do médium Francisco Cândido Xavier, que ultrapassou 400 obras. Entre essas, podemos destacar uma que obteve sucesso em especial, “Nosso Lar”, que, recentemente, foi documentada no cinema pelo diretor Wagner de Assis (2011).

Assim, para analisar o discurso espírita, foi necessário selecionar algumas dessas obras. O primeiro critério empregado para a composição do *corpus* foi a relevância da obra para os próprios adeptos do discurso espírita kardecista. Desse modo, selecionamos obras de Allan Kardec, considerado o “codificador” do discurso espírita, tais como *O Evangelho segundo o Espiritismo*, *O Livro dos Espíritos* e *O Livro dos Médiuns*.

O Evangelho segundo o Espiritismo apresenta os ensinamentos morais de Jesus Cristo para os cristãos, independentemente de sua religião. Segundo a FEB (Federação Espírita Brasileira), esse livro foi “desenvolvido pelos Espíritos de Luz em comunicações mediúnicas recolhidas, organizadas, comentadas e trazidas a público”. Dessa forma, para um leitor cristão, a obra trata dos ensinamentos morais de Jesus Cristo para os humanos.

Já *O Livro dos Espíritos* reúne ensinamentos transmitidos por “espíritos superiores” de diferentes regiões do mundo. Segundo os espíritas, essa obra marca o início do discurso espírita, com grande repercussão sobre o pensamento e sobre a visão de vida de parte da humanidade. Essa obra está dividida em quatro partes diferentes, com mais de mil

⁴ Disponível em: http://www.istoe.com.br/reportagens/17034_LEITORES+DE+FE Acesso em: 15 out de 2013, às 15:05.

perguntas feitas por Allan Kardec para espíritos-guia, sobre temas espíritas, considerando-se os aspectos científico, filosófico e religioso. São perguntas relacionadas à origem de Deus e do universo, de conceitos sobre a natureza dos espíritos, de questionamentos humanos, tais como o passado, o presente e o futuro, envolvendo, sobretudo, as incertezas humanas.

O *Livro dos Médiuns* trata basicamente da teoria que envolve as manifestações, as formas de comunicação entre mundo terrestre e mundo conhecido como espiritual. É uma obra considerada importante entre os adeptos do discurso espírita para a compreensão do fenômeno da mediunidade (segundo os espíritas, comunicação entre diferentes mundos).

Além das obras de Kardec, como nosso objetivo é analisar o discurso espírita kardecista tal qual se encontra circulando atualmente no país, decidimos incluir no *corpus* produções mais contemporâneas.

Para tanto, consideramos edições mais recentes da revista *O Reformador*, publicada mensalmente pela FEB (Federação Espírita Brasileira), há mais de 126 anos. A princípio, poderíamos incluir no *corpus* qualquer uma das edições desse periódico, que versa sobre temas diversos, todos tratados à luz do discurso espírita. Porém, considerando que não estamos adotando uma perspectiva diacrônica e que nosso foco é o discurso espírita “contemporâneo”, por assim dizer, selecionamos edições mais recentes, veiculadas nas últimas décadas e acessíveis no *site*⁵ da revista.

Assim, não deixamos de considerar a mídia virtual como ferramenta auxiliar para a composição de nosso *corpus*. Além do *site* da revista *O Reformador*, recorreremos a outros *sites* ligados ao discurso espírita, tais como o da FEB (Federação Espírita Brasileira), o de Francisco Xavier (médium brasileiro que emergiu a partir da segunda metade do século XX), o de Divaldo Franco (*site* que divulga informações a respeito deste, médium espírita brasileiro na contemporaneidade). Nesses *sites*, encontramos inúmeros tipos de textos. Entre eles, há

⁵ Disponível em: <http://www.febnet.org.br/blog/geral/conheca-a-feb/revista-reformador/>. Acesso em: 10 de mar de 2013, às 8:55.

mensagens psicografadas por médiuns e informes sobre eventos promovidos pelas associações espíritas do país.

E, para finalizar, não poderíamos deixar de considerar uma obra relacionada à expansão do discurso espírita no Brasil: *Pinga-fogo com Chico Xavier*. Publicada recentemente pela Editora *InterVida* e organizada pelo jornalista Saulo Gomes, essa obra traz, na íntegra, as duas antológicas edições do programa “Pinga-Fogo da TV Tupi”, transmitidas pela Rede Tupi de Televisão, no ano de 1971. Conforme vamos esclarecer no próximo capítulo, toda a produção discursiva atribuída ao médium Chico Xavier, incluindo essas entrevistas, contribuiu de modo muito significativo para a expansão do discurso espírita no país, especialmente a partir da segunda metade do século XX. Daí o fato de termos incluído no *corpus* a obra em questão. Contribui também para essa seleção o fato de se tratar de uma obra contemporânea, lançada recentemente.

Diante do exposto, nota-se que organizamos um *corpus* bastante diversificado, que inclui diferentes gêneros de natureza verbo-visual, o que não deixa de ser um reflexo da própria diversidade da produção relacionada ao discurso espírita.

A respeito dessa produção, vasta e diversificada, nossa hipótese é de que ela ocorra sempre nos limites da semântica global relativa a essa prática discursiva. Assim, bastaria a seleção de alguns poucos materiais para percebermos as regras que lhe subjazem. No entanto, como optamos por trabalhar com um *corpus* mais vasto e diversificado, podemos ilustrar melhor a “produtividade” da semântica global. A esse respeito, Maingueneau afirma:

A enunciação devota, por exemplo, (...), é finita para uma época dada, mas, **no interior dos limites de uma formação discursiva, ela é, entretanto, superabundante e muito repetitiva**: aqui, não se trata de propor modelos das propriedades dos objetos empíricos, como para os “saberes” que Foucault estuda, **mas de operar variações ao infinito sobre esquemas semânticos elementares**. A “raridade” mais extrema que se pode apreender aqui é justamente a dos próprios sistemas de competência, **tão pobres quando se pensa na imensidão e na diversidade da superfície textual que autorizam** (MAINGUENEAU, 2008, p. 51; grifos nossos).

CAPÍTULO 2

AS CONDIÇÕES DE EMERGÊNCIA E DE EXPANSÃO DO DISCURSO ESPÍRITA KARDECISTA BRASILEIRO

Neste capítulo, tratamos das condições de emergência e de expansão do discurso espírita, recuperando acontecimentos que lhes são comumente associados. Além disso, com base nos trabalhos de Hess (1987) e de Silva (2007), apresentaremos princípios básicos propagados pelo discurso espírita desde sua origem na França, em meados do século XIX, até sua manifestação no Brasil, especificamente. Assim, vamos apresentar, de uma forma geral, como esse discurso emergiu na França e no mundo e, posteriormente, no Brasil. Nesta apresentação, não deixamos de mencionar como o discurso espírita encontrou dificuldades para ser aceito, sobretudo no Brasil, país de ideologia predominantemente católica. Ao tratar das condições de emergência e de expansão do discurso espírita, vamos evidenciar como os valores cristãos sempre estiveram presentes nesse discurso, especialmente no Brasil, a partir da segunda metade do século XX.

1. Origens do discurso espírita: “aliança da ciência com a religião”⁶

De acordo com o antropólogo David Hess (1987), o discurso espírita está baseado nos trabalhos de Hippolyte Léon Denizard Rivaile (1804-1860), que, sob o pseudônimo de Allan Kardec, organizou os princípios desse discurso. Kardec não era médium e nem mítico e,

⁶ A esse respeito, ver Kardec (2002, p.65)

sim, pesquisador.⁷ O racionalismo e as ideias iluministas do século XVIII exerceram fortes influências no seu trabalho. Segundo Schmidt (2001, *apud* Silva, 2007), Kardec, que ficou conhecido como codificador⁸ do discurso espírita, desenvolveu suas reflexões sobre o sobrenatural, procurando imprimir-lhe tratamento científico, por causa da influência do movimento positivista e progressista do final do século XIX (positivismo de Comte, evolucionismo de Darwin, darwinismo social de Spencer). Schmidt ainda afirma que essas correntes procuravam romper com as explicações abstratas e metafísicas, buscando desvendar racionalmente a lógica do mundo natural, social, humano e sobrenatural, preferencialmente por meio da observação empírica, considerando que elas tinham em comum a convicção de que a ciência e a técnica poderiam resolver os problemas básicos da humanidade. Para Arribas (2003),

Formas de religiosidade mística se desenvolviam naquele momento, paralelamente a ideias científicas e positivistas, como as de Auguste Comte. Em meio a esses dois pólos, encontrava-se Allan Kardec, pseudônimo do pedagogo francês Hippolyte Léon Denizard Rivail, reconhecido por espíritas e não espíritas como **codificador de um corpo teórico filosófico-religioso-científico**, que parte de pressupostos indiscutíveis, tais como a imortalidade da alma, a pluralidade das vidas e a existência de Deus (ARRIBAS, 2008, p. 19-20; grifos nossos).

De acordo com Hobsbawn (1996, *apud* Silva 2007, p.44), “os homens cultos daquela época não estavam apenas orgulhosos de suas ciências, mas também preparados para subordinar todas as outras formas de atividade intelectual a elas”. Foi nesse contexto histórico-social em que surgiu o discurso espírita no mundo. Em 1857, Kardec publicou o

⁷ Allan Kardec tem formação na área da Pedagogia e revelou-se pesquisador durante sua vida. A esse respeito, o biógrafo Marcelo Souto Maior *realizou uma pesquisa durante vinte anos, documentando-a por meio da obra Kardec - A Biografia*.

⁸ Segundo os espíritas, Allan Kardec “codificou” o espiritismo porque foi ele quem organizou e sistematizou todo o conteúdo divulgado pela doutrina espírita por meio de cinco obras: *O livro dos Espíritos* (1857), *O livro dos médiuns* (1861), *O Evangelho Segundo o Espiritismo* (1864), *O Céu e o Inferno* (1865) e *A Gênese* (1868).

Livro dos Espíritos, uma de suas principais obras, na qual apresenta o espiritismo como uma espécie de “ciência empírica do mundo dos espíritos”.⁹ Vejamos:

O Espiritismo é a ciência nova que vem revelar aos homens, por meio de provas irrecusáveis, a existência e a natureza do mundo espiritual e as suas relações com o mundo corpóreo. Ele no-lo mostra, não mais como coisa sobrenatural, porém, ao contrário, como uma das forças vivas e sem cessar atuantes da Natureza, como a fonte de uma imensidade de fenômenos até hoje incompreendidos e, por isso, relegados para o domínio do fantástico e do maravilhoso. É a essas relações que o Cristo alude em muitas circunstâncias e daí vem que muito do que Ele disse permaneceu ininteligível ou falsamente interpretado. O Espiritismo é a chave com o auxílio da qual tudo se explica de modo fácil (KARDEC, 2002, p. 64).

Nesses termos, o discurso espírita pode ser considerado como um modo de compreender os fenômenos espiritualistas do momento à luz da onda racionalista propagada pelos filósofos iluministas e pelos grandes pensadores do século XVIII e XIX. Segundo Arribas (2003, p.20), Kardec não tinha pretensão de contrariar as descobertas no campo da ciência. Porém, como não ficou isento das influências espiritualistas do momento, para conciliar os dois discursos, seguiu a premissa de que “o sobrenatural não existe”. Dessa forma, esse pressuposto é que define o tratamento dos fenômenos “sobrenaturais” no discurso espírita:

Não podemos, pois, considerar o Espírito como uma simples abstração, mas como um ser limitado e circunscrito, a que só falta ser visível e palpável para assemelhar-se às criaturas humanas. O pensamento é um atributo do Espírito. A possibilidade de agir sobre a matéria, de impressionar os nossos sentidos e, portanto, de transmitir-nos o seu pensamento, é uma consequência, podemos dizer, da sua própria constituição fisiológica. **Não há, pois, nesse fato, nada de sobrenatural, nada de maravilhoso.** [...] Não obstante, dirão, admitis que um Espírito pode elevar uma mesa e sustentá-la no espaço sem um ponto de apoio. Isso não é uma derrogação da lei da gravidade? – Sim, da lei conhecida; mas a Natureza já vos disse a última palavra? Antes das experiências com a força ascensional de certos gases, quem diria que uma pesada máquina carregando muitos homens poderia vencer a força de atração? Aos olhos do vulgo isso não deveria parecer maravilhoso, diabólico? (KARDEC, 2003, p. 24; grifos nossos).

⁹ Cf. Hess (1987). “Kardec viewed his doctrine as a kind of empirical science of the spirit world, but a science that bridged the gap between is and ought by transforming what he believed to be the face of spirit communication into the moral principles of Spiritist doctrine” (Hess, 1987, p. 16).

Seguindo essa linha de pensamento “científico”, Kardec, em suas obras, define o discurso espírita como um conjunto de princípios e leis, revelados pelos espíritos superiores, que tratam da natureza, da origem e do destino dos espíritos, bem como de suas relações com o mundo corporal.

Essa tentativa de aproximar ciência e fé cristã acabou gerando divergências entre os adeptos do discurso espírita, que o consideravam ora como ciência, ora como religião. Conforme observa Hess (1987), essas divergências estão relacionadas a dois fatos que marcaram o desenvolvimento do espiritismo. De um lado, tanto a Medicina quanto a Igreja Católica tentaram silenciar o discurso espírita, pela ameaça que representava para o prestígio de que desfrutavam. De outro, a divisão entre ciência e religião voltou a ser uma cisma durante o período de emergência do discurso espírita. Assim, formaram-se duas tendências após a publicação de Kardec na França: a de considerá-lo como ciência e a de considerá-lo como religião. Hess (1987, p. 16) afirma que Kardec definiu como científica a prerrogativa de que o espiritismo visava classificar os fenômenos mediúnicos, o que desencadeou pesquisas psiquiátricas à luz das ideias e das tendências progressistas do discurso espírita.

Sobre a outra tendência, Hess (1987) a associa à publicação de *Revelação da Revelação*, por um membro da Sociedade Espírita de Bordeaux, Roustain. Essa obra, publicada em 1866, ressalta a divindade de Jesus Cristo e a materialização dele na Terra. O precursor do espiritismo na França não aceitou essas ideias e as contestou por meio das obras *Reescritura do Espiritismo e Gênesis*.

Seja qual for a tendência, o fato é que o próprio discurso espírita, conforme já dito, promove essa aproximação entre esses dois campos discursivos, apresentando-se como uma via de superação de suas diferenças. Nas palavras do discurso espírita:

A Ciência e a Religião são as duas alavancas da inteligência humana: uma revela as leis do mundo material e outra, as do mundo moral. Tendo, no entanto, essas leis o mesmo princípio, que é Deus, não podem contradizer-se. Se fosse a negação uma da outra, uma necessariamente estaria em erro e outra com a verdade, porquanto Deus não pode pretender a destruição de sua própria obra. (...)

São chegados os tempos em que **os ensinamentos do Cristo** têm de ser completados; em que o véu intencionalmente lançado sobre algumas partes desse ensino tem de ser levantado; **em que a Ciência, deixando de ser exclusivamente materialista, tem de levar em conta o elemento espiritual; e em que a Religião, deixando de ignorar as leis orgânicas e imutáveis da matéria, como duas forças que são, apoiando-se uma na outra e marchando combinadas, se prestarão mútuo concurso.** Então, não mais desmentida pela Ciência, a Religião adquirirá inabalável poder, porque estará de acordo com a razão, já se lhe não podendo mais opor a irresistível lógica dos fatos. A Ciência e a Religião não puderam, até hoje, entender-se, porque, encarando cada uma as coisas do seu ponto de vista exclusivo, reciprocamente se repeliam. **Esse traço de união está no conhecimento das leis que regem o Universo espiritual e suas relações com o mundo corpóreo, leis tão imutáveis quanto as que regem o movimento dos astros e a existência dos seres.** (...). (KARDEC, 2002, p. 65; grifos nossos)

Ainda a respeito da emergência do discurso espírita, com base no *Curso Básico de Espiritismo* promovido pelo Grupo Espírita Bezerra de Menezes da cidade de São José do Rio Preto (SP) e também no *Estudo Aprofundado da Doutrina Espírita*, organizado pela FEB, constatamos que, para os espíritas, a origem do discurso espírita no mundo remonta a meados do século XIX, mais precisamente ao ano de 1848, com o caso de Hydesville e, posteriormente, com o fenômeno das “mesas girantes”. Esses acontecimentos foram bastante marcantes para o advento do discurso espírita.

Segundo Mauricio Manuel (2010), em seu artigo intitulado “Irmãs Fox: o marco inicial do espiritismo moderno”,¹⁰ em dezembro de 1847, a família Fox - pai, mãe e duas filhas - chega ao povoado de Hydesville, mudando-se para uma casa que tinha fama de mal-assombrada. Nos meses seguintes, começaram a ocorrer fenômenos estranhos, envolvendo especialmente as irmãs Fox. De acordo com as pessoas que moravam na cidade, as meninas conseguiram fazer contato com espíritos. Em um desses contatos, o espírito revela ter sido

¹⁰ Disponível em: <http://link.periodicos.capes.gov.br> Acesso em: 04 nov de 2013, às 11:46.

morto na casa onde a família Fox vivia. O pai das meninas resolve, então, fazer escavações no local e encontra resquícios mortais. E “pesquisas” revelaram, mais tarde, que Charles Rosma, conhecido como “Senhor Perneta” pelas irmãs, fora morto naquela casa havia cinco anos. Em seguida, os fenômenos relacionados à suposta mediunidade das meninas passaram a atrair multidões. Como o interesse da população crescia, as irmãs passaram a fazer demonstrações públicas, inclusive em Nova Iorque, em 1850. Posteriormente, na década de 1870, elas se mudam para Londres onde são vítimas dos vários farsantes da época.

O caso citado ocorreu na América do Norte, especificamente nos Estados Unidos, mas o mundo todo, especialmente a Europa, já estava mobilizado com ideias relacionadas à existência da mediunidade. Assim, com a difusão dos conceitos de liberdade, de fraternidade e de igualdade entre os homens durante a Revolução Francesa e a separação entre o estado e a igreja, a sociedade francesa ficou mais tolerante e madura, o que deixou o ambiente político-social do país propício ao advento do espiritismo.

Além disso, outros “fenômenos mediúnicos” já estavam ocorrendo muito antes desse que é considerado o marco oficial (episódio Hydesville) do espiritismo. De acordo com os preceitos divulgados pelo *Curso Básico de Espiritismo*,¹¹ Emmanuel Swedenborg, Andrew Jackson Davis e Daniel Dunglas Home, entre outros, podem ser considerados precursores do espiritismo.

Swedenborg era católico e grande autoridade em Física e Astronomia. Em 1744, em Londres, o interesse do cientista pelo sobrenatural foi revelado com a divulgação do trabalho que estaria desenvolvendo em contato com “o outro mundo”. Swedenborg acreditava que uma densa nuvem havia se formado ao redor da Terra por causa do psiquismo da humanidade, em uma clara antecipação da “atmosfera fluídica” a que o discurso espírita iria

¹¹ *Curso Básico de Espiritismo* está disponível no site: <http://www.espirito.org.br/portal/doutrina/espiritismo-para-iniciantes-0.html> Acesso em 14 jul de 2013, às 10:49. Esse curso tem como meta oferecer às pessoas que se interessam pelo discurso espírita oportunidade de entrarem em contato com seus princípios.

se referir posteriormente. Muitos são os relatos deixados por ele em relação à sua experiência com o mundo espiritual; entre eles, destacamos a passagem em que relata o que poderíamos considerar como a sua primeira “visão” do mundo espiritual:

Na mesma noite, o mundo dos Espíritos, do céu e do inferno, abriu-se convincentemente para mim, e aí encontrei muitas pessoas de meu conhecimento e de todas as condições. Desde então, diariamente o Senhor abria os olhos de meu Espírito para ver, perfeitamente desperto, o que se passava no outro mundo e para conversar, em plena consciência, com anjos e Espíritos (SWEDENBORG, 1744).

Já Andrew Daves foi um jovem norte-americano nascido na década de 1820, num ambiente pobre. Daves teria experimentado, ainda durante a infância, algumas “revelações psíquicas”. Como esse fenômeno teria se intensificado com seu crescimento, na fase adulta, ele manifestou o desejo de escrever um livro, o que fez por meio de “transes mediúnicos” e da ajuda de um secretário que anotava todas as suas palavras. Todos os seus trabalhos posteriores foram reunidos e receberam o nome de “Filosofia Harmônica”. Muitas outras experiências de clarividência teriam acontecido a Davis, que teria, inclusive, previsto o aparecimento do automóvel, da máquina de escrever e do próprio espiritismo.

Daniel Dunglas Home, por sua vez, foi um médium que despertou bastante o interesse da população. A manifestação de sua mediunidade teria ocorrido praticamente ao mesmo tempo em que o caso das irmãs Fox, nos Estados Unidos. Home ficou conhecido mundialmente por causa de fenômenos paranormais que teriam acontecido à sua volta, o que despertou a atenção de estudiosos no mundo todo. Foi contemporâneo de Allan Kardec, mas, embora Kardec faça menção a seu nome em suas obras, nunca se conheceram. Conforme as orientações do Grupo Bezerra de Menezes, Home foi um médium surpreendente, pelo fato de não ter sido espírita e, ainda assim, ter atribuído a responsabilidade dos fenômenos paranormais aos espíritos, contribuindo, dessa forma, para popularização do discurso espírita pela América e pela Europa.

Na mesma época, em 1850, na França, iniciam-se os casos das “mesas girantes”, uma espécie de forma de comunicação com o mundo espiritual. Para tanto, havia uma mesinha redonda, de três pés, e, ao redor dela, algumas pessoas se aproximavam para provocar manifestações de forças sobrenaturais. As mãos dos presentes eram colocadas sobre a superfície da mesa que, por meio de um fenômeno de efeitos físicos, dava saltos sobre seus pés, girando e dando pancadas. A comunicação com o “outro mundo” era feita por meio de um código alfabético semelhante ao utilizado pelas irmãs Fox.

Segundo Guillaume Cuchet (2005, *apud* Silva, 2007), o discurso espírita surgiu por causa da união de correntes discursivas diferentes: as experiências do magnetismo animal, as teologias humanitárias (caso Swedenborg e outros) e o espiritualismo anglo-americano (caso Hydesville). Porém, do ponto de vista de Silva (2007), essa “herança” não foi uma simples “transposição ou somatória”, dada a síntese particular elaborada por Kardec.

No trabalho que desenvolve, do ponto de vista da História, sobre representações espíritas, Silva (2007) também informa que o espiritualismo que teve auge em 1850 foi precedido por outro fenômeno importante: o mesmerismo. Segundo o autor, esse movimento teve bastante popularidade em Paris, no século anterior, aproximadamente no período compreendido entre 1778 e 1785. Nessa época, Mesmer divulgava a existência de um fluido magnético que seria utilizado para a transmissão de energias curativas por meio de ímãs. Convencido de que muitas pessoas tinham esse fluido, Mesmer prometia a cura de uma série de doenças. Mesmer chegou a atender cerca de 300 pessoas por dia, o que causou incômodo na classe médica e na Igreja, que, em 1841, por meio de um decreto do papa Gregório XVI, declarou o exercício ilícito.

O mesmerismo, ainda segundo o relato de Silva (2007), envolveu-se com várias lutas durante a Revolução Francesa. Entre elas, Silva cita os conflitos de julgamento das prováveis curas operadas por Mesmer, o que chegou, inclusive, a envolver a representante

oficial da ciência, a “*Académie des Sciences*”. Em 1784, uma comissão constituída por médicos da Faculdade de Medicina e membros da Academia de Ciências concluiu que o fluido magnético de Mesmer não existia. Assim, o mesmerismo caiu em desprestígio, porém o fenômeno das mesas girantes ganhou força, despertando, então, o interesse de Kardec.

Para compreender melhor o discurso espírita, vale ainda observar que, segundo Silva (1997, p.26), o movimento espírita kardecista francês não deixou de ser também um movimento cristão no qual os adeptos se guiavam pelos conhecimentos fornecidos pelos espíritos, que, supostamente, lhe apresentavam uma nova revelação das verdades cristãs. Desse modo, para a autora, tratava-se de uma nova interpretação do discurso cristão, na qual os ensinamentos de Cristo seriam completados pela aliança com o discurso científico, que deixaria de ser exclusivamente materialista. A esse respeito, vale notarmos que, na obra *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, Kardec apresenta o discurso espírita como uma espécie de tradução dos ensinamentos de Cristo, afirmando que o espiritismo

chama os homens à observância da lei; ensina todas as coisas, fazendo compreender o que o Cristo só disse em parábolas. O Cristo disse: “**que ouçam os que têm ouvidos para ouvir**”. O Espiritismo vem abrir os olhos e os ouvidos, porque ele fala sem figuras e alegorias. Levanta o véu propositalmente lançado sobre certos mistérios (...). (KARDEC, 2002, p. 157)

De fato, a própria introdução da obra a apresenta dessa forma; vejamos:

Muitas passagens do Evangelho, da Bíblia, e dos autores sagrados são ininteligíveis, e muitas mesmo parecem absurdas, por falta de uma chave que nos dê o seu verdadeiro sentido. Essa chave está inteirinha no Espiritismo, como já se convenceram os que estudaram seriamente a doutrina, e como ainda melhor se reconhecerá mais tarde (KARDEC, 2002, p. 25)

Sobre a aliança do discurso cristão com o discurso científico, remetemo-nos, novamente, ao contexto no qual surgiu o discurso espírita. Conforme já dito, a ideia de progresso, em meados do século XIX, era dominante. Assim, a ideologia iluminista, principalmente o evolucionismo de Darwin e o positivismo de Comte, de acordo com Silva (2007), influenciou fortemente o discurso espírita. Um indício dessa influência é o tratamento dado pelo discurso espírita aos espíritos, que são classificados por meio de uma escala que toma a sua “evolução” como critério. Quanto a esse aspecto, Silva (2007), observa que, em *O Livro dos Espíritos*, Allan Kardec coloca os espíritos, “os seres inteligentes da criação”, em um esquema progressista. Dessa forma, para o discurso espírita, não apenas os espíritos evoluem e progridem, mas a sociedade também. A esse respeito, o autor cita a seguinte passagem do discurso espírita que trata da questão do progresso:

O estado natural é a infância da humanidade e o ponto de partida de seu desenvolvimento intelectual e moral [...].
O progresso, sendo uma condição da natureza humana, não está ao alcance de ninguém a ele se opor (KARDEC, 2002, *apud* SILVA, 2007).

Ainda segundo Silva (2007, p.204), em relação à evolução humana, o discurso espírita está bem próximo das ideias de Darwin ao afirmar que “Acompanhando-se passo a passo a série dos seres, dir-se-ia que cada espécie é um aperfeiçoamento, na transformação da espécie imediatamente inferior” (Kardec, 1990, p. 204). Trata-se, nos termos Stoll (1999, *apud* Silva, 2007), de uma “reprodução da visão científica dominante à época”. Essa autora afirma que, entre 1850 e 1870, a poligenia era a tese predominante nos círculos científicos da Europa e da América. Segundo essa corrente de pensamento, a humanidade tinha surgido de uma fonte comum. No entanto, a publicação do livro de Darwin, *A Origem das Espécies*, consolida uma tese contrária: a monogenia, que postula não apenas a unidade da espécie, mas também a origem comum de todas as raças humanas.

No discurso espírita, notam-se mudanças relativas a essa temática. Stoll lembra que, em *O Livro dos Espíritos*, a ideia de que a humanidade é criação divina é reafirmada, ao passo que a ideia de uma origem em comum das raças, refutada. Já em *A Gênese*, Kardec dedica maior espaço à apresentação das recentes informações científicas relativas às origens do universo e da humanidade. Assim, de acordo com a autora, certos pressupostos do discurso espírita são atualizados com a incorporação de ideias que traduziam o pensamento das novas correntes que vinham conquistando a hegemonia no campo científico. Diante do exposto, podemos dizer que o discurso espírita surgiu não só atravessado pelo discurso cristão, mas também pelos discursos relacionados à ciência e ao progresso que estavam em ascensão no século XIX.

Por fim, é interessante observarmos que, de acordo com Silva (2007, p. 45), o fato de o discurso espírita ter se tornado, de certa forma, popular no século XIX não deve ser tomado como um indício de um suposto retorno às origens misticistas, já que representava uma “radicalização do Iluminismo”. Nas palavras de Silva (2007):

Vemos que o Espiritismo não só acompanhava a crença no progresso pela ciência, como acompanhava também **o progresso da ciência**, ultrapassando os limites da própria ciência ao levar **os esquemas evolucionistas à questão da alma**. O próprio princípio espírita da comunicação com os espíritos pode ser entendido como correspondente ao próprio desenvolvimento dos meios de comunicação do século XIX e a prática da psicografia mecânica, na qual o espírito se utilizaria das mãos do médium como se fosse uma “máquina de escrever”, também revela as preocupações com a industrialização e consequente mecanização da produção (SILVA, 2007, p.52; grifos nossos).

2. O Espiritismo no Brasil: do final do século XIX até a segunda metade do século XX

Com o advento do Espiritismo na França, posteriormente, esse discurso começou a circular também no Brasil. Assim como na Europa, de início, a recepção não foi nada tranquila. Hess (1987) nos lembra, por exemplo, de que, em 1871, surgiu a Associação Espírita Brasileira como organização científica, já que a Igreja Católica proibiu que fosse nomeada como “Sociedade Espírita Brasileira”. Em 1884, foi fundada a FEB (Fundação Espírita Brasileira), maior organização representante do movimento espírita até os dias atuais. Porém, na época de sua criação, não havia união entre os espíritas. Após a elaboração no país de um código penal que proibia certas práticas espíritas, houve, então, uma divisão entre os espíritas (adeptos da versão “científica” x adeptos da versão religiosa), o que levou, inclusive, a FEB a lançar *O Reformador*, uma das mais antigas publicações veiculadas pelo discurso espírita.

Araia (1996, *apud* Silva, 2007) também constata uma divisão de interesses entre os adeptos do discurso espírita: uma linha era constituída pelos representantes do discurso científico, que se interessavam fundamentalmente pela fenomenologia, e outra, pelos místicos, que enfatizavam exatamente o lado evangélico do discurso espírita e propunham como item básico a leitura de *O Evangelho Segundo o Espiritismo*. É por isso que alguns estudiosos chegaram à conclusão de que o discurso espírita no Brasil sofreu uma alteração em relação ao discurso espírita na Europa. Segundo Stoll (1999, *apud* Silva, 2007, p. 53), o espiritismo, na Europa, apresentava um caráter científico e filosófico mais acentuado do que no Brasil, onde ganhou características mais religiosas. Essa ideia é defendida por muitos pesquisadores por causa do misticismo presente na tradição cultural brasileira.

Apesar desse conflito entre religião e ciência, não podemos dizer, segundo Silva (2007), que o discurso espírita tenha se configurado no Brasil como “uma deturpação da doutrina europeia” (SILVA, 2007, p.53); afinal, de acordo com Stoll (1999, *apud* Silva, 2007, p. 53) “as diferenças apresentadas por uma mesma religião em lugares diferentes são geradas por tensões inerentes ao processo de universalização das religiões, pois variam as estratégias sociais para resolver o dilema: adaptação versus preservação de princípios”.

Ainda sobre as divergências entre grupos espíritas, Hess (1987) destaca o ano de 1895 na história do discurso espírita, quando Bezerra de Menezes foi convidado para voltar a presidir a FEB. Como a gestão dele foi muito bem sucedida, houve uma reforma na Federação, com a extração, em seus documentos, das referências ao discurso de Roustaing, que acreditava em Cristo materializado.¹² De certa forma, segundo Hess, essa foi uma tentativa de apaziguar as facções científicas. O resultado disso foi que o discurso espírita somente recebeu apoio dos seus adeptos religiosos quando o discurso de Roustaing foi reintroduzido.

Posteriormente à reinserção da tese de Roustaing, o discurso espírita passou no país por mais reformas. Hess (1987, p. 19) afirma que um dos aspectos desenvolvidos nesse momento pelo discurso espírita foi a ênfase dada à “desobsessão” como forma de tratamento para vários tipos de doença. Esse fenômeno consiste, de acordo com o discurso espírita, em um tipo de procedimento de conversão dos espíritos errantes que têm obsessão pela vida, causando nas pessoas sintomas semelhantes aos presentes nas doenças mentais e físicas. Foi nesse contexto que, segundo Hess (1987), Bezerra de Menezes escreveu vários artigos sobre o fenômeno da “desobsessão”, incluindo o título “A loucura sob novo prisma”. Ainda, *O Reformador*, jornal oficial da FEB, apresenta muitas referências em relação à cura da obsessão após a administração de Bezerra de Menezes.

¹² Conforme já dito, segundo Hess (1987), Roustaing, ao publicar a obra *Revelação da Revelação*, em 1866, ressaltou a divindade de Cristo e sua materialização na Terra, enfatizando, assim, a presença do discurso cristão no discurso espírita.

No campo da medicina, os médicos Murilo de Campos e Antônio Xavier enxergaram no espiritismo um problema social, pois, segundo Xavier, 90% de seus pacientes frequentavam centros espíritas, associando, assim, o discurso espírita a doenças relacionadas à psique. Como resultado, na década de 1930, muitos centros espíritas foram fechados. Como o discurso espírita ascendia no país, a percepção médica, contrária a esse discurso, associava os seus adeptos a portadores de doenças mentais. Porém, seus líderes lutaram para combater essa ideia, e, posteriormente, a FEB fundou hospitais psiquiátricos espíritas, embora os pacientes, de uma forma geral, continuassem a ser tratados em hospitais que tinham católicos e protestantes como líderes.

Sobre os problemas de recepção do discurso espírita no Brasil, Almeida & Oda et al. (2007) também registram que, na primeira metade do século XX, a comunidade médica do eixo Rio de Janeiro-São Paulo acusava as religiões mediúnicas de serem causadoras da loucura, o que deixou a doutrina espírita bastante estigmatizada no Brasil no século XX. Conforme relatam os autores, grande parte dos psiquiatras brasileiros da época acreditava na tese de que o espiritismo fazia a maior parte de suas “vítimas” entre aqueles que já apresentassem certa predisposição psicopatológica; assim, muitos desses “doentes” se manteriam nos limites da normalidade caso não fossem expostos repetidamente a fortes emoções (como nas sessões espíritas).

Concomitantemente, nessa época, havia uma “competição” entre o discurso católico e o discurso espírita. De um lado, este tentava ganhar seu espaço, deixando território sólido. De outro, o discurso católico, predominante há muito tempo no país, tentava não deixar seu domínio ser tomado pelo novo discurso que ascendia, progressivamente, no Brasil. Segundo Hess (1987), adversários do movimento espírita, como médicos e católicos, sobretudo, tentavam aproximar a nova doutrina das crenças afro-brasileiras. Do lado espírita,

em 1926, foi criada a LEB (Liga Espírita Brasileira) para protestar contra a educação religiosa nas escolas públicas e o estabelecimento do catolicismo como religião oficial.¹³

Conforme relata Costa (2006, *apud* Silva, 2007, p. 62) na primeira metade do século XX, a Igreja Católica empregou um discurso ao “mesmo tempo agressivo e assustador” contra o discurso espírita, para causar “medo, pavor”, e para alertar sobre as consequências que o contato com a “heresia diabólica” poderia suscitar. Nesse contexto, Costa observa que o discurso católico não buscava explicar o motivo de os fiéis não poderem se aproximar do discurso espírita, nem esclarecia, pela via doutrinária, onde estaria o erro na crença combatida. Segundo Silva (2007),

O diagnóstico mais comum para explicar a propagação do Espiritismo (...) apontava para falta de padres e à ignorância do povo. O remédio geralmente indicado era o esclarecimento do povo. De qualquer forma, percebemos que na disputa pelo espaço religioso, católicos e espíritas utilizavam estratégias semelhantes, enquanto a Igreja clamava contra a ignorância do povo brasileiro e preocupava-se para que não se desviassem da verdadeira religião suas ovelhas, o Espiritismo procurava demonstrar que participava das tradições cristãs, afirmando suas origens espirituais superiores (SILVA, 2007, p. 62).

Diante do exposto, percebemos que o discurso espírita precisou vencer várias barreiras no Brasil, até poder conquistar um número realmente significativo de adeptos, conforme ocorreu a partir da segunda metade do século XX. O próximo item trata desse período de maior expansão do discurso espírita no Brasil.

2.1. Espiritismo no Brasil: segunda metade do século XX até os dias atuais

Considerando o contexto no qual o discurso espírita se instaurou no Brasil no final do século XIX e na primeira metade do século XX, as dificuldades enfrentadas pelos

¹³ Cf. Hess, 1987, p.21.

seguidores desse discurso para que suas ideias fossem propagadas e a resistência que o discurso sofreu por parte de setores da sociedade (médicos e católicos), é válido observamos como o número de adeptos e de simpatizantes desse discurso pode crescer no país.

A esse respeito, cabe observar que, nas décadas de 1940 e 1950, o cenário espírita brasileiro passou por uma mudança importante: nessa época, o médium Chico Xavier¹⁴ alcançou hegemonia entre os espíritas, por meio da publicação das obras psicografadas de André Luiz. A vasta produção literária de Chico garantiria importância ao discurso espírita. A esse respeito da figura do médium, Stoll (2004) afirma:

Do modelo católico de espiritualidade, Chico Xavier extraiu (...) alguns elementos fundamentais que delinearão a sua imagem pública. Basicamente, são os votos monásticos de castidade, pobreza e obediência que dominam essa construção. O que significa que Chico Xavier fundiu a prática da mediunidade ao modelo de virtuosidade característico da religião culturalmente dominante no país. Com isso criou em torno de si uma aura de credibilidade que contribuiu para consolidar sua liderança religiosa (STOLL, 2004, *apud* SILVA, 2007, p. 68).

Corroborando a perspectiva de Stoll (2008), podemos dizer que há uma espécie de santificação em torno da figura do médium brasileiro Chico Xavier, o que configura, de certa forma, uma influência do discurso católico na consolidação do discurso espírita no Brasil. Além disso, cabe mencionar que, segundo Silva (2007, p. 61), quando a Federação Espírita Brasileira (FEB) aceitou as ideias de Roustaing,¹⁵ médium contemporâneo de Allan Kardec, acabou por aproximar o discurso espírita ao discurso católico.

Também quanto a essa aproximação, Silva (2007, p. 64) nota que, numa tentativa de identificar o discurso espírita ao discurso cristão, o discurso espírita da FEB procurou

¹⁴ Segundo Stoll (2002), Chico Xavier é um personagem paradigmático do Espiritismo brasileiro, considerado um dos principais responsáveis pela consolidação da "feição católica" de que se revestiu o Espiritismo no Brasil. Disponível em: <http://link.periodicos.capes.gov.br> Acesso em: 04 nov de 2013, às 11:55.

¹⁵ De acordo com Silva (2007), Roustaing foi contemporâneo de Allan Kardec e publicou *Os Quatro Evangelhos*, cuja autoria ele atribuiu aos próprios evangelistas. Dentre as teses defendidas nessas obras, está um dos dogmas da Igreja Católica, a da virgindade de Maria e consequente explicação para o nascimento de Jesus, segundo a qual ele não teria tido um corpo carnal, somente um espiritual materializado durante sua vida na Terra.

igualar os fundadores da instituição aos apóstolos de Cristo. Outro caso citado pelo autor relativo a essa aproximação diz respeito a uma mensagem publicada na revista *O Reformador*, em abril de 1939. Segundo Silva, embora essa mensagem tenha sido atribuída ao Espírito de Verdade (mesma entidade que teria orientado Allan Kardec), ela se apresenta como se fosse uma mensagem de Jesus Cristo. Vejamos:

Meus filhinhos, a minha paz vos dou.

Abri os seios doloridos de vossas almas acicatadas pela prova, abri o sacrário de vossos corações acrisolados na dor, para dar guarida às celestes emanações que pelos meus emissários constantemente envio, como refrigério ao sofrimento que de quando em vez vem despertar do letargo em que jazeis, para entreverdes as claridades espirituais da vossa regeneração.

Vinde, filhinhos meus muito amados, aprender comigo, que sou manso e humilde, a suportar o peso da vossa cruz [...] vinde repousar no meu seio os vossos espíritos combalidos pelas provações, certos de que felizes sois, pois que o filho do homem não tinha onde reclinar a cabeça.

Irmanai-vos pelo amor, compreendei que sois filhos de um mesmo Pai; chorai com os vossos semelhantes as suas desventuras; vesti os nus; confortai os aflitos e sereis dignos de seguir-me e sereis, de facto, meus discípulos [...].

A Árvore do Evangelho, plantada há dois mil anos na Palestina, eu a transplantei para o rincão de Santa Cruz, onde o meu olhar se fixa, nutrindo o meu espírito a esperança de que breve ela florescerá, estendendo a sua fronde por toda parte e dando frutos sazonados de amor e perdão [...].

Cumpridor fiel da vontade do Pai, toda a minha complacência se distribui por este pobre rebanho desgarrado. Eu, porém, prometi que todos seriam salvos e espero levar-vos, um dia, limpos e puros às suas sacratíssimas plantas, aureoladas as vossas fronteiras pela luz brilhante da purificação final (*Reformador*, Rio de Janeiro, v.55, n.4, p.96-99, abr. 1939, *apud* Silva, 2007, p. 64).

Conforme observa Silva, é possível perceber, por meio das expressões utilizadas (“rebanho”, “sacrário”, “aureolados”, “sacratíssimas”, “purificação”), que se trata de uma mensagem que nada deve a um discurso católico. Assim, percebemos como a FEB valorizava o aspecto religioso no discurso espírita. Silva ainda afirma que, na década de 1940, esse órgão continuava na luta pela hegemonia do movimento espírita. Em um artigo de 1944, a Federação critica os membros que agem em defesa do aspecto científico do discurso espírita. Vejamos a crítica feita:

Por diversos médiuns têm-se manifestado grandes Espíritos anunciando que caberá ao Brasil grandiosa missão no futuro. Terá que partir do nosso país o movimento restaurador do Cristianismo primitivo em tôda a sua pureza, tem sido dito e repetido. A resistência serena da Federação Espírita Brasileira contra adversários internos e externos que tentam desviá-la de sua missão, quando outras grandes instituições espíritas têm falhado em diversos países, deixando-se minar por inimigos internos, parece confirmar essas comunicações do Alto [...].

[...] sem levar em conta os ataques de quantos pretendem transformar o Espiritismo em frias concepções científicas e filosóficas, por meio de pedantes discussões acadêmicas, sem cogitarem da sua força transformadora da conduta do homem pelo fervor evangélico (BRAGA, 1944, p. 233 *apud* SILVA, 2007, p. 66).

Ainda em se tratando da expansão do discurso espírita no Brasil e do papel que Chico Xavier teve nesse processo, graças a sua figura “cristã”, Lewgoy¹⁶ (2004) afirma que Chico Xavier é um personagem que consegue dar “testemunho do sistema de valores do espiritismo kardecista”, cumprindo “uma missão programada no eixo cristão do sacrifício/doação ao outro”. Nas palavras do autor sobre o médium:

Assim, a admissão de entidades intercessoras "a pedir por nós" evidencia o **sincretismo de suas posições com a cultura católico-brasileira**, com seus anjos, santos e benfeitores, estranhos a uma concepção mais linear, impessoal e individualista de *carma*, presente no espiritismo de Allan Kardec. (LEWGOY, 2004, p. 67; grifos nossos)

É nessas condições que o discurso espírita cresce acentuadamente na segunda metade do século XX no Brasil.¹⁷ Ainda quanto ao papel de Chico Xavier nesse processo, Lewgoy afirma (2004):

¹⁶ Artigo disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-77012001000100003&lng=pt&nrm=iso&userID=-2 Acesso em: 20 jan de 2014, às 15:05

¹⁷ A esse respeito, remetemos ao número de espíritas e de simpatizantes, divulgados na Introdução deste trabalho.

O ponto mais importante na consideração do lugar de Chico Xavier na cultura e na religiosidade do Brasil do século XX reside na peculiar **combinação que este realiza, através de sua biografia, entre o espiritismo kardecista com um catolicismo familiar e popular bastante tradicional**. É o resultado desta síntese posteriormente articulada a uma perspectiva mito-histórica e corporativa de nacionalidade que definirá a face dominante do espiritismo kardecista no Brasil a partir da década de 1940. (LEWGOY, 2004, p. 62; grifo nosso)

Francisco Xavier, grande representante do discurso espírita no Brasil, é de origem católica. Segundo Lewgoy (2004), a infância e a juventude de Chico Xavier foram marcadas pela sua relação com a religiosidade católica, entre outros aspectos, como a descoberta da mediunidade. Por essa razão, na segunda metade do século XX, o país, predominantemente católico, começa a enxergar, na figura do médium espírita, características compatíveis com o discurso predominante no país até aquele momento. Desse modo,

De um lado, Chico é herdeiro dos valores ligados à família e ao tradicional *ethos* católico e, de outro, propõe uma espécie de religião cívica, na qual a celebração de uma ordem colocava-se acima de considerações críticas e individualistas. (LEWGOY, 2004, p. 68)

Como já foi dito, desde quando o discurso espírita começou a ser propagado no Brasil, houve muitos conflitos com o discurso católico, predominante no Brasil, por causa das divergências existentes entre eles. Porém, esses dois discursos não deixam de ter uma base ideológica em comum, já que se trata de dois discursos que propagam a moral cristã. Nesses termos, podemos dizer: o médium Chico Xavier realizou uma espécie de “conciliação” entre os dois discursos, justificando o crescimento do número de seguidores e de simpatizantes do discurso espírita no Brasil. Para Lewgoy,

É justamente esta relação conciliadora com um catolicismo que lhe era frequentemente hostil da parte dos padres e intelectuais católicos, mas tido como autenticamente devoto, familiar e benéfico, quando encarnado em pessoas "simples", "humildes" e "mães devotas", que constitui o tema central na fase infantil e formativa das biografias de Chico Xavier. Em Chico, as **pontes do espiritismo brasileiro com o universo popular católico**,

estremecidas em décadas de atritos com as autoridades leigas e eclesiais, **começam a ser lentamente recompostas na direção de uma suave continuidade entre universos religiosos até então bem distintos.** Com o médium de Pedro Leopoldo, o espiritismo sofre uma reordenação sem precedentes na direção de enfatizar a devoção doméstica através do *Culto do Evangelho no lar*, **conquistando um público habituado a uma vivência mais popular e oral do catolicismo**, que cultuava santos locais, que acreditava na força das rezas e das simpatias, e cujas práticas muitas vezes eram apanágio das mães de família (LEWGOY, 2004, p. 67; grifos nossos)

No capítulo 4, quando analisamos o *ethos* de Chico Xavier, é possível evidenciar, com mais precisão, o modo como o médium realiza essa “conciliação” entre esses dois discursos, que, até então, passavam por atritos constantemente. Nas palavras de Lewgoy,

Para o espiritismo cristão de Chico Xavier, ser espírita é ser reverente a Deus, ser letrado, piedoso e caridoso, assim como um bom cidadão, um trabalhador disciplinado e um membro amoroso de um núcleo familiar, combinando um ideal religioso com um ideal cívico. (LEWGOY, 2004, p. 68)

Para melhor compreendermos o discurso espírita que se expandiu no Brasil, apresentamos a seguir um quadro proposto por Lewgoy (2004), a respeito das diferenças entre o discurso espírita de Allan Kardec e o de Chico Xavier:

Quadro 1: Modelos de Espiritismo	
Modelo de Allan Kardec	Modelo de Chico Xavier
Racionalismo Oposição ostensiva à Igreja Católica. Desimportância do médium. Espírito crítico mais importante do que a piedade.	Ênfase na “mediunidade com Jesus” – uma proposta sincrética. Suma importância do médium. Oposição mais branda à Igreja Católica, mas absorvendo muito de seu <i>ethos</i> e crenças.
Espíritos mentores giram entre pessoas comuns (identificação diluída ou sub-indivíduos) e espíritos históricos, ligados a uma herança cristã e clássica e alguns da nacionalidade francesa: Fénelon, Sócrates, Santos Agostinho, São Luís. Os espíritos signatários da doutrina são identificados entre clássicos, santos ou então anônimos, mas ainda assim pertencentes à classe de superindivíduos portadores de uma “nobreza espiritual” ou “superiores” na escala espírita.	Intervém os registros da mito-história nacional e de personagens do cotidiano. Há espíritos ligados à cristandade heroica dos primeiros tempos, à nação brasileira, ao mundo da literatura e à piedade espírita. Emmanuel/Manoel da Nóbrega, André Luiz/Estácio de Sá/Oswaldo Cruz, Meimei e os Literatos são exemplos típicos. Os espíritos são identificados, ou seja, sua identidade histórica predomina. Há preocupação com as provas da relação entre o espírito e o personagem histórico em vida, seja ele um herói nacional seja ele um cidadão comum. Quando são mentores, o nome espiritual é preponderante.
As redações da codificação são conjuntas, mas há muitas mensagens assinadas que ocupam um lugar de destaque.	Os livros não têm autores anônimos, as mensagens são sempre assinadas pelos autores espirituais.

<p>Sistema da dívida: abolição da graça e ênfase exclusiva no mérito. Racionalismo moral abstrato. Justiça cármica assentada na inflexibilidade da lei de causa/efeito. Ênfase na reforma íntima. A caridade é mais reflexiva.</p>	<p>Sistema da dádiva convivendo com o sistema da dívida cármica, múltiplas situações em que um engloba o outro. Reingresso do circuito da intercessão e da graça, uma característica da espiritualidade católica. Ou seja, conjuga-se graça e carma, dívida e perdão. Ênfase na caridade material, tendo em vista simultaneamente a evolução espiritual e a graça.</p>
<p>Ênfase superlativa no estudo e na razão. Igualitarismo, cultura científica e ideologia do mérito como fator de evolução espiritual.</p>	<p>O estudo está subordinado ao culto e à piedade, como no culto do Evangelho no lar. Crítica ao intelectualismo. Piedade prática como tão ou mais importante do que a racionalidade. Enorme destaque ao papel condutor e relacional da mãe: ethos hierárquico e relacional associado ao papel dos “espíritos missionários”.</p>
<p>A unidade de trabalho é o centro espírita.</p>	<p>A unidade de trabalho está dividida entre o centro espírita e o lar, onde se pratica o culto do Evangelho no lar.</p>
<p>Kardec é compilador. Seleciona mensagens de acordo com preceitos metodológicos inspirados em princípios racionalistas. Não há subordinação pessoal imediata a um comando espiritual, mas uma subordinação mediata através da interpretação humana da doutrina espírita.</p>	<p>A atuação de Chico é completamente comandada pelo “Plano Espiritual”, sob supervisão de Emmanuel e sua “falange”. A relação com o plano espiritual é de dependência imediata e de subordinação hierárquica. O serviço mediúnico, designado de “mediunato” tem o serviço militar e público como modelos.</p>
<p>Kardec funciona como um ethos burguês de honradez e como um ideal cientificista de probidade e neutralidade. A confiabilidade de suas afirmações é garantida, de um lado pelo método que diz seguir e, de outro, pelo teor moral intrínseco das mensagens.</p>	<p>É o carisma de Chico, conferido por sua santidade e relação privilegiada com o mundo dos espíritos que funciona como penhor de sua probidade. É exemplo de sacrifício e renúncia originais no sistema espírita. A revelação está acima da razão.</p>
<p>Ainda que originado no racionalismo iluminista francês, há um universalismo na proposta religiosa.</p>	<p>Ligado à construção da nacionalidade, suas referências têm forte ênfase na história do Brasil.</p>

Uma análise rápida das informações divulgadas nesse quadro comparativo permite entendermos por que o discurso espírita ganhou destaque na segunda metade do século XX, com o surgimento da figura do médium Chico Xavier. Conforme já dito, havia, por parte da Federação Espírita Brasileira, uma tentativa de aproximar o discurso espírita da ideologia propagada pelo discurso católico. Percebemos que certos aspectos do discurso espírita ganharam uma versão mais amena no discurso espírita de Chico Xavier. Nessa época, os espíritas, de uma forma geral, assim como o médium, procuraram enfatizar “a mediunidade de Jesus” e as práticas de caridade. Dessa forma, percebemos a existência clara de uma aproximação entre os dois discursos. E essa aproximação, em parte, é garantida pela liderança

religiosa que Chico Xavier exerce por meio da publicação de livros e pela santificação de sua imagem, o que confere a esse discurso uma autoridade praticamente incontestável e um inegável reconhecimento social, conforme atesta Silva (2007, p. 69).

Já para Lewgoy,

O modelo de Chico Xavier ofereceu uma alternativa religiosa de pertencimento à sociedade brasileira com uma plena identificação com símbolos laicos de ordem, como a nação, bem como com estratégias de prestígio e distinção ligadas à posse de um capital cultural que valorizava a **leitura, o estudo, a erudição e a ciência**, de indiscutível valor no mundo contemporâneo. Ele viabilizou ao participante viver a integridade de uma relação com um *ethos* religioso tradicional pleno de hierarquias, mediações e súplicas a santos, mas também de se sentir participando do mundo da "alta cultura", dos saberes escolares, da erudição e dos conhecimentos científicos, ou seja, de tudo aquilo que goza da reputação social conferida pela cultura letrada. (LEWGOY, 2004, p. 102; grifos do autor)

É o comportamento do médium como “santo, letrado e informal”, caracterizado como “homem coração”, que, de acordo com Lewgoy, realiza sínteses que corroboram para o discurso espírita ser aceito no Brasil. O sucesso da obra *Nosso Lar*,¹⁸ clássico do espiritismo brasileiro publicado em 1944, condensa as dimensões religiosa e nacionalista do discurso espírita brasileiro, levando, assim, esse discurso à sua consolidação no país.

Diante do exposto, podemos dizer que o discurso espírita kardecista brasileiro é atravessado por vários discursos, tais como o científico, o letrado e, especialmente, o cristão. Considerando esse último discurso, nos próximos capítulos, vamos verificar como o traço /+ cristianismo/ é um dos traços reivindicados por esse discurso, qualquer que seja a dimensão do discurso observada.

¹⁸ Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/livrariadafolha/779047-nosso-lar-chega-a-61-edicao-e-estreia-nos-cinemas-em-setembro.shtml> Acesso em: 15 jul 2013, às 16:10. Com tiragem superior a 130 mil exemplares, a FEB lançou, em 2010, a 61ª edição do livro.

CAPÍTULO 3

O DISCURSO ESPÍRITA COMO PRÁTICA DISCURSIVA

Após termos tratado das condições de emergência e expansão do discurso espírita, neste capítulo, vamos analisar o discurso espírita kardecista que está circulando atualmente no Brasil como prática discursiva, nos termos de Maingueneau (1997). Para tanto, discorreremos sobre aspectos relativos aos encontros e às reuniões espíritas kardecistas, considerando o modo de organização de seus participantes e também as relações que estabelecem entre si. Partimos da hipótese de que esses aspectos são regidos pela mesma semântica global que rege o discurso espírita, o que significa que o traço /+cristianismo/ deve revelar-se como traço significativo para esse discurso também no que diz respeito à sua face social.

1. Análise da prática discursiva do espiritismo

Conforme apresentamos no capítulo 1, a noção de prática discursiva remete não apenas a um discurso como também aos grupos ligados à produção e à circulação dos textos desse discurso. Como o foco deste capítulo é a face social do discurso espírita, vamos tratar dos grupos espíritas e de suas práticas, procurando evidenciar a relação desses aspectos com a face verbal do discurso. Para tanto, serão considerados diversos tipos de textos de divulgação do discurso espírita, como artigos, reportagens, mensagens psicografadas por médiuns e até mesmo cartazes de divulgação de encontros realizados pelo país, promovidos por organizações espíritas. Grande parte desses textos se encontra disponível na rede, em *sites*

espíritas, como o da Federação Espírita Brasileira (FEB), o da Federação Espírita do Mato Grosso, o de Divaldo Franco.

1.1. Os centros espíritas e suas reuniões

Os espíritas, assim outros grupos sociais, promovem eventos para divulgar os preceitos edificados pelo discurso espírita. Assim, há, por exemplo, campanhas espíritas, grupos de estudo da doutrina e as reuniões promovidas pelos centros espíritas. Normalmente, essas reuniões acontecem pelo menos uma vez por semana em cada centro espírita.

Para participar de uma reunião espírita, basta o interessado dirigir-se a qualquer centro espírita existente na cidade onde reside. Esses centros espíritas, assim como ocorre em outras igrejas (igreja católica, igreja evangélica), acolhem seus seguidores para um momento de reflexão sobre os fenômenos da vida humana e também de oração.

Para conferir como ocorre uma reunião promovida por um centro espírita, e também com o intuito de nos familiarizar melhor com a organização dos grupos, decidimos participar dessas reuniões que ocorreram em centros espíritas da cidade de São José do Rio Preto (SP), ao longo do ano de 2013. Com essa experiência, notamos que as reuniões seguem uma rotina, que passamos a descrever.

Antes da reunião propriamente dita, os participantes são recebidos por uma pessoa encarregada de distribuir um folheto, com trecho retirado de obra espírita. Conforme vamos demonstrar mais adiante, esse gesto, que pode ser considerado como um gesto de acolhida, revela o modo como essa comunidade discursiva “encarna” os preceitos da doutrina espírita.

Durante uma das reuniões de que participamos, recebemos, logo que adentramos o centro espírita, a mensagem apresentada a seguir. Nessa mensagem, podemos perceber o tipo de conduta que não deve ser adotada pelos seguidores do discurso espírita. As palavras

em questão, retiradas da obra do médium Chico Xavier, referem-se ao tipo de comportamento humano que, segundo o discurso espírita, aproxima as pessoas da “obsessão”.¹⁹ Vejamos:

SINAIS DE ALARME

Há dez sinais vermelhos, no caminho da experiência, indicando queda provável na obsessão:

- Quando entramos na faixa da impaciência;
- Quando acreditamos que a nossa dor é maior;
- Quando passamos a ver ingratidão nos amigos;
- Quando imaginamos maldade nas atitudes dos companheiros;
- Quando comentamos o lado menos feliz dessa ou daquela pessoa;
- Quando reclamamos apreço e reconhecimento;
- Quando supomos que o nosso trabalho está sendo excessivo;
- Quando passamos o dia a exigir esforço, sem prestar o mais leve serviço;
- Quando pretendemos fugir de nós mesmos, através da gota de álcool ou da pitada de entorpecente;
- Quando julgamos que o dever é apenas dos outros.

Toda vez que um desses sinais venha a surgir no trânsito de nossas ideias, a Lei Divina está presente, recomendando-nos a prudência de parar no socorro da prece ou na luz do discernimento. Scheilla

Médium: Franciso Cândido Xavier
Do livro: “Ideal Espírita” – Edição: CEC

Programa “Messageiros no Ar” pela rádio Boa Nova
Terças-feiras Às 13h30 e quartas-feiras às 3h30 ou via internet pelo site: www.radioboanova.com.br

Oferta do Grupo Espírita Os Messageiros – Caixa Postal: 522 – CEP: 01031-970
www.messageiros.org.br

Figura 1: Folheto de acolhida do Centro Espírita²⁰

Conforme podemos notar, o discurso espírita combate comportamentos e atitudes que estão em desacordo com a moral cristã, tais como a impaciência, a ingratidão, a preguiça, a desconfiança, as maledicências, as reclamações, o consumo de álcool e de entorpecentes.

Após a recepção, os participantes acomodam-se em assentos disponíveis no local para, em seguida, acompanharem uma palestra proferida por algum espírita ligado àquele centro ou por algum palestrante convidado.

As palestras realizadas nos centros visam, segundo A CASA ESPÍRITA²¹, a divulgação da “doutrina espírita” e a promoção do indivíduo, fomentando em si o desejo pelo trabalho diário pela sua moralização e pela sua espiritualização. Os temas das palestras são

¹⁹ Esse conceito do discurso espírita será mais bem esclarecido mais adiante. De modo geral, trata-se de uma conduta moral negativa, associada a uma suposta influência de um espírito menos evoluído.

²⁰ Esse tipo de acolhida não é uma regra para todos os centros espíritas.

²¹ Trata-se de um órgão que ajuda a organizar o movimento espírita no país.

relacionados ao Evangelho de Jesus e ao discurso espírita, escolhidos por meio de uma programação anual.

De acordo com o manual sobre como fazer palestra espírita,²² toda palestra deve estar alicerçada em dois principais quesitos: Jesus, O Cristo, e a Codificação Espírita, por Allan Kardec. De acordo com o discurso espírita, os temas desenvolvidos durante a palestra têm por objetivo esclarecer, orientar e/ou consolar os participantes.

A finalidade das palestras (orientar e consolar os participantes), do ponto de vista adotado neste trabalho, está relacionada à semântica global desse discurso, por se tratar de uma meta que está de acordo com a moral cristã; afinal, nesse discurso, a evangelização e o consolo espiritual são considerados atos de caridade. Quanto a esse aspecto, vale observarmos que a caridade, nesse discurso, não diz respeito tão somente à concessão de algum tipo de ajuda material, mas deve ser entendida de forma mais ampla, abrangendo qualquer prática de benevolência. Nas palavras do próprio discurso espírita:

A caridade, conforme a entende Jesus, ou seja, “**benevolência para com todos**, indulgência para as imperfeições dos outros, perdão das ofensas”, é, para o homem, **a expressão mais elevada da Lei de Amor que emana de Deus**. (*Reformador*, abril 2010, p. 4; grifos nossos)

E também

O que tornou único o ensinamento de Jesus foi a importância suprema que Ele deu ao amor. Nunca antes fora o amor feito **base de um sistema de ética**, aspecto essencial da boa vontade de Deus para com os homens, nem seu sentido se mostrara tão amplo. Pois **o amor**, como Jesus o entendia - ou **caridade, ou fraternidade, ou bondade**, que são outros nomes para mesma virtude - não era um dever medido, mas uma dádiva alegre e total de cada ato, feita a Deus e aos demais homens. **Tal amor** exigia que cada qual abandonasse todo pensamento de si mesmo e submergisse o próprio ser **a serviço dos outros**²³.

(JUNIOR, MAURICIO, 2001; grifos nossos)

²² Manual sobre como fazer palestra espírita divulgado no site <http://www.luzespirita.org.br> Acesso em: 20 jan de 2014, às 17:55.

²³ Disponível em: <http://www.espirito.org.br/portal/artigos/geae/historia-do-cristianismo/historia-do-cristianismo-05.html> Acesso em: 21 jan de 2014, às 9:50

A esse respeito, observamos que os envolvidos na organização dos encontros, das palestras, dos passes espíritas e nas demais ações promovidas pelos centros realizam um trabalho voluntário, sem remuneração, conforme as palavras de Jesus Cristo citadas por Allan Kardec no evangelho espírita: “Dai de graça o que de graça recebestes”.²⁴ Essa atitude pode ser vista como um “gesto de amor e de doação ao próximo”, tal como prega a moral cristã, que ressalta a importância de amar ao próximo como a si mesmo, promovendo ações em seu benefício. Nas palavras do discurso espírita: “Espíritas: amai-vos, eis o primeiro ensinamento (...)” (KARDEC, 2000, p. 101). Ou ainda:

(...) Precisamos, sim, da cultura que aprimora a inteligência, da justiça que sustenta a ordem, do progresso material que enriquece o trabalho e de assembleias que favoreçam o estudo; no entanto, **toda a movimentação humana, sem a luz do amor**, pode perder-se nas sombras. Seremos admitidos ao aprendizado do Evangelho, cultivando o Reino de Deus que começa na vida íntima. Estendamos, assim, **a fraternidade pura e simples, amparando-nos mutuamente...** Fraternidade que trabalha e ajuda, compreende e perdoa, entre a humildade e o serviço que asseguram a vitória do bem. Atendamo-la, onde estivermos, recordando a palavra do Senhor que afirmou com clareza e segurança: – “Nisto todos conhecerão que sois meus discípulos: **se vos amardes uns aos outros**”²⁵. (FEB, todos os direitos reservados; grifo nosso)

De fato, no trabalho que desenvolveu sobre a formação do campo religioso brasileiro, Arribas (2008) mostra, justamente, como a concepção de salvação espírita conduziu a uma prática social muito específica. Assim, com base nas reflexões da autora, podemos dizer que os diversos tipos de “obras de caridade” promovidas pelos centros, incluindo aí os trabalhos de educação e de consolo espiritual oferecidos aos que procuram os centros espíritas estão diretamente relacionados às ações de “benevolência” e de “fraternidade” propagadas pelo discurso espírita. Por isso, os centros espíritas, segundo o próprio discurso espírita:

²⁴ Cf. Capítulo XXVI (KARDEC, 2002, p. 464)

²⁵ Disponível em: <http://www.febnet.org.br/blog/geral/mensagens-espíritas/fraternidade/>. Acesso em: 25 jan de 2014, às 13:45.

- são núcleos de estudo, **de fraternidade**, de oração e de trabalho praticados dentro dos princípios espíritas;
 - são escolas de formação espiritual e moral, que trabalham à luz da Doutrina Espírita;
 - são **postos de atendimento fraternal** para todos os que os procuram com o propósito de obter orientação, esclarecimento, ajuda ou consolação;
 - são oficinas de trabalho que proporcionam aos seus frequentadores oportunidades de exercitarem o próprio aprimoramento íntimo pela prática do Evangelho em suas atividades;
 - são casas onde as crianças, os jovens, os adultos e os idosos têm oportunidade de conviver, estudar e trabalhar, unindo a família sob a orientação do Espiritismo;
 - são recantos de paz construtiva, que oferecem aos seus frequentadores oportunidades para o refazimento espiritual e a **união fraternal pela prática do “amai-vos uns aos outros”**;
 - são núcleos que se caracterizam pela simplicidade própria das primeiras **casas do Cristianismo nascente, pela prática da caridade** e pela total ausência de imagens, símbolos, rituais ou outras quaisquer manifestações exteriores;
 - são as unidades fundamentais do Movimento Espírita.
- (*Reformador*; 24 out de 2006, *apud* ARRIBAS, 2008; p. 4; grifos nossos)

Assim, de acordo com o próprio discurso espírita, os centros são lugares heterogêneos, desempenhando funções diversas, ligadas não só à religião (“unidades fundamentais do Movimento Espírita”, “recantos de paz construtiva”), como também à educação (“núcleos de estudo”, “escolas de formação”), ao trabalho (“oficinas de trabalho”), à saúde (“postos de atendimento”). O que as aproxima é o fato de todas essas funções estarem articuladas a um propósito cristão (prática da fraternidade, da caridade).

Ainda quanto aos palestrantes, notamos que eles não assumem o papel de líderes doutrinários propriamente dito, assim como podemos verificar em religiões cristãs, a exemplo do catolicismo, com a figura de liderança dos padres, dos bispos e do papa, ou a exemplo das igrejas evangélicas, com as dos pastores e dos bispos. Todavia, tanto no espiritismo quanto no catolicismo e no protestantismo, cada um ao seu modo, o palestrante (padre, pastor) é um mestre, aquele que tem o direito de se explicar, aquele cuja palavra é importante para os outros, aquele que tem uma mensagem a transmitir.

Nos centros, os seguidores do discurso espírita, por meio da dedicação aos estudos doutrinários, apresentam perfil para os trabalhos que aí são promovidos, sem qualquer

remuneração. A esse respeito, Allan Kardec afirma, em sua obra, que se reconhece o verdadeiro espírita pela sua transformação moral e pelos esforços que emprega para domar suas inclinações más. Assim, qualquer pessoa que se dedica aos estudos das obras espíritas e a sua doutrina pode tornar-se um palestrante, sem um órgão específico que controle esse tipo de prática. Diga-se o mesmo a respeito dos que se voluntariam a participar de suas campanhas de assistência aos necessitados.

O último momento de uma reunião promovida pelos centros espíritas é marcado pelo ritual do passe espírita. As pessoas presentes na palestra, divididas em grupos menores, adentram uma sala para receber o passe. A tradição do passe, no discurso²⁶ espírita, é um tipo de prática de cura; vejamos: conforme o trabalho de Arribas (2008, p. 195), o “passe” nada mais é do que a imposição das mãos sobre uma pessoa com a intenção de aliviar dores e sofrimentos físicos ou espirituais, ou seja, para curá-la de algum mal, ou simplesmente fortalecê-la. A esse respeito, vejamos o que diz o discurso espírita:

A aplicação do passe tem como finalidade auxiliar a recuperação de desarmonias físicas e psíquicas, substituindo os fluidos deletérios por fluidos benéficos; equilibrar o funcionamento de células e tecidos lesados; promover a harmonização do funcionamento de estrutura neurológicas que garantem o estado de lucidez mental e intelectual do indivíduo (...)²⁷ (MOURA, M. A. 2013)

Com esses propósitos, essa prática é utilizada nos centros espíritas brasileiros desde sua formação, na época de Bezerra de Menezes, no início do século XX. Conforme o discurso espírita, a aplicação do passe deve guardar coerência com as orientações doutrinárias, fundamentadas na “codificação kardequiana”. Para isso, os passistas, que,

²⁶ A esse respeito, vale lembrarmos que estamos considerando o “discurso” nos termos de Maingueneau, isto é, como prática discursiva. Desse modo, estamos nos referindo não apenas à face verbal desse discurso, mas também a sua face social.

²⁷ Disponível em: <http://www.febnet.org.br/blog/geral/colunistas/o-que-e-passe-espirita> Acesso em: 27 jan de 2014, às 14:25.

segundo Allan Kardec, são pessoas que têm o dom de curar pelo simples toque, pelo olhar ou por um gesto, sem o concurso de qualquer medicação, devem apresentar algumas qualidades de ordem superior entre as quais se destacam, segundo o próprio discurso espírita:

Ter grande domínio sobre si mesmo, espontâneo equilíbrio dos sentimentos, **acendrado amor aos semelhantes**²⁸ (alta compreensão da vida, profunda confiança no Poder Divino (André Luiz, grifo nosso)²⁹.

Com o intuito de prolongar o bom efeito do passe, os espíritas também usam o processo de fluidificação das águas. Segundo a Federação Espírita, os “espíritos superiores”, com participação ou não de médiuns encarnados, magnetizam a água, utilizada como recurso da terapêutica espiritual. Nas palavras de Divaldo Franco, “quando um paciente está enfermo, poderemos magnetizar a água, fluidificá-la, para que lhe prolongue aquele bem-estar que ele vai buscar ao centro espírita”.³⁰ A esse respeito, vejamos:

O fluido universal é o elemento primitivo do corpo carnal e do perispírito, os quais são simples transformações dele. Pela identidade da sua natureza, esse fluido, condensado no perispírito, pode fornecer **princípios reparadores ao corpo** (...). (FRANCO, D. 2005)

Desde a origem do grupo “Assistência aos Necessitados”, a prática do passe é realizada como uma forma de atendimento tanto à “saúde do espírito quanto à saúde do corpo” (ARRIBAS, 2008, p. 191). No discurso espírita, essa prática, juntamente com a das águas fluidificadas, é considerada como um dos passos necessários para se realizar um bom trabalho de desobsessão de espíritos desencarnados.

²⁸ Notamos que essa orientação segue o que é, segundo o discurso espírita, o maior mandamento cristão deixado por Jesus Cristo e proclamado pelo *Evangelho segundo o Espiritismo*: “Amai-vos uns aos outros como a si mesmo” (KARDEC, 2002)

²⁹ Disponível em: <http://www.espirito.org.br/index.html> Acesso em: 22 fev de 2014, às 9:30

³⁰ Disponível em: <http://divaldofranco.com.br/> Acesso em: 25 fev de 2014, às 8:40

Segundo Allan Kardec, em *O Livro dos Médiuns*, a obsessão nada mais significa do que a ação persistente ou o domínio que alguns espíritos logram adquirir sobre certas pessoas. É praticada pelos “espíritos inferiores”, que procuram dominar as pessoas, apresentando caracteres muito diversos, desde a simples influência moral, sem perceptíveis sinais exteriores, até a perturbação completa do organismo e das faculdades mentais de um indivíduo. Conforme o discurso espírita:

O trabalho de desobsessão se iniciou, pois, com Jesus, indicando o Excelso Amigo todo o processo terapêutico a ser empregado dali por diante. A lição ficaria ecoando pelos tempos a fora, ensinando aos homens que somente através da prece e da reforma íntima conseguiriam a libertação para os graves padecimentos das obsessões.³¹ (...). (FEB, 2012)

Diante do que foi exposto sobre o passe espírita, podemos dizer que, para a prática discursiva à qual está vinculado, o passe é, essencialmente, prática vinculada à caridade, assim como o são outras ações realizadas nos centros espíritas.

A respeito do papel dos centros, enquanto promotores de ações de caridade (incluindo aí as práticas dos passes de “cura espiritual”, das sessões de desobsessão, da fluidificação das águas), vejamos o que nos diz o discurso espírita:

O CENTRO ESPÍRITA, "para bem atender às suas finalidades, **deve ser** núcleo de estudo, **de fraternidade**, de oração e **de trabalho, com base no Evangelho de Jesus**, à luz da Doutrina Espírita. Desviá-lo dessa diretriz é comprometer a causa a que se pretende servir” (*Reformador* de 1992, editorial; grifos nossos).

De fato, o conjunto dessas práticas espíritas (passes, orientação espiritual por meio de palestras, águas fluidificadas, desobsessão), ainda de acordo com Arribas (2008), pode mesmo ser tomado evidência de que a caridade, fundamento propagado pela moral

³¹ Disponível em: <http://www.febnet.org.br/blog/geral/estudos/obsessao-desobsessao/> Acesso em: 26 fev de 2014, às 22:25

cristã, está fortemente vinculada ao discurso espírita até mesmo em se tratando do próprio modo de organização dos grupos espíritas, conforme a análise que a autora desenvolve sobre o processo pluralizado de formação do campo religioso brasileiro nos fins do século XIX e início do século XX. Nas palavras da autora:

À altura de Bezerra de Menezes, a exaltação desta virtude – **a caridade, isto é, um benefício prestado a outrem – foi tomando corpo e tornando-se uma espécie de traço marcante do espiritismo, assumindo várias formas: 1) desde auxílios materiais e amparo social (exercícios sobretudo no “Serviço de Assistência aos Necessitados”, uma organização que funcionava nas dependências da FEB), passando pelos 2) trabalhos de assistência espiritual, desenvolvidos através dos “passes” ou das consultas homeopáticas, até chegar 3) aos trabalhos de “desobsessão”, em que o papel do médium e do doutrinador eram indispensáveis.** Como uma das formas de salvação, talvez a mais importante, porque a mais destacada e trabalhada no espiritismo desde seus inícios com Allan Kardec, mas recebendo no Brasil, país de desamparados aos milhões e toda sorte, uma acentuação ainda mais pronunciada, **a caridade foi posta como pedra de toque no arcabouço teórico-doutrinário espírita. A incorporação dessa virtude como meio salvífico acarretou duas principais consequências sobre os adeptos do espiritismo: de um lado, as intervenções práticas no meio social, de outro, um tipo especial de organização burocrático-institucional.** A apropriação subjetiva do sistema de pensamento espírita sob esse arranjo peculiar que tomou a doutrina pode ser tida como um indício para melhor compreender por que o espiritismo hoje é uma religião cujo destaque recai sobretudo em suas inúmeras obras filantrópicas – uma das características que a distinguem no campo religioso brasileiro. (ARRIBAS, 2008, p.187; grifos nossos).

De acordo com o que nos esclarece a passagem, a caridade diz respeito não só a “intervenções práticas no meio social”, como também a “um tipo especial de organização burocrático-organizacional”, o que vai bem de acordo com a noção de prática discursiva empregada neste trabalho. Ainda a esse respeito, a mesma autora afirma:

O que geralmente se tem hoje no espiritismo, **do ponto de vista organizacional, e que decorre diretamente da visão de mundo espírita, é um conjunto de instituições entrelaçadas:** o centro espírita, enquanto unidade elementar, consiste no lugar privilegiado para a prática dos estudos e para a execução prática da doutrina; lá, as formas de caridade mais praticadas são a “assistência espiritual” e os trabalhos de “desobsessão”.

Quase sempre funcionam atreladas aos centros, instituições de auxílio social e material, frequentemente creches, escolas profissionalizantes, albergues, orfanatos, hospitais e asilos. Há ainda as federações, que procuram, através de diversos mecanismos (organizações e publicações), fornecer orientações e recomendações que garantam certa uniformidade em termos doutrinários e práticas. (ARRIBAS, 2008, p.187-188; grifos nossos).

A respeito dessa citação, vale uma ressalva: de acordo com a perspectiva adotada neste trabalho, o ponto de vista organizacional dos grupos espíritas, enquanto comunidade discursiva, não decorre exatamente “de sua visão de mundo”, mas diz respeito à semântica global desse discurso, cujos traços dizem respeito não só a textos, mas também à face social do discurso.

Desse modo, podemos dizer que todos os aspectos que foram apontados sobre os centros espíritas (as ações que promove, os tipos de relações entre seus frequentadores), de nosso ponto de vista, estão ligados à semântica global desse discurso, mais exatamente ao traço /+/- cristianismo, conforme a hipótese que apresentamos no início deste trabalho. Diga-se o mesmo a respeito do modo como a comunidade espírita se organiza, entrelaçando instituições de caridade (creches, escolas profissionalizantes, albergues, orfanatos, hospitais e asilos), conforme observado por Arribas (2008). Foi por isso que havíamos afirmado anteriormente que o início de uma reunião espírita, com o “gesto de acolhida dos participantes”, é revelador do modo como essa comunidade discursiva “encarna” os preceitos do discurso espírita, por se tratar de um gesto fraternal.

A esse respeito, reportamo-nos ao tema do seminário realizado pelo presidente interino da Federação Espírita Brasileira (FEB), Antonio Cesar Perri de Carvalho, no dia 24 de fevereiro de 2014, na Federação Espírita do Estado de Tocantins: “Centro Espírita Acolhe, Consola, Esclarece e Orienta”, e ao folheto de divulgação do simpósio “como acolher os que buscam a casa espírita”, promovido em 2013, pela Federação Espírita Pernambucana, que traz a imagem de Jesus Cristo “acolhendo” um homem que, supostamente, estaria entrando no

céu³², por meio de um abraço (atitude fraternal), validando, assim a prática discursiva por meio de uma cenografia cristã, conforme sustenta a moral cristã. Vejamos:

Figura 2: Federação Espírita Pernambucana



1.2. Congressos espíritas

Qualquer entidade, religiosa ou não, tem representantes para conduzir e levar o movimento adiante. Com o discurso espírita, não é diferente. Referências históricas mostram que a FEB (Federação Espírita Brasileira) foi fundada em 02 de janeiro de 1884. Segundo o *site* da Federação, seu principal objetivo está relacionado a promover o estudo, a prática e a difusão do Espiritismo, com base nas obras codificadas por Allan Kardec e no Evangelho de Jesus. Entre outros objetivos, estão, também, a prática da caridade espiritual, moral e material, dentro dos princípios espíritas, a união solidária e a unificação do “Movimento Espírita”,

³² Nessa imagem, podemos identificar o céu pelas nuvens que estão aos pés de Jesus Cristo e do homem que ele está abraçando. Além disso, notamos que ambos vestem trajes brancos. Já a “entrada” pode ser identificada pela escada ao fundo e pelos arcos acima de suas cabeças.

colocando o “Espiritismo ao alcance e a serviço de todos”. Dessa forma, fortalecimento, ampliação e aprimoramento do “Movimento Espírita” são os principais elementos que impulsionam a prática da missão da FEB, que já apoiou vários congressos e eventos regionais, estaduais e nacionais.

Embora os grupos espíritas não tenham realizado conjuntamente muitos eventos nacionais, já foram promovidos, no país, 3 congressos espíritas. Inspirados em Allan Kardec, conhecido como o codificador do espiritismo no mundo, os espíritas ressaltam a importância da união entre os adeptos do discurso espírita, conforme podemos verificar por meio do excerto a seguir:

A condição absoluta de vitalidade para toda reunião ou associação, qualquer que seja o seu objetivo, é **a homogeneidade**, isto é, a unidade de vistas, de princípios e de sentimentos, a tendência para um mesmo fim determinado, numa palavra: **a comunhão de ideias**. (*Revista Espírita*, 1869 – Obras Póstumas, Constituição do Espiritismo, item VIII; grifo nosso)³³

Assim, em busca de união e de fortalecimento, a FEB e a FEEGO (Federação Espírita do Estado de Goiás) empenharam-se na organização do *I Congresso Espírita Brasileiro*, realizado nos dias 1, 2 e 3 de outubro de 1999, que teve como temática geral: “O Espiritismo no Brasil: Ontem, Hoje e Amanhã – Ação de Confraternizar, Unificar e Divulgar”. Nesse congresso, foram preconizados e ressaltados ideais de conduta cristã, como união e fraternidade. Assim, na ocasião do encerramento do 1º Congresso Espírita do Estado do Rio de Janeiro, o médium Divaldo Pereira Franco, em mensagem psicofônica recebida, afirmou:

A união dos espíritas é ação que não pode ser postergada e a unificação é o laço de segurança dessa união. **Com união construiremos o bem**, o belo e o nobre. Com Unificação traremos de volta o pensamento do Codificador,

³³ Disponível em: <http://www.oconsolador.com.br/linkfixo/bibliotecavirtual/obraspostumas.pdf> Acesso em: 10 mar de 2014, às 18.53.

preservando a unidade da Doutrina e do Movimento Espírita. Com união entre os companheiros encarnados, tornaremos mais fácil o intercâmbio entre nós outros, os que os precedemos na viagem de volta, e eles, que rumam pela estrada difícil. **Com unificação estaremos vivenciando o Evangelho de Jesus quando o Mestre assevera: *Um só rebanho, um só pastor.***³⁴ (FRANCO, D.; grifo nosso)

Além disso, durante o evento, comemorou-se o Cinquentenário do Pacto Áureo: Acordo de Unificação do Movimento Espírita Brasileiro assinado, em 1949, por representantes da Federação Espírita Brasileira e líderes de diversas Federações e Uniões de âmbito estadual, com o objetivo de colocar em prática ações de união e de solidariedade, o que está bem de acordo com o discurso espírita. Uma das consequências desse “pacto” foi a criação do Conselho Federativo Nacional (CFN), no ano seguinte. Em 8 de março daquele mesmo ano, o CFN lançou a *Proclamação aos Espíritas* e, desde então, vem exercendo a função de “dirimir dúvidas, orientando o “movimento espírita” e recomendando normas e diretrizes para os Centros Espíritas”.³⁵ Apesar desse aspecto normativo, o CFN parece não escapar às regras da semântica global desse discurso, pois, de acordo com o próprio discurso espírita,

(...) a unificação do Movimento Espírita **não teve por fim a colocação de amarras nem em instituições nem em pessoas, como também não se propôs a delimitar terrenos ou áreas de ação** aos que se engajam no trabalho de divulgação. Conforme propôs a própria FEB, o **trabalho de unificação é uma atividade-meio** que tem como objetivo fortalecer e facilitar a ação do Movimento Espírita na sua atividade-fim de promover o estudo, a difusão e a prática da Doutrina.³⁶ (BERNARDES, T. 2009; grifo nosso).

³⁴Disponível em: <http://www.divaldofranco.com.br/mensagens.php?not=137> Acesso em: 12 mar de 2014, às 15:25

³⁵ As normas e as diretrizes para os centros espíritas estão disponíveis em: <http://www.oconsolador.com.br/ano3/128/especial2.html> Acesso em: 10 mar de 2014, às 15:05.

³⁶ Disponível em: <http://www.oconsolador.com.br/ano3/128/especial2.html> Acesso em: 10 mar de 2014, às 15:20.

Ou ainda:

No dia 5 de outubro de 1949, foi assinado o “Pacto Áureo” na então sede da Federação Espírita Brasileira, no Rio de Janeiro. Este foi assim designado por representar a oportunidade de ouro para se promover a união e estimular o intercâmbio entre os espíritas. A origem é muito interessante. Há relação com os ideais de unificação que foram potencializados com a realização do Congresso Brasileiro de Unificação Espírita, no ano de 1948, em São Paulo. Este evento mereceu uma mensagem psicográfica de Francisco Cândido Xavier, assinada por Emmanuel, intitulada “Em Nome do Evangelho”, inspirando-se em Jesus: “Para que todos sejam um” (João, 17: 22), onde o Autor Espiritual conclama: **“Reunidos, assim, em grande conclave de fraternidade, que os irmãos do Brasil, se compenetrem, cada vez mais, do espírito de serviço e renúnciação, de solidariedade e bondade pura que Jesus nos legou”**³⁷ (grifos nossos)

Já o *II Congresso Espírita Brasileiro* foi realizado em Brasília, no Centro de Convenções “Ulysses Guimarães”, de 13 a 15 de abril do ano de 2007, e teve como temática principal “O Livro dos Espíritos na edificação de um Mundo Melhor”. Para os espíritas, a obra em questão, de Allan Kardec, funciona como um guia para ajudar os adeptos desse discurso a conhecerem os preceitos espíritas e a aplicá-los em seu meio social. A temática desse congresso, relacionada à construção de um mundo melhor, por meio do entendimento e da prática do espiritismo, evidenciou ideais de comportamento e conduta cristãos, como amor, caridade, união, humildade, que, conforme afirma o evangelho espírita, são ensinamentos de Jesus Cristo. No discurso espírita, esses ideais são explícitos; vejamos:

NECESSIDADE DA CARIDADE, SEGUNDO S. PAULO

Ainda quando eu falasse todas as línguas dos homens e a língua dos próprios anjos, **se eu não tiver caridade**, serei como o bronze que soa e um címbalo que retine; – ainda quando tivesse o dom de profecia, que penetrasse todos os mistérios, e tivesse perfeita ciência de todas as coisas; ainda quando tivesse toda a fé possível, até ao ponto de transportar montanhas, se não tiver caridade, nada sou. – E, quando houvesse distribuído os meus bens para alimentar os pobres e houvesse entregado meu corpo para ser queimado, **se não tivesse caridade, tudo isso de nada me serviria.** (KARDEC, 2002, p. 312, grifos nossos)

³⁷Disponível em: http://www.fedf.org.br/home/index.php?action=noticia&idn_noticia=41 Acesso em: 10 mar de 2014, às 16:30.

A humildade é uma virtude bem esquecida entre vós; os grandes exemplos que vos foram dados são bem pouco seguidos e, todavia, sem a humildade, podeis ser caridosos com vosso próximo? Oh! Não, **porque esse sentimento nivela os homens;** diz-lhes que são irmãos, que devem se entre ajudar e os conduz ao bem. (KARDEC, 2002, p. 171, item 11, grifos nossos)
A união dos espíritas é ação que não pode ser postergada e a unificação é o laço de segurança dessa união. A união vitaliza os ideais dos trabalhadores, mas a unificação conduz com equilíbrio pelas trilhas do serviço. A união demonstra a excelência da qualidade da Doutrina Espírita nos corações, mas a unificação preserva essa qualidade, para que passe à posteridade conforme recebemos do ínclito Codificador.³⁸ (FRANCO, D., 2004; grifos nossos)

O *III Congresso Espírita Brasileiro* realizado pela organização aconteceu no ano de 2010, na cidade de Brasília, Distrito Federal. Esse congresso, intitulado “Projeto Centenário de Chico Xavier”, teve por objetivo enfatizar a obra de Chico Xavier e contribuir com a memória de sua atuação, pois as obras desse médium contribuíram para a difusão do discurso espírita no Brasil e no mundo, encorajando seus seguidores ao estudo e à prática do espiritismo. Como se sabe, Chico Xavier foi um médium brasileiro muito conhecido, considerado, inclusive, pelos espíritas, como exemplo de pessoa humilde e caridosa. A esse respeito, apresentamos fragmentos de textos divulgados em *sites* espíritas que apresentam Chico Xavier exatamente dessa forma. Vejamos:

Durante toda sua vida, Chico Xavier **viveu humildemente** de sua parca aposentadoria. (...) Ao longo de sua existência, visitou muitos hospitais, presídios, orfanatos, asilos, mesmo enfrentando sérios problemas de saúde. Mesmo com dificuldade de locomoção, saía às ruas em visita de auxílio. Contribuiu **intensamente na Assistência Social**, onde ia até as áreas carentes e bairros da periferia da cidade para distribuir cestas de alimentos e remédios.(...) Para Chico, vir ao encontro do povo mais humilde e ajudar os necessitados era uma missão e assim este abnegado espírito de luz, fez de sua vida um exemplo a ser seguido por todos nós.³⁹ (INSTITUTO BENEFICENTE CHICO XAVIER, 2010 ; grifos nossos)

³⁸ Mensagem psicofônica (mensagem comunicada por meio da voz de um médium) recebida pelo médium Divaldo Pereira Franco, por ocasião do encerramento do 1º Congresso Espírita do Estado do Rio de Janeiro, na manhã de 25.01.2004, na sede da Federação Espírita do Rio de Janeiro, em Niterói, RJ. Disponível em: <http://divaldofranco.com.br/mensagens.php?not=137> Acesso em: 22 jan de 2014, às 12:30.

³⁹ Disponível em: <http://www.institutochicoxavier.com/especial-chico-xavier/64-chico-xavier-e-a-caridade.html>. Acesso em: 25 mar de 2014, às 13:05.

Sua vida, verdadeiramente apostolar, **dedicou-a, o médium, aos sofredores e necessitados**, provindos de longínquos lugares e também aos afazeres medianeiros, pelos quais **não aceita, em absoluto, qualquer espécie de paga**. Os direitos autorais ele os tem cedido graciosamente a várias Editoras e Casas Espíritas, desde o primeiro livro. Sua vida e sua obra têm sido objeto de numerosas entrevistas radiofônicas e televisadas e de comentários em jornais e revistas, espíritas ou não e em livros.⁴⁰ (XAVIER, C. Todos os direitos reservados, 2011; grifos nossos)

Essa imagem de Chico Xavier junto à comunidade espírita pode justificar algumas das designações que lhe foram atribuídas pelo discurso em questão, tais como “o mensageiro da fraternidade cristã”, “o apóstolo do amor cristão”.⁴¹

Já o *IV Congresso Espírita Brasileiro* aconteceu nos dias 11, 12 e 13 de abril de 2014, em quatro cidades brasileiras de forma simultânea: Manaus (Amazonas), Campo Grande (Mato Grosso do Sul), João Pessoa (Pernambuco) e Vitória (Espírito Santo), permitindo aos congressistas escolher qual a região mais conveniente para participar desse evento nacional. Esse congresso, assim como os anteriores, apresentou uma temática específica abordada durante os dias de estudo. A Federação Espírita Brasileira, para comemorar o aniversário de uma das obras clássicas de Allan Kardec, intitulou esse momento de estudo como “150 anos de O Evangelho segundo o Espiritismo”, obra que, conforme já dito, propaga valores cristãos.

Diante do exposto, podemos dizer que os congressos espíritas nacionais, considerando seus objetivos e temas, também se prestam para colocar em prática os ensinamentos do discurso espírita relacionados à moral cristã. Além disso, vale lembrar que a própria organização desses eventos pode ser entendida como prática de caridade, que envolve “união” e “trabalho”, especialmente porque não se trata de atividade remunerada.

⁴⁰Excerto do livro digital "Francisco Cândido Xavier - Traços bibliográficos", publicado pela Federação Espírita Brasileira – FEB - Disponível em: <http://www.chicoxavieruberaba.com.br/biografia.html>. Acesso em: 24 mar de 2014, às 11h50

⁴¹ Disponível em: <http://www.mundoespirita.com.br/?materia=chico-xavier-o-mensageiro-da-fraternidade-crista> Acesso em: 27 mar de 2014, às 20:56

1.3. Discurso espírita na mídia: periódicos e sites

Além das campanhas de divulgação dos eventos relacionados à doutrina espírita e das palestras e dos encontros, não podemos deixar de mencionar a importância dos outros meios utilizados para propagar o discurso espírita. E um desses meios é a revista *O Reformador*, fundada por Augusto Elias da Silva, em 1883, no Rio de Janeiro. Trata-se de publicação mensal editada pela FEB há mais de 126 anos, considerada um dos quatro periódicos mais antigos do país, que nunca teve sua tiragem interrompida.

Há inúmeras formas de acesso aos exemplares dessa revista. A FEB disponibiliza, em seu *site*, uma seção que trata especificamente de suas publicações. Nesse *site*, é possível encontrar formas de assinatura e, também acessar, por meio de *downloads*, o conteúdo do periódico, que está disponível, de forma gratuita, desde o ano de 1955 até o ano de 2010. De uma forma geral, essa revista trata da temática espírita por meio de editoriais, de artigos, de entrevistas a importantes representantes do discurso, da importância do estudo constante das obras espíritas, aliando à temática da vida humana: relação entre pais e filhos, saúde, espiritualidade, datas cristãs como o Natal, entre outros assuntos, sob a orientação da FEB.

Sites como o da FEB, o de Chico Xavier e o de Divaldo Franco auxiliam seus seguidores a conhecerem um pouco mais sobre o discurso espírita. Na página da FEB, é possível encontrar informações diversas sobre esse discurso. Dentre elas, encontram-se reflexões sobre temas espíritas, programações de eventos e de congressos, calendário de atividades, mensagens espíritas, estudo a distância das obras espíritas, áudios espíritas, download gratuito de obras espíritas, breve histórico do espiritismo.

Já o *site* de Chico Xavier apresenta informações específicas relacionadas à passagem e à atuação do “maior médium brasileiro”. Há biografia, mensagens, lista de obras publicadas, vídeos. Além dessas informações, cabe mencionar também que existe o *Grupo*

Espírita da Prece de Chico Xavier, localizado à Avenida João XXIII, 1469, Bairro Parque das Palmeiras, em Uberaba, Minas Gerais, local onde são realizados os atendimentos e as reuniões espíritas de quarta-feira a sábado em diferentes horários.

Ainda, o *site* dedicado a Divaldo Franco (o maior médium da atualidade, segundo os espíritas) agrega informações diversas: sua biografia, agenda, lançamento de livros, cartões virtuais, mensagens psicografadas por ele, notícias, conferências das quais ele foi participante na íntegra para *download*.

Diante do exposto, podemos dizer que a mídia colabora, e muito, para a propagação do discurso espírita. Afinal, muitos são os materiais veiculados por ela para que seus seguidores possam realmente conhecer o discurso espírita, já que, conforme afirmam seus idealizadores e seus seguidores, para se tornar um espírita, de fato, é preciso, além de caridade, trabalho, dedicação e estudo.

Tanto os periódicos espíritas como os *sites* citados, veiculando o discurso espírita, promovem os mesmos valores cristãos já apontados, conforme podemos notar em:

(...) É por isso que os Espíritos Superiores apresentam uma única ética para os que detêm os conhecimentos espíritas: a **prática da Caridade**, como a entendia Jesus – *Benevolência para com todos, indulgência para as imperfeições dos outros, perdão das ofensas*. A prática da Caridade nos traz, ainda, solução para todos os problemas e segurança para todos os desafios. Com razão, Allan Kardec conclui que “os verdadeiros espíritas, ou melhor, os espíritas cristãos” são aqueles em que “**a caridade é, em tudo, a regra de proceder a que obedecem**”. (*Reformador*, setembro /2009, p.4; grifos nossos em negrito; grifos do autor em itálico)

Ou ainda, se observarmos as capas da Revista *O Reformador*, notamos que ilustram cenas que promovem esses valores cristãos. Vejamos:

Figura 3: *O Reformador*, novembro de 2010



Figura 4: *O Reformador*, julho de 2010



Figura 5: *O Reformador*, dezembro de 2009



Figura 6: *O Reformador*, novembro de 2011



Na cena relativa à figura 3, um vaso com uma muda de planta é sustentado pelas mãos de várias pessoas, cena que parece representar a importância da união das pessoas no trabalho em prol a algum objetivo comum. O título de número do periódico, “Kardec e a união dos espíritas”, também corrobora para essa leitura.

Já a cena relativa à figura 4 parece representar uma cena de solidariedade: na imagem, um homem auxilia uma mulher com uma criança no colo. Ao fundo, existe uma luz que ilumina a cena. Conforme já dito, no movimento espírita, o trabalho em prol do próximo é tido como uma necessidade para a ascensão espiritual, ou seja, para o discurso espírita, não existe “salvação” sem trabalho, isto é, sem dedicação ao próximo, sem práticas de caridade, de solidariedade. É esse tipo de prática que nos parece representada na cena em questão.

Já as figuras 5 e 6 se valem praticamente da mesma cena, isto é, duas pessoas se abraçando. Na figura 5, o abraço se dá entre uma mulher, que tem no rosto uma expressão serena, e um homem, que aparece apenas de costas. Embora não possamos ver todo o corpo do homem, ele parece estar se inclinado sobre o ombro da mulher, como se ele estivesse apoiando sua cabeça no ombro dela, o que parece representar uma cena de fraternidade, de amparo (a mulher estaria, assim, com o seu abraço, amparando o homem). Pela posição do braço da figura feminina, podemos dizer que não se trata do mesmo tipo de abraço ilustrado na capa relativa à figura 6. Nesse segundo caso, o abraço parece ser bem mais intenso, pois o braço esquerdo do homem que está de frente na cena envolve todo o corpo da pessoa que está sendo abraçada. Além disso, a expressão facial deste homem também parece ser mais marcada. Como essa cena de abraço está bem abaixo da palavra “perdão” seguida por uma citação bíblica sobre o mesmo tema, parece-nos possível dizer que se trata de um abraço que se dá entre duas pessoas que se perdoaram. A intensidade do abraço parece representar a intenção desse ato de perdão. Já o abraço da figura anterior, mais suave, parece estar mais ligado a uma situação de amizade, de amor fraternal. Tanto em um caso quanto em outro,

assim como notamos nas cenas relativas às outras figuras, trata-se sempre de uma cena que promove valores cristãos (união, fraternidade, amparo, perdão).

1.4. Campanhas espíritas

Muitas são as campanhas associadas ao discurso espírita. As campanhas promovidas pelo Conselho Federativo Nacional, órgão de Unificação e da Organização Federativa da Federação Espírita Brasileira, visam promover a união dos espíritas e das instituições espíritas brasileiras e trabalhar pela unificação do Movimento Espírita, a fim de fortalecer a tarefa de difusão do Espiritismo. O órgão responsável pela divulgação dessas campanhas, o CFN, foi criado em 5 de outubro de 1949, composto de Entidades Federativas Estaduais, que integram os Centros Espíritas sediados nos respectivos Estados e no Distrito Federal. O Conselho Federativo Nacional – CFN - substituiu o antigo Conselho Federativo da FEB, que federava os Centros Espíritas de todo o país.

Uma das campanhas promovidas pela FEB tem como temática principal a vida, com o título “Em Defesa da Vida – 20 anos”. Essa campanha foi lançada pela FEB no dia 5 de setembro de 1993 e está baseada em 5 cartazes, todos disponíveis para *download* livre no portal da FEB. Nesse mesmo portal, podemos encontrar, além dos cartazes dessa campanha, outros cartazes para *download* gratuito. Vejamos:



Figura 7: Cartazes de campanhas espíritas promovidas pela FEB (Federação Espírita Brasileira)

Considerando o conjunto dos cartazes reproduzidos, fica claro, tanto para o leitor em geral e quanto para o seguidor do discurso espírita, especialmente quando se considera a campanha citada, que qualquer prática que desrespeite a moral cristã (como aborto, eutanásia, uso de entorpecentes, violência) é repudiada pelo discurso espírita, que busca promover justamente os valores cristãos (daí a valorização da vida em família, das práticas de caridade, das ações de evangelização).

Na campanha citada, especificamente, todo e qualquer ato que vá de encontro ao “princípio da vida” é vetado e proibido, o que está de acordo com a moral cristã. Dito de outro modo, práticas como o aborto e a eutanásia, no discurso espírita, dado o traço /+cristianismo/, são proibidas. A esse respeito, vale lembrar que, pela moral cristã, o homem não tem poder de escolha sobre sua vida, isto é, não lhe cabe decidir se ela deve ou não continuar, assim como também não lhe cabe decidir o momento de interromper a vida de outro homem.

2.5. Enlaçamentos

Segundo Maingueneau (1997), a ausência de exterioridade entre as coerções enunciativas e as práticas institucionais de determinada prática discursiva pode ser percebida nos textos que se estruturam frequentemente a partir dessa intrincação. Trata-se, por exemplo, de textos que podem ser tomados como amostras de um *corpus* de um discurso específico e, ao mesmo tempo, como tematização das regras que atuam nas comunidades discursivas ligadas a este discurso.

Para exemplificar o tipo de texto em questão, o autor cita uma obra de Étienne Binet, maior autor humanista devoto e provincial dos jesuítas. Segundo Maingueneau, essa obra pode ser tomada como um texto sobre o discurso humanista devoto e também como um texto sobre as suas instituições. A respeito desses textos, o autor afirma: “à medida que a reversibilidade entre os dois aspectos é constante, os textos puramente doutrinários, em aparência, se transformam, com facilidade, em textos sobre a instituição” (MAINGUENEAU, 1997, p. 68). O autor ainda exemplifica esse tipo de texto citando outra obra, desta vez do discurso jansenista.⁴² A respeito dessa obra, o autor afirma que, assim como no caso anterior, nada permite decidir, definitivamente, o que vem em primeiro lugar – comunidade discursiva

⁴² *Peintures spirituelles* (Richeome, 1611, *apud* Maingueneau, 1997, p. 68).

ou doutrina? – pois a “enunciação envolve a ambas em um único e mesmo movimento” (MAINGUENEAU, 1997, p. 68).

Os processos pelos quais os textos de uma formação discursiva refletem sua própria enunciação são chamados por Maingueneau de “enlaçamentos” e eles dizem respeito a textos que, em graus distintos, revelam as imbricações entre a face verbal e a não verbal da prática discursiva. Entre esses textos, encontram-se, segundo o autor, os seguintes tipos de enlaçamentos:

- textos de primeiro grau, que revelam unicamente sua doutrina;
- textos de segundo grau, que descrevem um ideal enunciativo realizado em sua própria enunciação ou uma comunidade cujo funcionamento é o das comunidades discursivas que lhes estão associadas;
- textos de terceiro grau, em que a transmissão de sua doutrina coincide com a descrição de seu ideal enunciativo ou de sua comunidade discursiva;
- textos de quarto grau, que fundem estes diversos elementos em um único: a descrição do mundo é, a um só tempo, definição de um ideal enunciativo e percurso de uma instituição (MAINGUENEAU, 1997, p. 69).

No caso do discurso espírita, notamos que algumas mensagens psicografadas descrevem um ideal de comportamento que não deixa de ser também um ideal de comportamento verbal, o que seria, nos termos de Maingueneau (1997), um caso de enlaçamento de terceiro grau. Vejamos alguns exemplos:

Mensagem (01) - Asseio Verbal

“Não saia da vossa boca nenhuma palavra torpe, mas só a que for boa para a edificação”. (Paulo – Efésios, 4:29)

Quanto mais se adianta a civilização, mais se amplia o culto à higiene. Reservatórios são tratados, salvaguardando-se o asseio das águas. Mercados sofrem fiscalização rigorosa, com vistas à pureza das substâncias alimentícias. Laboratórios são continuamente revistos, a fim de que não surjam medicamentos deteriorados. Instalações sanitárias recebem, diariamente, **cuidadosa assepsia. Será que não devemos exercer cautela e diligência para evitar a palavra torpe, capaz de situar-nos em perturbação e ruína moral?** Nossa conversação, sem que percebamos, age por nós em todos aqueles que nos escutam.

Nossas frases são agentes de propaganda dos sentimentos que nos caracterizam o modo de ser; **se respeitáveis, trazem-nos a atenção de criaturas respeitáveis;** se menos dignas, carregam em nossa direção o interesse dos que se fazem

menos dignos; **se indisciplinadas, sintonizam-nos com representantes da indisciplina;** se azedas, afinam-nos, de imediato, com os campeões do azedume. **Controlemos o verbo**, para que não venhamos a libertar essa ou aquela palavra torpe. Por muito esmerada nos seja a educação, a expressão repulsiva articulada por nossa língua é sempre uma brecha perigosa e infeliz, pela qual perigo e infelicidade nos ameaçam com desequilíbrio e perversão. EMMANUEL⁴³ (FEEMT, 2012; grifos nossos)

Mensagem (02) - Na esfera da língua

“Quem quer amar a vida e ver os dias felizes, refreie a sua língua do mal...”
Pedro. (I PEDRO, 3:10.)

Reflete **no bem que esperas na palavra dos outros**, para que a tua palavra não se converta em agente do mal.

Necessitando desse ou daquele concurso, **agradeces ao companheiro** que te endossa as solicitações **com apontamentos de simpatia**.

No instante do erro, quando muitos te malsinam a invigilância, assinalas, feliz, a frase de entendimento do irmão que te justifica ou desculpa.

De Espírito desarvorado, ante as provas que chegam em monte, na luta de cada dia, **consideras por recurso do Céu a indicação generosa daqueles que te induzem à paciência**.

De coração obrigado a atitudes constringedoras, observas que a ansiedade se te alivia, perante a referência confortadora dos que te ofertam **apoio e compreensão**.

Entre dificuldades amargas, diante da queixa ou da desesperação que te escampam da boca, bendizes o amparo de quantos te acalmam, **usando notas de tolerância**.

Sempre que estiveres a ponto de complicar os problemas ou azedar o ânimo de alguém, através da palavra, **lembra o auxílio verbal de que precisas**, por intermédio dos semelhantes. Se aspiramos a desfrutar os tesouros da vida e do tempo, **apliquemos a regra áurea**, na esfera de nossa língua.

Insuflemos nos ouvidos alheios a tranquilidade que ambicionamos e falemos dos outros aquilo que desejamos que os outros falem de nós. EMMANUEL⁴⁴ (FEEMT, 2012; grifos nossos)

Os textos em questão são mensagens psicografadas, relacionadas a Emmanuel, que, segundo o discurso espírita, é um guia espiritual evoluído, “autor” de grande parte das mensagens psicografadas por Chico Xavier. Desse ponto de vista, suas mensagens podem ser consideradas como reveladoras do discurso espírita e de seus preceitos. No caso em questão, podemos notar que essas mensagens preveem um ideal de comportamento verbal relacionado

⁴³ Disponível em: <http://www.feemt.org.br/mensagens/13/index.html> Acesso em: 20 dez de 2013, às 17:50

⁴⁴ Disponível em: <http://www.feemt.org.br/mensagens/16/index.html> Acesso em: 20 dez de 2013, às 18:35

a um ideal de conduta que, por sua vez, está perfeitamente de acordo com a moral cristã. Assim, o discurso deve ser “respeitável”, “digno”, “disciplinado”, ou ainda, deve ser marcado por “apontamentos de simpatia”, de gratidão (“agradeces ao companheiro”, “bendizes o amparo de quantos te acalmam, usando notas de tolerância”) de modo que a enunciação siga à risca a “regra áurea”, segundo a qual cada um deve “fazer aos outros o que gostaria que lhe fizessem”; daí a recomendação de “falar dos outros aquilo que desejamos que os outros falem de nós”. Vejamos agora a próxima mensagem:

Mensagem (03) - Couraça da caridade

“Sejamos sóbrios, vestindo-nos da couraça da fé e da caridade.”
Paulo. (1ª Epístola aos Tessalonicenses, 5:8.)

Paulo foi **infinitamente sábio** quando aconselhou **a couraça da caridade** aos trabalhadores da luz.

Em favor do êxito desejável **na missão de amor a que nos propomos, em companhia do Cristo**, antes de tudo é indispensável preservar o coração.

E se não agasalharmos a fonte do sentimento **nas vibrações do ardente amor**, servidos por uma compreensão elevada nos círculos da experiência santificante em que nos debatemos na arena terrestre, é muito difícil vencer na tarefa que o Senhor nos confia.

A irritação permanente, diante da ignorância, adia as vantagens do **ensino benéfico**.

A indignação excessiva, perante a fraqueza, extermina os germes frágeis da virtude.

A ira frequente, no campo da luta, pode multiplicar-nos os inimigos sem qualquer proveito para a obra a que nos devotamos.

A severidade demasiada, à frente de **pessoas ainda estranhas aos benefícios da disciplina**, faz-se acompanhar de efeitos contraproducentes por escassez de educação do meio em que se manifesta.

Compreendendo, assim, que **o cristão se acha num verdadeiro estado de luta**, em que, por vezes, somos defrontados por sugestões da irritação intemperante, da indignação inoportuna, da ira injustificada ou da severidade destrutiva, o apóstolo dos gentios receitou-nos **a couraça da caridade**, por sentinela defensiva dos órgãos centrais de **expressão da vida**.

É indispensável **armar o coração de infinito entendimento fraterno** para atender ao ministério em que nos empenhamos.

A convicção e o entusiasmo da fé bastam para começar honrosamente, mas para continuar o serviço, e terminá-lo com êxito, ninguém poderá prescindir da **caridade paciente, benigna e invencível**.⁴⁵

(FEB, 2012; grifo nosso)

⁴⁵ Disponível em: <http://www.febnet.org.br/blog/geral/mensagens-espirtas/couraca-da-caridade/> Acesso em: 25 jan de 2014, às 16:40

Com essa mensagem, cujo título é “Couraça da caridade”, evidenciamos, mais uma vez, o ideal de comportamento definido pelo discurso espírita, que, promovendo os valores associados à moral cristã, repele “a ira”, a “irritação”, “a severidade excessiva”, em prol de uma atitude de “caridade”. Conforme podemos notar, segundo o discurso espírita, somente a caridade “paciente, benigna e invencível” é que pode nos proteger (“couraça da caridade”; “preservar o coração”, “agasalharmos”) das “sugestões da irritação intemperante, da indignação inoportuna, da ira injustificada ou da severidade destrutiva”.

Diante do exposto e das mensagens espíritas veiculadas pelo discurso espírita, podemos dizer o traço /+cristianismo/ revela-se como um traço semântico bastante recorrente nessa prática discursiva, o que mostra, justamente, a relação indissociável entre a face social e a verbal do discurso espírita.

CAPÍTULO 4

O *ETHOS* DO DISCURSO ESPÍRITA

Neste capítulo, analisamos o *ethos* do discurso espírita. Para tanto, apresentamos, inicialmente, a noção de *ethos* discursivo, conforme as reflexões que Maingueneau (2008) desenvolve sobre o tema. Segundo o autor, o *ethos* é a imagem que o sujeito enunciador do discurso projeta de si com base no modo como esse sujeito enuncia. Para a análise, escolhemos a obra *Pinga-Fogo* pelo fato de o entrevistado ser justamente o médium Chico Xavier. Como se sabe, Francisco Xavier foi um médium brasileiro de bastante destaque e, como um grande propulsor do discurso espírita kardecista, deixou uma vasta produção, que ultrapassa quatrocentas psicografias. Assim, como o médium Chico Xavier foi reconhecido nacional e internacionalmente como um grande líder do espiritismo kardecista no Brasil, consideramos válido tomar o seu discurso como representativo do discurso espírita, do mesmo modo pelo qual Maingueneau (2008) analisou o discurso do jansenismo e do humanismo a partir de um *cópus* constituído de poucos textos representativos de cada um deles. Na análise do *ethos* do discurso espírita, vamos verificar que todos os aspectos relativos à noção de *ethos* (tom e traços psicológicos associados a uma forma específica de expressão) dizem respeito à semântica global do discurso espírita.

1. Sobre a noção de *ethos* discursivo

A noção de *ethos* tem ganhado relevância progressivamente. Sem dúvida, esse interesse está diretamente relacionado ao crescimento gradativo do domínio das mídias audiovisuais. Conforme afirma Maingueneau (2008, p. 55), isso se deve ao fato de o centro de interesse ter se deslocado das doutrinas e dos aparelhos que lhes estavam ligados para a apresentação de si. Segundo o autor, esse movimento acompanha o enraizamento de qualquer convicção em certa determinação do corpo em movimento, o que é testemunhado pela transformação da “propaganda” de antes em “publicidade”: a primeira propunha argumentos para valorizar o produto, enquanto a outra trata de elaborar em seu discurso o corpo imaginário da marca que supostamente está na origem do enunciado publicitário.

Segundo Maingueneau (2008, p. 56), para tratar de *ethos*, não podemos deixar de relembrar sua origem. O conceito de *ethos* remonta à retórica da Antiguidade, quando Aristóteles se preocupa com a construção da imagem de si por um orador em seu discurso. Em outras palavras, trata-se da intenção precípua de causar boa impressão mediante a forma como se constrói o discurso, de dar uma imagem de si capaz de convencer o auditório, ganhando, assim, sua confiança.

Mais recentemente, outras teorias linguísticas, em especial as pragmáticas e as discursivas, reformulam o conceito em seus respectivos quadros teóricos, como observa Maingueneau (2008). O autor afirma que convém destacar os princípios comuns que norteiam esses diversos tratamentos e as contribuições da AD para o desenvolvimento desse conceito.

Em linhas gerais, o *ethos* é considerado a imagem que o sujeito enunciativo do discurso projeta de si, tendo em vista o modo como esse sujeito enuncia. O *ethos* não corresponde ao que esse sujeito diz a respeito de si, mas às características da personalidade reveladas pelo modo de se exprimir. Segundo Maingueneau, são características psicológicas

de sua personalidade identificáveis e demarcadas a partir de sua maneira singular de expressão.

Com o *ethos*, o co-enunciador tem condições de formar uma representação do sujeito-enunciador, e essa desempenha o papel de um fiador encarregado da responsabilidade do discurso. O interesse pela noção deve-se ao fato de o *ethos* estar diretamente ligado à questão da eficácia de um discurso, da sua capacidade de suscitar a crença, daí o fato de termos selecionado essa dimensão do discurso como uma das etapas da análise que desenvolvemos sobre o discurso espírita kardecista. A explicitação do papel do *ethos* no processo de adesão dos sujeitos ao discurso é feita por meio do conceito de incorporação, que designa a maneira pela qual o co-enunciador adere ao discurso. Assim, Maingueneau (2008, p. 65) afirma que essa incorporação atua em três registros diferentes:

- a enunciação da obra confere uma “corporalidade” ao fiador, ela lhe dá corpo;
- o destinatário incorpora, assimila um conjunto de esquemas que correspondem a uma maneira específica de relacionar-se com o mundo habitando seu próprio corpo;
- essas duas primeiras incorporações permitem a constituição de um corpo, o da comunidade imaginária daqueles que aderem ao mesmo discurso.

Com a noção de incorporação, podemos entender que os sujeitos não aderem a um discurso simplesmente porque um conjunto de ideias ligadas a seus possíveis interesses lhes é apresentado, mas sim porque têm “acesso ao dito pelo modo de dizer enraizado em um modo de ser”, conforme deixa claro Maingueneau (2008, p. 72). Os discursos conquistam a adesão dos sujeitos legitimando, atestando o que é dito na própria enunciação, permitindo a identificação desses sujeitos com certa determinação do corpo. Notamos que o *ethos* articula corpo e discurso, pois a instância subjetiva manifestada pelo discurso não se deixa perceber nesse somente como um estatuto, mas como uma voz associada à representação de um corpo enunciante situado em um contexto sócio-histórico específico.

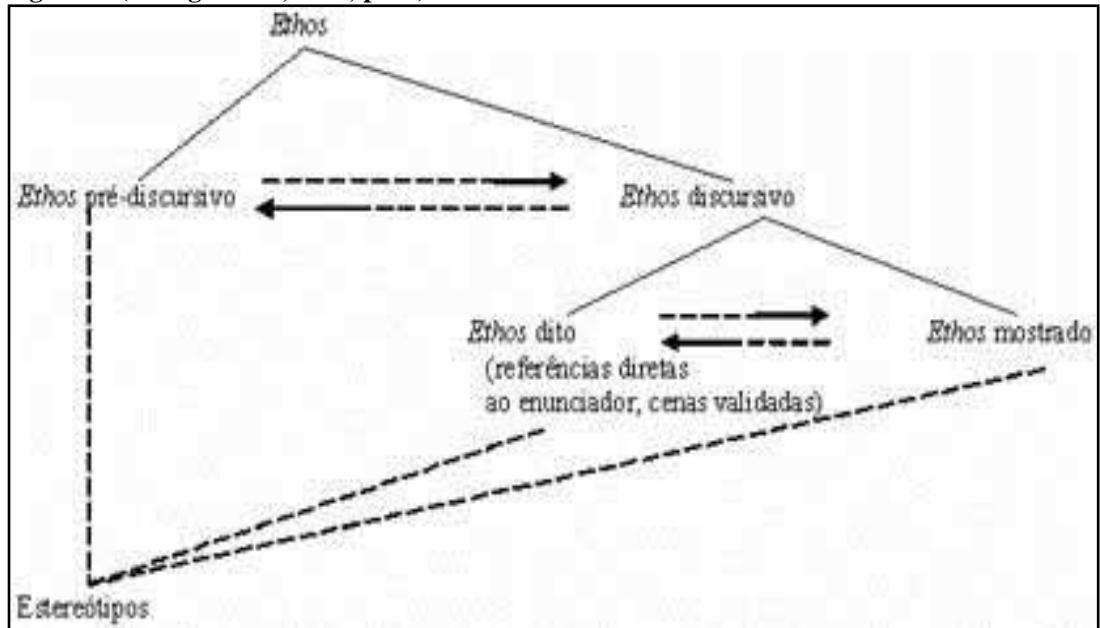
Maingueneau (2008, p. 71) faz uma distinção entre o *ethos* pré-discursivo e o *ethos* discursivo. Se neste a imagem do enunciador é construída com base em indícios discursivos, o primeiro resulta de representações prévias do enunciador. Ainda, o autor acrescenta o fato de a existência dos dois tipos de *ethé* não se dar necessariamente em todos os discursos, pois há aqueles que prescindem dessas imagens construídas *a priori* pelos destinatários dos discursos. A esse respeito, o autor afirma (MAINGUENEAU, 2008, p. 16) que existem tipos de discurso ou circunstâncias para as quais não se espera que o destinatário disponha de representações prévias do *ethos* do locutor. Como reitera o autor, no caso de discursos pertencentes ao domínio da política e ao domínio da imprensa, a maior parte dos locutores é associada a um tipo de *ethos* não-discursivo que cada enunciação pode confirmar ou infirmar.

Além disso, Maingueneau (2008, p. 60) afirma que, durante a construção do *ethos*, interagem ordens de fatos muito diversos: os índices sobre os quais se apoia o intérprete vão desde a escolha do registro da língua até o planejamento textual, passando pelo ritmo e modulação. Não podemos nos esquecer de que, conforme afirma Maingueneau (2008, p. 16), há elementos contingentes em um ato de comunicação em relação aos quais se torna difícil dizer se fazem ou não parte do discurso, mas que influenciam a construção do *ethos* discursivo pelo destinatário. De fato, trata-se de uma decisão teórica o fato de relacionar a construção do *ethos* ao material propriamente verbal ou também relacionar elementos extradiscursivos como roupas do enunciador, gestos, abrangendo todo o conjunto do quadro da comunicação.

Considerando apenas a noção de discurso, o *ethos* discursivo mostra-se como o produto da interação de outros dois tipos: o *ethos dito* e o *ethos mostrado* (o *ethos* mostrado pela enunciação). Segundo Maingueneau (2008), o primeiro diz respeito aos fragmentos dos textos que evocam sua própria enunciação, revelando a imagem que o sujeito-enunciador tem

de si quando o enunciador faz alusões a outras cenas de fala direta ou indiretamente. Para Maingueneau, os limites entre o *ethos* dito sugerido e o mostrado não são muito claros, por isso defende um *continuum* entre esses dois tipos de *ethe*. Vejamos:

Figura 8: (Maingueneau, 2008, p. 71)



Além dessas propriedades, o *ethos* está vinculado à cena de enunciação, que, segundo Maingueneau, engloba três cenas: a cena englobante, a cena genérica e a cenografia. A *cena englobante* corresponde ao tipo de discurso; ela confere ao discurso seu estatuto pragmático (por exemplo: discurso literário, discurso religioso, discurso filosófico, discurso publicitário). A *cena genérica*, por sua vez, diz respeito ao contrato associado a um determinado gênero (editorial, sermão, guia turístico, visita médica, receita). Finalmente, há a cenografia, cena construída pelo próprio texto, que não é necessariamente imposta pelo gênero; assim, por exemplo, um sermão pode ser enunciado por meio de uma cenografia professoral. A *cenografia* é exatamente o lugar onde o fiador do discurso está inserido, assumindo certo modo de enunciação.

A noção de cenografia pode ter duplo valor, segundo Amossy (2008, p. 76), pois “cena” demanda da referência teatral, enquanto “grafia”, da referência de inscrição. A autora afirma que a “cena enunciativa” não pode ser definida como se o discurso se manifestasse no interior de um espaço já construído e independente desse discurso, mas é necessário considerar o desenvolvimento da enunciação como a instauração progressiva de seu próprio discurso de fala. Em síntese, a “-grafia” deve ser apreendida ao mesmo tempo como quadro e como processo. A esse respeito, Maingueneau (2008, p. 71) ressalta: a cenografia legitima um enunciado que deve legitimá-la, estabelecendo que essa cena da qual vem a palavra é precisamente a cena requerida para enunciar nessa circunstância. Assim, a cenografia pode ser caracterizada como maneira específica de legitimar-se, prescrevendo-se um modo de existência no interdiscurso.

2. Análise do *ethos* do discurso espírita

Feitos os esclarecimentos sobre a noção de *ethos* discursivo, passemos à análise do *ethos* do discurso espírita. Para essa análise, selecionamos a obra *Pinga-Fogo com Chico Xavier* (GOMES, 2010). Publicada pela Editora *InterVida* e organizada pelo jornalista Saulo Gomes, essa obra traz, na íntegra, as duas edições do programa “Pinga-Fogo da TV Tupi”, transmitidas pela Rede Tupi de Televisão, no ano de 1971. A primeira edição foi transmitida em 28 de julho de 1971. Em razão do alto índice de audiência (segundo a Revista *Época*, 75% dos televisores brasileiros ficaram ligados na TV Tupi), o entrevistado, o médium, foi novamente convidado, em dezembro daquele mesmo ano, para responder às perguntas feitas por diversos jornalistas, por convidados de diversas origens, por pessoas do auditório e por telespectadores sobre temas diversos como reencarnação, morte, evolução, psicografia, religião, mediunidade, família, educação, umbanda, homossexualidade, entre outros.

A análise do *ethos*, neste trabalho, baseia-se especialmente nas ocorrências relativas ao *ethos* dito e também na análise do *ethos* mostrado, que é desenvolvida considerando-se os seguintes aspectos linguísticos-discursivos: léxico, modalidade e atos de fala. A junção dos resultados dessas análises permite a identificação não só do perfil do fiador do discurso, mas também a cena de enunciação em que esse fiador emerge.

Na verdade, para analisar o *ethos* do discurso espírita, considerando a obra selecionada, não podemos deixar de mencionar que existe uma expectativa em termos de *ethos* (*ethos* pré-discursivo). Essa expectativa diz respeito não só ao próprio discurso espírita, como também ao próprio Chico Xavier, como figura pública que era. Assim, no momento em que as entrevistas do médium ao Programa “Pinga-Fogo” foram publicadas, muito já se sabia sobre ele, sobre seu comportamento em relação aos seus seguidores, sobre seu histórico de vida, incluindo sua dedicação ao próximo. A esse respeito, vale lembrarmos também o interesse do público geral e das mídias audiovisuais em torno do médium, especialmente após sua morte em 2002: em 2010, ano do centenário de seu nascimento, foi produzido o filme “Chico Xavier – O filme”, baseado no *best-seller* de Marcel Souto Maior *As vidas de Chico Xavier*, e dirigido por Daniel Filho, como forma de homenagear a figura do médium.

De fato, se observamos o paratexto da obra em análise (com ênfase nas notas e nos comentários acrescentados pelo organizador da obra), vamos encontrar vários enunciados dos quais é possível apreender a imagem de Chico Xavier que corresponde exatamente a essas expectativas. Vejamos alguns desses enunciados:

(01) “Francisco Cândido Xavier (1910-2002) **mais que viveu, transcendeu**. Os dois planos da vida foram para ele **uma só causa de labor pelo próximo**. **Médium extraordinário, fiel mensageiro dos Espíritos elevados**, legou à humanidade um **manancial de conhecimento incomparável** em mais de 400 livros. Suas atividades de assistência ao ser humano foram a **perfeita**

concretização da caridade. Com a doutrina espírita, **viveu plenamente o evangelho do Cristo**” (texto da contracapa; grifo nosso)

(02) “Aprendi com Chico que a **paciência e a humildade nos fazem mais fortes para a vida.**” (comentário de Saulo Gomes, grifo nosso)

(03) “**Sabidamente,** Chico evita comentar sobre a vida dos citados personagens cujas biografias continham trechos controversos. Apontar as mortes ocorridas como possível meio de liberação de maiores embaraços futuros traz esclarecimento, consolação, além de ser uma **atitude profundamente generosa**” (GOMES, 2010, p. 36, grifo nosso)

(04) “Chico sempre fez questão de colocar-se como autenticamente se sentia: um intermediário, **um mensageiro que fazia muitos esforços para que os ‘recados’ entre as duas esferas da vida chegassem a todos com o mínimo de sua interferência**” (GOMES, 2010, p. 51, grifo nosso)

(05) “O médium livra-se da condição a ele atribuída de ‘antena receptora’ de todos os fenômenos à sua volta’, dizendo ter como foco de atenção a própria entrevista e não a ‘faixa de observação’ daquela senhora. **Gentilmente concede** ainda atestado de veracidade ao fenômeno de vidência, antes de encerrar **com delicadeza** o assunto.” (GOMES, 2010, p. 65, grifo nosso)

(06) “A contrapergunta é um recurso utilizado em debates como meio para se esclarecer pontos obscuros, para se aclarar discussões, não tendo como fim sobrepor-se um debatedor ao outro, embora isso possa ocorrer. Jesus utilizou-se desse estratagema para responder aos⁴⁶ sacerdotes que desejavam saber ‘com que autoridade’ (Mt 21:23-27) Ele realizava os seus feitos. Chico lembra que existe este recurso, que pode dispor dele, mas **gentilmente o dispensa.**” (GOMES, 2010, p. 73, grifo nosso)

⁴⁶ Nesse enunciado, notamos que a postura de Francisco Xavier é valorizada a partir de uma referência a uma cena bíblica (cena validada, nos termos de Maingueneau, 2008).

(07) “**Chico não se abala com a rispidez momentânea do entrevistador e segue adiante**, adentrando o próprio campo de crença deste – o catolicismo. E assim, **delicadamente**, a mediunidade dos santos é colocada em pauta, demonstrando que a mediunidade, como um fenômeno natural, ignora barreiras de qualquer natureza.” (GOMES, 2010, p. 84, grifo nosso)

Conforme podemos notar, esses enunciados retratam Chico Xavier não só como um médium, mas também como uma pessoa generosa, caridosa, humilde e delicada, o que não só está de acordo com o discurso espírita e a sua moral cristã, mas também é compatível com a imagem que ele tinha na mídia (como pessoa caridosa, humilde, dedicada aos pobres, doentes e sofredores).

Diga-se o mesmo a respeito dos enunciados do próprio médium Chico Xavier. Assim, notamos que, pelo seu discurso, projeta de si uma imagem compatível a essa expectativa. A esse respeito, vale destacar as passagens em que o sujeito enunciatador toma a si como objeto de seu discurso (*ethos* dito), de modo mais ou menos explícito, revelando certa imagem de si. Vejamos algumas delas:

(08) Porque **nós não nos sentimos pessoalmente capazes de corresponder à expectativa do programa Pinga-Fogo**, sempre de tão elevado gabarito. (GOMES, 2010, p. 22, grifo nosso)

(09) **com o brilho e a eficiência de que eu não disponho**, poderiam representar, de maneira adequada, os nossos princípios em nossa reunião. Eles, com a gentileza de sempre, indicaram meu nome. (GOMES, 2010, p. 23, grifo nosso)

(10) Eu não pude me omitir, **contando para isso com o amparo dos nossos amigos espirituais**, sempre solícitos... (GOMES, 2010, p. 23. grifo nosso)

(11) Sempre solícitos em nos assistirem com a transferência de seus ensinamentos, e tão somente por isto estou aqui, declarando de início que **eu não tenho qualidades para sentar-me no lugar que momentaneamente ocupo**. (GOMES, 2010, p. 23, grifo nosso)

(12) Entretanto **sou um instrumento muito imperfeito** e declaro com sinceridade que, antes as respostas que forem formuladas, responderei aquelas que ele (espírito Emmanuel) puder encontrar em mim recursos para esclarecer. (GOMES, 2010, p. 23, grifo nosso)

(13) Mas quanto a quaisquer outras perguntas de que **eu não seja capaz para oferecer a ele** a necessária instrumentação, **eu rogo desculpas a todos**. (GOMES, 2010, p. 24, grifo nosso)

(14) Antigamente eu me sentia às vezes ressentido, **dentro da minha ignorância**, com aqueles que não conseguiam crer na realidade mediúnica. (GOMES, 2010, p. 50, grifo nosso)

(15) **Não podemos compreender isso ainda**. (GOMES, 2010, p. 61, grifo nosso)

Ao observar esses enunciados, notamos que Chico Xavier projeta de si, em seu discurso, a imagem de uma pessoa humilde, que assume ser ignorante, incapaz de compreender certos fatos da vida, que roga desculpas por eventualmente não conseguir responder às perguntas que lhe forem dirigidas, que assume que seu saber se deve aos “espíritos amigos”. De um ponto de vista discursivo, trata-se, essencialmente, de um sujeito enunciator que em momento algum faz menção às suas qualidades, mas apenas às suas imperfeições, às suas falhas, apresentando-se como uma pessoa humilde perante o público e os entrevistadores.

Outro aspecto que merece ser mencionado diz respeito ao léxico (*ethos* mostrado) empregado no discurso do médium para interpelar e ou se referir aos participantes da entrevista. Vejamos os seguintes enunciados:

(16) Eu quero dizer, **ao nosso caro entrevistador**, que o nosso ponto de vista religioso não nos isenta da execução das leis cármicas no campo de nossos destinos (GOMES, 2010, p. 35, grifo nosso)

(17) **Nossa amiga** naturalmente estará entrando numa faixa de observação dentro da qual eu não me encontro no momento... (GOMES, 2010, p. 65, grifo nosso)

(18) Pedimos permissão ao **nosso caro pastor evangélico Sr. Manoel de Mello** para considerar que, no livro de Gênesis, no capítulo IV, versículos 16 e 17, vamos encontrar uma questão muito interessante para nossos estudos em conjunto, porque nós todos somos estudantes das letras sagradas. (GOMES, 2010, p. 73, grifo nosso)

Conforme podemos notar nos enunciados citados, o médium Chico Xavier se dirige aos seus interlocutores sempre de maneira gentil e até afetuosa (“caro pastor”, “caro entrevistador”), o que lhe reforça a imagem de homem fraternal. A esse respeito, vale lembrar que, de acordo com o discurso espírita, o cristão deve amar ao próximo como ama a si mesmo. Desse modo, notamos como o tom afetuoso presente no discurso espírita de Chico Xavier está de acordo com o traço /+cristianismo/, evidenciando o fato de que um discurso não diz respeito apenas a um conteúdo, a um conjunto de ideias, mas também a uma maneira específica de enunciar (MAINGUENEAU, 2008). A esse respeito, notamos que o discurso espírita de Chico Xavier mantém essas características inclusive nos momentos em que as

perguntas dos entrevistadores poderiam causar algum tipo de embaraço a ele, dado o seu conteúdo. Vejamos os seguintes enunciados:

(19) **Pergunta:** Chico, segundo os dados estatísticos levantados por Stig Roland Ibsen e sua senhora, referentes à sua obra, no exame total da sua obra, você teria recebido até agora comunicações, poesias, principalmente um grande número de poesias, e comunicações variadas, inclusive romances, de mais de 400 autores. Eu perguntaria a você se você leu todos esses autores, se você tem conhecimento da obra de todos eles, se você conseguiu armazenar no seu inconsciente toda essa fabulosa bagagem de mais de 400 autores brasileiros e portugueses, e alguns até mesmo estrangeiros?

Resposta de Chico Xavier: As informações **dos nossos queridos amigos e distintos escritores** Sr. Stig Roland Ibsen e de sua **digna esposa** dona Edith Canto Ibsen são autênticas. Devo declarar, de público, que isso para mim seria impossível. E **peço permissão para dizer** que eu tive na vida três empregos: a primeira vez, me empreguei aos oito anos de idade numa fábrica de tecidos. Trabalhei até os doze, frequentando também a escola primária. Dos doze aos dezenove, vinte anos, trabalhei num bar, e depois num armazém, isto é, no comércio. E de 1931 a 1961, eu trabalhei durante trinta anos no Ministério da Agricultura. De modo que não seria possível para mim me inteirar do estilo de todos esses poetas, escritores, cronistas, jornalistas e amigos desencarnados, por meu intermédio. Absolutamente. (GOMES, 2010, p. 64; grifos nossos)

(20) **Pergunta:** Este programa é de perguntas, não é de debates.

Resposta de Chico Xavier: Não, não é de debates absolutamente. Apenas **respeitando imensamente** a Igreja católica, em cujo seio formei a minha fé, mas respeito profundo e que eu devo declarar de público que nunca perdi e não quero perder. Então, eu digo aqui, de público, eu não conheço essas obras, mas gostaria de conhecê-las em português. (GOMES, 2010, p. 83; grifo nosso)

(21) **Pergunta:** Eu queria lembrar a existência, no meio católico, também de psicografia, do fenômeno psicográfico [...] Mas acrescento o seguinte: as próprias

Edições Paulinas anunciaram que outros livros da mesma natureza seriam publicados por ela. Entretanto, não foram. Mas existe, portanto. Bastaria este livro, *O manuscrito do purgatório*, que foi publicado, para provar que existe uma psicografia católica.

Resposta de Chico Xavier: O Espírito de Emmanuel pede para mencionarmos diante de nosso caro escritor e entrevistador, que levantou o problema **com tanta distinção e com tanto carinho**, que nós não podemos esquecer um problema muito importante em nossa vida cristã. É que o livro é mesmo um instrumento de cultura extraordinário, e que é um instrumento que está entre este mundo e o outro mundo. É tão importante que o primeiro livro que veio para a humanidade é um livro do mundo espiritual, um livro de pedra que foi os *Dez mandamentos...* de Moisés! (GOMES, 2010, p. 85; grifo nosso)

(22) **Pergunta:** Então, Chico Xavier, **agora vai com casca e tudo**. Primeira pergunta que eu lhe faço, e espero a sua resposta sem hesitação, da forma que eu já ouvi. Eu, além de ser leitor insaciável da sua obra psicografada, sou telespectador, e todas essas coisas que dizem respeito a coisas do espírito me interessam. Então, eu vi o seu primeiro programa e quero saber de você, Chico Xavier, meu amigo, meu irmão, até onde sua religião, **o espiritismo, admite, tolera ou coonesta o umbandismo?**

Resposta de Chico: **Respeitamos no umbandismo uma grande legião de companheiros muito respeitáveis, consagrados à caridade que Jesus nos legou**, grandes expositores da mediunidade, da mediunidade que auxilia, que alivia o próximo, credores do nosso maior carinho, da nossa maior veneração, conquanto estejamos vinculados aos princípios codificados por Allan Kardec, de nossa parte. (GOMES, 2010, p. 135; grifos nossos)

Podemos dizer que Chico Xavier, dada a postura que assume nessa entrevista, adota o ideal de comportamento espírita descritos nos textos de enlaçamento desse discurso, conforme estabelecidos no capítulo 3, quando tratamos do espiritismo como prática discursiva. Assim, responde às “pessoas ainda estranhas aos benefícios da disciplina”, vestido da “couraça da caridade”, com “entendimento fraterno”, com a “caridade paciente, benigna e

invencível”, “servido de uma compreensão elevada”. Conforme podemos notar, apesar do conteúdo das perguntas que lhe são dirigidas, o entrevistado mantém a postura humilde e compreensiva, afastando qualquer possibilidade de o discurso assumir tom polêmico, de contestação ou de indignação.

Conjuntamente, as observações expostas até o momento nos permitem afirmar que o discurso espírita é bastante compatível com o traço /+cristianismo/. As características da enunciação de Chico Xavier (tom humilde e tom afetoso, fraternal) correspondem à conduta ideal do discurso espírita conforme apresentamos nos capítulos anteriores, especialmente no capítulo 3. Desse modo, ao adotar uma postura discursiva humilde (durante a entrevista, o médium Chico Xavier pede perdão aos entrevistadores, agradece-lhes pelas perguntas, elogia-os, agradece aos espíritos-guias os esclarecimentos recebidos), Chico Xavier está revelando que mesmo um médium, que fala em nome de espíritos elevados, deve sempre adotar uma postura fraternal, *aproximando-se* dos outros.

Em *Síntese de O livro dos Espíritos*, notamos que o discurso espírita afirma a necessidade de todos manterem essa postura humilde e caridosa. Daí o tom afetoso e humilde do discurso espírita. Por isso também o fato de, em sua enunciação, oferecer apoio e mostrar-se compreensivo com relação aos problemas de seu enunciatário, sem assumir uma postura autoritária.

A seguir, apresentamos enunciados que evidenciam a presença desse *tom fraternal* no discurso espírita do médium Chico Xavier, que se materializa por meio do emprego de perguntas que substituem afirmações categóricas, e também pelo emprego da primeira pessoa do plural quando da expressão de uma necessidade:

(23) **Nós precisamos esperar** o progresso da ciência na descoberta mais ampla e na definição mais precisa daquilo que nós chamamos de antimatéria das partículas (GOMES, 2010, p. 45, grifo nosso)

(24) **Nós precisamos estudar** com pesquisadores. (GOMES, 2010, p. 74, grifo nosso)

(25) Seria o caso de perguntarmos à rosa ou ao lírio por que é que eles são tão belos? Perguntar à luz por que que a luz brilha tanto? (GOMES, 2010, p. 154,)

(26) Por que é que não nos podemos amar uns aos outros? (GOMES, 2010, p. 164)

(27) Por que nós não podemos resguardar a nossa independência? (GOMES, 2010, p. 164, grifo nosso)

(28) **Aconselhemos** nossos jovens. (GOMES, 2010, p. 166, grifo nosso)

Ao observar esses enunciados, podemos afirmar que o discurso do médium revela-se, de alguma forma, uma espécie de aconselhamento em relação às teses defendidas pelo discurso espírita (aconselhamento e não imposição; daí o emprego da primeira pessoa do plural nos enunciados em que exprime alguma necessidade). Assim, mais uma vez, notamos que o discurso espírita revela-se compatível com os princípios propagados pela ideologia cristã, dado o traço /+cristianismo/. Sua maneira de dizer reforça o tom fraternal de seu discurso, construindo para si a imagem de uma pessoa amiga e próxima. Dessa forma, o discurso do médium distancia-se do discurso de alguém que assume uma posição de liderança.

Na próxima seção, vamos dar continuidade à análise do *ethos* do discurso espírita de Chixo Xavier, observando a expressão das modalidades.

3. Modalidade como recurso de análise do *ethos*

Conforme já dito, segundo Maingueneau (2008, p. 16), os índices sobre os quais se apoia o intérprete para a elaboração do *ethos* são de diversas ordens, por exemplo: a escolha do registro da língua, as palavras, o planejamento textual.

Seguindo os passos de Mussalim (2008), pretendemos tomar alguns desses índices textuais de que fala o autor como marcadores de modo de enunciação para darmos continuidade à análise do *ethos* do discurso espírita. Dentre esses diversos índices, selecionamos a modalidade. De nosso ponto de vista, a análise desse aspecto linguístico-discursivo deve contribuir para a análise do *ethos*, tendo em vista que as modalidades são entendidas como manifestações de subjetividade, mais especificamente, como índices da atitude do falante perante os enunciados que produz.

Para essa análise, vamos nos apoiar em alguns trabalhos funcionalistas sobre a modalidade: a teoria funcionalista de Hengeveld (2004) e alguns outros trabalhos, como o de Neves (2006) e o de Dall'Aglio-Hattner (1995). A possibilidade de desenvolver a análise com base nesse outro aparato teórico-metodológico da Linguística se deve ao fato de o discurso não ser limitado pelas divisões internas que a Linguística apresenta (cf. Maingueneau, 1989; Brunelli, 2004). Assim, a princípio, qualquer aparato teórico-metodológico pode ser convocado como ferramenta auxiliar para o tratamento de aspecto específico da materialidade discursiva.

A escolha pelo ponto de vista funcional para a análise da modalidade se deve ao fato de os estudos nessa área descreverem os enunciados modalizados em todos os níveis: sintático, semântico e pragmático. A opção pelo funcionalismo não constitui, desse modo, impertinência teórica, porque ele está sendo empregado como ferramenta de análise da modalidade. Trata-se de recurso para analisar aspecto da materialidade, sem perder de vista a

ordem própria do discurso. Assim, o ponto de vista é sempre o da Análise do discurso francesa, segundo o qual são as restrições discursivas que explicam as características do discurso.

3.1. As modalidades

Em Linguística, tratar de modalidade não é tarefa fácil, porque existem várias propostas de tratamento concorrentes. Porém, essas ainda não são suficientes para defini-la de modo preciso, pois os conceitos em torno dessa perpassam desde um ponto de vista mais próximo da lógica até uma abordagem linguística mais pragmática.

De um modo geral, as modalidades são entendidas como manifestações de subjetividade, mais especificamente, como índices da atitude do falante perante os enunciados que produz, daí o fato de serem consideradas como parte da atividade ilocucionária (KOCH, 1986, p.227).

Segundo Cervoni (1989),

A apresentação mais geral a que se recorre quando se pretende tratar da modalidade é aquela ligada a uma análise semântica que distingue, num enunciado, "um **dito** (às vezes denominado conteúdo proposicional) e uma **modalidade** – um ponto de vista do sujeito falante sobre este conteúdo" (CERVONI, 1989, p.53 – grifos do autor).

Para a autora, há um inconveniente nessa apresentação, pois ela pode sugerir uma confusão entre a **modalidade** e a **conotação**, outra manifestação da subjetividade na linguagem. Nesse trabalho, as modalidades são consideradas como "veiculadoras das atitudes do falante com relação ao que é dito" (DALL'AGLIO-HATTNER, 1995, p.132). Portanto, é bastante importante entender que nem toda marca de subjetividade corresponde a uma

manifestação de modalidade. Conforme veremos adiante, os enunciados de Chico Xavier são bastante marcados do ponto de vista modal, daí, inclusive, nosso interesse pela investigação desse aspecto do discurso.

3.2. Tipologia das modalidades

Em se tratando de modalização, podemos dizer que, em geral, os estudos linguísticos sobre essa categoria estão relacionados a tipos de modalidade. Para classificar cada uma delas, aderimos à proposta de Hengeveld (2004). O pesquisador da escola funcionalista adotou dois critérios básicos para fazer a classificação geral: o tipo **de alvo de avaliação** (parte do enunciado modalizada) e o **domínio semântico** a partir do qual a avaliação é feita. Em relação ao alvo da avaliação, os diferentes tipos de modalidade podem ser orientados para o participante, para o evento e para a proposição. Já em relação ao domínio semântico, o autor identifica as modalidades facultativa, deontica, volitiva, epistêmica e evidencial. Ao entrecruzar os dois parâmetros propostos por Hengeveld, temos algumas possibilidades. Vejamos:

a) **modalidade facultativa**: quando orientada para o participante, descreve a habilidade de um participante no evento designado pelo predicado. Quando orientada para o evento, caracteriza os eventos em termos das condições físicas ou circunstanciais que possibilitam as suas ocorrências. Nesse tipo de modalidade, a possibilidade de ocorrência de um evento advém das circunstâncias em que o evento ocorre, pois independe das capacidades intrínsecas do participante;

b) **modalidade deôntica**: quando orientada para o participante, descreve um participante que se encontra sob uma obrigação ou que tem uma permissão para se engajar no evento designado pelo predicado; já orientada para o evento, descreve a existência de obrigações, de permissões e de proibições gerais, sem o sujeito enunciador assumir a responsabilidade por esses julgamentos;

c) **modalidade volitiva**: quando orientada para o participante, descreve o desejo de um participante de se engajar no evento descrito pelo predicado; já orientada para o evento, caracteriza um evento como desejável ou indesejável, sem o envolvimento do sujeito enunciador nessa avaliação; ademais, se orientada para a proposição, tem o sujeito enunciador (e não o participante do evento descrito na oração) como a fonte da atitude volitiva expressa na proposição;

d) **modalidade epistêmica**: quando orientada para o evento, caracteriza um evento como possível ou não a partir do que é sabido sobre o mundo; já orientada para a proposição, especifica o grau de comprometimento do sujeito enunciador com relação à proposição por ele apresentada;

e) **modalidade evidencial**: quando orientada para a proposição, está relacionada à fonte da informação contida no enunciado e ao modo como o enunciador obteve essa informação. Os diferentes tipos de fonte (o falante, uma fonte in/definida) e o modo como o falante obteve essa informação são responsáveis pelos diferentes graus de confiabilidade da informação expressa pela proposição.

Na próxima subseção, tratamos especificamente da modalidade deôntica, que será nosso foco de análise no discurso espírita de Chico Xavier dado o fato de termos notado que há, nesse discurso, muitos enunciados deonticamente modalizados.

3.3. A modalidade deôntica

A modalidade deôntica diz respeito à qualificação do dever, da obrigação, do moralmente permissível. Segundo Lyons (1977), o termo deôntico, do grego *déon*, que significa “o que é obrigado”, é amplamente usado por filósofos para se referir a um ramo particular ou extensão da lógica modal. A modalidade deôntica diz respeito à necessidade ou à possibilidade de atos serem executados por agentes moralmente responsáveis. Essa modalidade diz respeito às regras sociais e morais estabelecidas. A partir dessas regras, os valores de permissão, de obrigação e de proibição são estipulados.

Ainda de acordo com Lyons (1977), cabe lembrar que a modalidade deôntica deriva de origem ou causa e pode ser uma pessoa ou uma instituição. Dessa forma, além da convenção de regras sociais e morais, é necessário haver o reconhecimento, por parte dos membros de uma dada sociedade, dos valores e dos pesos dessas normas. Com base no reconhecimento dessas regras e valores, um membro ou uma instituição de uma sociedade é designado como autoridade ou não.

Não podemos nos esquecer de que, para uma ordem ou para um pedido serem aceitos pelo enunciatário, duas condições básicas precisam estar presentes no que tange ao discurso: o reconhecimento da autoridade do enunciador e também o reconhecimento de uma expressão linguística que manifeste o caráter hierarquicamente superior do enunciador em relação ao enunciatário. O enunciado pode verbalizar explícita ou implicitamente a intenção do falante. No caso de o desejo do falante se apresentar de forma implícita, cabe ao interlocutor interpretá-lo e, em seguida, executar ou não a ação.

A esse respeito, Searle (1975), com base na *Teoria dos Atos de fala*, de Austin, e nos *Princípios de cooperação* de Grice, apontou casos em que uma sentença com determinada força ilocucionária em um tipo de ato ilocucionário pode ser expressa por outro tipo de ato

ilocucionário e nomeou como **ato de fala indireto**. Para o autor, ato de fala indireto pode ser entendido quando o interlocutor compreende a sentença com o sentido diferente daquele expresso literalmente por ela, percebendo, assim, a intenção real do enunciador. Essa interpretação está relacionada ao conhecimento partilhado entre falante e ouvinte, pois, a partir desse pressuposto, o interlocutor revela-se capaz de fazer inferências.

Os atos de fala indiretos ocorrem quando temos enunciados que se enquadram no ponto ilocucional diretivo. Guiraldelli (2013), com base nos princípios de Searle (1969), afirma que o ponto ilocucional é considerado o componente principal da força ilocucionária e expressa o que o falante pretende fazer ao executar um ato. A autora também lembra, de acordo com Vanderveken (1985, p. 176), que o ponto é apenas um componente entre outros, pois forças diferentes podem fazer parte do mesmo ponto (ordens, comandos, pedidos, sugestões, avisos, súplicas e perguntas); já asserções, testemunhos, predições, relatos, confissões e conjecturas têm o ponto assertivo.

Com base nesses pressupostos e nos diferentes alvos e domínios de avaliação das modalidades, analisamos os efeitos de sentido dos enunciados deonticamente modalizados no discurso de Chico Xavier a fim de verificar as possíveis relações entre as coerções semânticas do discurso, o estatuto do sujeito-enunciador e o domínio da avaliação.

3.4. Enunciados deonticamente modalizados no discurso de Chico Xavier

Conforme dito, o discurso de Chico Xavier é marcado por um tom de afetuosidade e de humildade. Nesse sentido, entende-se que ser sujeito enunciador do discurso espírita kardecista significa, nesses termos, assumir um lugar de *humildade* e de compreensão, no qual se enuncia e, ao mesmo tempo, estabelece-se com o enunciatário uma relação de respeito e de proximidade. Considerando-se esse resultado, o fato de termos notado também no

discurso do médium uma grande quantidade de enunciados deonticamente modalizados (enunciados que expressam obrigação, ordem e permissão) pode ser tomado, a princípio, como uma grande contradição. Assim, pode parecer contraditório afirmarmos que a humildade possa ser um traço marcante da enunciação em análise, dada grande ocorrência de formas destinadas à expressão da obrigatoriedade, uma vez que implica o caráter hierarquicamente superior do enunciador em relação ao enunciatário.

Porém, notamos que os enunciados deonticamente modalizados no discurso de Chico Xavier estão marcados também por recursos que atenuam essa modalidade, o que dilui o tom autoritário próprio desse tipo de manifestação modal. Vejamos alguns enunciados:

(29) O caso tem sido estudado por nós com o Espírito de Emmanuel, mas, conquanto acatemos com muita sinceridade todas as afirmações da ciência, **nós precisamos considerar** (e isto, entre parênteses, não é uma resposta despistadora). (GOMES, 2010, p. 45, grifo nosso)

(30) **Nós precisamos esperar** o progresso da ciência na descoberta mais ampla e na definição mais precisa daquilo que nós chamamos de antimatéria das partículas... (GOMES, 2010, p. 45, grifo nosso)

(31) Não, **nós devemos compreender** que a misericórdia de Deus, a sabedoria de Deus estatuiu leis que nos favorecem, que nos beneficiam a todos, e que a vida é sempre bela, e que a vida é sempre uma dádiva preciosa, seja em qualquer posição que estivermos. (GOMES, 2010, p. 55, grifo nosso)

(32) Então, **nós não podíamos duvidar** de que a ciência chegaria a esta realização. (GOMES, 2010, p. 59, grifo nosso)

(33) Porque **nós não podemos** desconhecer que a criança-embrião é um ser vivo. (GOMES, 2010, p. 60, grifo nosso)

(34) **Precisamos honificar** a posição atual daqueles que atualmente nos governam, que vigiam sobre os nossos destinos. (GOMES, 2010, p. 147, grifo nosso)

(35) Quanto ao proselitismo, **devemos informar** ao nosso caro consulente de Uberlândia que começamos. (GOMES, 2010, p. 152, grifo nosso)

(36) Para que *você* receba romances, **você precisa ter** a mente em estado de profunda serenidade. (GOMES, 2010, p. 42, grifo nosso)

(37) O seu ressentimento é filho de pura vaidade, porque **você não pode exigir** que os outros venham a crer naquilo que você crê ... (GOMES, 2010, p. 50, grifo nosso)

(38) **Você não pode pedir** que pensem pela cartilha dos seus próprios pensamentos. (GOMES, 2010, p. 50, grifo nosso)

(39) **Você deve se preparar** para ouvir as opiniões mais díspares... (GOMES, 2010, p. 50, grifo nosso)

(40) Na vida terrestre, nós temos sempre um programa de trabalho e de autoeducação **a ser realizado** . (GOMES, 2010, p. 33, grifo nosso)

(41) Então, **será necessário** esperar que a ciência possa compreender e interpretar para nós outros... (GOMES, 2010, p. 45, grifo nosso)

(42) porque nós compreendemos que em televisão a compressão da despesa de tempo **deve ser observada** em todo o sentido. (GOMES, 2010, p. 47, grifo nosso)

Conforme podemos notar, apesar de os enunciados estarem deonticamente modalizados, em todos eles, há recurso de expressão que atenua o tom autoritário dos enunciados. Entre esses recursos, encontramos emprego da primeira pessoa do plural, emprego do pronome “você” com valor impessoal, emprego de verbos na 3ª pessoa.

De acordo com Brunelli e Hattner (2011), pelo emprego da primeira pessoa do plural, como pode ser visto em (29), (30), (31), (32), (33), (34) e (35), o enunciador se inclui entre aqueles sobre quem recai a obrigação, o que atenua seu papel de fonte instauradora da obrigação. Segundo as autoras, com esses dois movimentos, de aproximação e de apagamento, promove-se uma diminuição natural da força da qualificação deontica, na medida em que neutralizam momentaneamente a posição hierarquicamente superior da fonte deontica. Assim, ao se incluir no discurso, o enunciador leva o enunciatário à ação por se colocar na mesma posição social, sem estabelecer, para isso, o lugar de líder para enunciar.

Segundo Neves (2008, p. 532), o pronome impessoal “você” pode ser considerado um dos recursos empregados para indeterminar o sujeito, referente ao enunciatário. Para a autora, o uso desse pronome conota uma interpretação mais abrangente ou imprecisa. Dessa forma, o pronome “você” impessoal atenua a força da modalidade no enunciado. Esse não se refere ao enunciatário imediato do sujeito enunciador, mas sim a todos os enunciatários possíveis, atenuando o tom autoritário de quem enuncia. Os enunciados (36), (37), (38) e (39) podem exemplificar o recurso em questão, evidenciando a atenuação dessa força. Já as expressões referentes à 3ª pessoa indicam as ações a serem feitas, o que é necessário fazer, mas sem atribuir ou designar quem deve assumir tais deveres, sem apontar diretamente para o interlocutor, como em (40), (41) e (42).

Com esses recursos, especialmente o emprego da primeira pessoa do plural, o enunciador faz com que todas as ações ou as atitudes proferidas para o interlocutor também recaiam sobre si, sem assumir, desse modo, uma atitude autoritária. Assim, detectamos a

postura de um indivíduo humilde, que não se coloca acima de seus enunciatários, direcionando ordens explícitas, por exemplo.

Além disso, conforme pode ser verificado por meio da tabela 1, apresentada a seguir, predominam, no discurso espírita de Chico Xavier, enunciados com modais deônticos **voltados para o evento**. Esse modo de manifestação da modalidade deôntica descreve a existência de obrigações, de permissões e de proibições gerais sem o sujeito enunciador assumir a responsabilidade por esses julgamentos, sem se colocar como a fonte instauradora do dever expresso, isto é, sem assumir, em relação ao seu enunciatário, uma posição hierarquicamente superior, o que pode ser entendido como indício da relação de proximidade que há entre os interlocutores.

Tabela 1: tipos de modais deônticos encontrados no *corpus*

Tipo de modal deôntico	Nº de ocorrências	%
Modais orientados para o participante	28	16,5%
Modais orientados para o evento	141	83,5%
Total	169	-

De acordo com Hengeveld & Mackenzie (2008), por meio do alvo de avaliação (modais orientados para o participante ou para orientados para o evento), o falante pode emitir julgamentos sem, no entanto, assumir suas responsabilidades. A objetividade do alvo de avaliação existe por causa das escolhas linguísticas que permitem a emissão de um juízo sobre algo ou alguém sem que esse pareça ser a avaliação do enunciador. Em síntese, podemos afirmar que os modais deônticos orientados **para o participante** descrevem uma obrigação que recai sobre um participante ou, ainda, uma permissão para envolvimento na categoria de evento designada pelo enunciado. Já os modais deônticos **orientados para o evento** descrevem eventos em termos do que é obrigatório ou permitido sob a ótica de algum sistema de convenções moral ou legal. Em geral, as obrigações expressas por significados da modalidade deôntica orientados para o evento mostram as regras gerais relacionadas ao eixo

da conduta. Porém, observamos também que a obrigação geral pode ser apresentada em construções pessoais, recaindo sobre um participante. Esses recursos, além dos outros já citados, auxiliam na atenuação dos modais.

Assim, no discurso espírita de Chico Xavier, o sujeito enunciador não se apresenta como autoridade detentora do merecimento de obediência irrestrita, mas sim como o especialista cuja experiência lhe permite aconselhar e sugerir. Portanto, percebemos que o sujeito enunciador orienta seus enunciatários de um modo não marcado pela autoridade e, pelo modo como enuncia, projeta a imagem de alguém que não se considera como superior. Seus enunciados não são ordens explícitas a serem obedecidas irrestritamente; segundo o discurso espírita, são esclarecimentos prestados a todos, que lhe chegam pelos espíritos-guias. Vejamos exemplos de enunciados deonticamente modalizados orientados para o evento:

(43) ...que estão se dirigindo à Lua para pesquisas, **que devem ser consideradas...** (GOMES, 2010, p. 98)

(44) **Não devem ser interpretados (homossexualismo, bissexualismo e assexualismo)** como fenômenos espantosos. (GOMES, 2010, p. 105)

(44) A vida para nós **deve ser** uma escola sem férias. (GOMES, 2010, p. 166)

(45) Emmanuel, no livro *O consolador*, afirma que a cremação é um processo legítimo, de liberação do Espírito desencarnado, apenas aconselhando que o tempo de expectativa **deve ser** mais longo nos climas tropicais. (GOMES, 2010, p. 193)

Esses exemplos de enunciados modalizados deonticamente com orientação para o evento apenas confirmam nossa hipótese relacionada à postura do médium Chico Xavier, grande representante do discurso espírita. Essa postura, bastante evidente nos exemplos (43) e

(44), demonstra como as ações, os deveres, as obrigações, as necessidades não são atitudes que recaem sobre o enunciador. Afinal, conforme temos visto até aqui neste trabalho, para o discurso espírita, o médium é apenas um instrumento que auxilia na divulgação do conhecimento relativo a esse discurso. Dessa forma, trata-se de mais um indício da ênfase nas ações, e não no enunciador.

4. Relatos, conselhos, perguntas

Na subseção anterior, para tratarmos a ideia do *ethos* mostrado no discurso espírita kardecista brasileiro, analisamos aspectos relativos à expressão da modalidade deôntica no discurso espírita de Chico Xavier. Já a partir desta subseção, vamos tratar dos atos de fala de seu discurso, ainda com o objetivo de analisar o *ethos* do discurso espírita kardecista, por meio da análise do *ethos* do discurso espírita de Chico Xavier.

Segundo Vanderveken (1985, 1990) *apud* Guiraldelli (2013), os falantes realizam atos de fala conhecidos como atos ilocucionais. Esses atos ilocucionais devem ser reconhecidos como unidades constitutivas da conversação. Assim, cada força ilocucionária, elemento componente dos atos de fala, é dividida em seis componentes: ponto ilocucional, modo de realização, condições relativas ao conteúdo proposicional, condições preparatórias, condições de sinceridade e grau de intensidade das condições de sinceridade. Restringindo-nos ao uso do componente principal da força ilocucionária, o ponto ilocucional, que expressa o que o falante pretende fazer ao executar um ato, Guiraldelli (2013), com base nos princípios de Searle (1969), afirma que os pontos ilocucionais dividem-se em cinco tipos: o ponto assertivo, o ponto comissivo, o ponto diretivo, o ponto declarativo e o ponto expressivo.

Conforme aponta Guiraldelli (2013) *apud* Vanderveken (1985, p. 176), diferentes forças podem ter o mesmo ponto ilocucional. No discurso espírita de Chico Xavier, podemos notar essas diferentes forças por meio da presença de asserções, de relatos (todos relativos ao **ponto assertivo**); de outro lado, há também conselhos, pedidos, sugestões e perguntas (**ponto diretivo**).

Como sabemos, o ponto assertivo e o ponto diretivo nada mais são do que categorias do ponto ilocucional, considerado o principal componente da força ilocucionária. No ponto assertivo, temos a representação de um estado-de-coisas como factual. Já no ponto diretivo, a tentativa de levar o ouvinte a fazer algo. Assim, para conseguir levar o ouvinte à ação, vemos que o sujeito enunciador lança mão de relatos e de testemunhos, validando seu conhecimento e sua crença perante o público; por outro lado, faz pedidos e perguntas retóricas, que se prestam a levar o co-enunciador à ação. Vejamos os seguintes enunciados:

(46) Quando ouvi falar a respeito dos romances mediúnicos recebidos pela médium Zilda Gama, cuja memória nós todos acatamos muito na doutrina espírita, eu senti aquele desejo de ser médium também para romances, isso por volta de 1936. Nessa ocasião, eu lidava com um grupo de crianças da família porque, pelo fato de não ter renascido nessa existência para o casamento, fiquei com catorze crianças, irmãos menores dos quais, presentemente, eu estou distante, por haverem crescido e tomado as suas responsabilidades. (GOMES, 2010, p. 41)

(47) Não tinha consciência do que escrevia e nem da continuidade dos assuntos, porque muitos personagens que me eram simpáticos e que eu não desejava que sofressem, passaram a sofrer contra a minha vontade. (GOMES, 2010, p. 44)

(48) Então, **pedimos ao Sr Manoel de Mello**, nosso caro pastor evangélico, que tem trabalhado tanto e cujo mérito nós todos reconhecemos e reverenciamos para pensar conosco nesses problemas. (GOMES, 2010, p. 77, grifo nosso)

(49) **Pedimos perdão** ao nosso mediador Dr. Almyr Guimarães e ao nosso distinto entrevistador Dr. Durval Monteiro por nos estendermos tanto na resposta. (GOMES, 2010, p. 166, grifo nosso)

(50) **Quem era eu para entender aquilo**, que estava aguando um canteiro de alho? (GOMES, 2010, p. 96, grifo nosso)

(51) Seria o caso de perguntarmos à rosa ou ao lírio por que é que eles são tão belos? Perguntar à luz por que que a luz brilha tanto? (GOMES, 2010, p. 154)

(52) ... porque, do ponto de vista cristão, muitos talvez afirmem: mas, e a dívida de outras reencarnações? (GOMES, 2010, p. 215)

Nos exemplos (48) e (49), há pedidos e interpelações respeitosas (“Sr.”, “distinto entrevistador”) em relação ao enunciatário. Nesses enunciados, percebemos uma tentativa de convencimento do enunciatário. O uso de um dado factual (46) e (47) junto aos pedidos reforça o carácter persuasivo do discurso. Isso também pode ser observado nos enunciados (51) e (52), pois, ao fazer uma pergunta retórica destinada ao enunciatário e deixar que esse subentenda a resposta sem que seja explicitamente construída e verbalizada, o sujeito enunciadador acaba se aproximando de seu enunciatário.

Assim, percebemos, no discurso espírita do médium, um sujeito que não assume, ao enunciar, uma posição superior ao seu destinatário para se colocar como um indivíduo acima do bem e do mal e agir de forma a proferir ordens. Pelo contrário, os enunciados de Chico Xavier são marcados pelo tom de humildade e fraternidade, legitimando, assim, o conteúdo dito. Em resumo, podemos dizer que o *ethos* desse enunciadador é de um homem **humilde e compreensível**, pois compartilha o conhecimento com as pessoas de maneira polida, gentil.

Esse modo de enunciar, conforme os esclarecimentos apresentados no capítulo anterior, está perfeitamente de acordo com o que propõem as obras de referência do discurso espírita. Em *Síntese de O Livro dos Espíritos*, encontramos resumo dos temas tratados pelo discurso. Entre eles, há um segmento dedicado exclusivamente ao entendimento das leis morais (lei divina, lei da adoração, lei do trabalho, lei da reprodução, lei de conservação, lei de igualdade, lei de liberdade, lei de justiça, de amor e de caridade). Com isso, podemos dizer que o sujeito enunciador humilde do discurso espírita é compatível com o traço /+ cristianismo/. A esse respeito, vale lembrarmos que Amossy (2008, p. 73) afirma que o universo de sentido que o discurso libera impõe-se tanto pelo *ethos* quanto pela “doutrina”. Ainda segundo a autora, o poder de persuasão de um discurso decorre em boa medida do fato de levar o leitor a identificar-se com a movimentação de um corpo investido de valores historicamente especificados.

A imagem humilde e compreensível do enunciador pode ser encontrada em alguns enunciados, com diferentes indícios para construção de sua imagem, principalmente naqueles em que há a atenuação da “ordem” (uso do imperativo) por meio do uso da primeira pessoa do plural. Verificamos, por exemplo, características recorrentes nos enunciados (sugestão, tom amigável e conselhos) que caracterizam o discurso espírita de Chico Xavier. Por não termos encontrado quaisquer registros da manifestação de ordem explícita (uso do imperativo, por exemplo) pelo enunciador nos enunciados analisados, supomos que esse sujeito sempre encontra alguma forma de levar o enunciatário à ação sem, para isso, apresentar um tom professoral e autoritário, característica típica de um líder.

5. Conclusões: o discurso espírita do médium Chico Xavier e moral cristã

A linguagem empregada pelo enunciador projeta a imagem de uma pessoa que está próxima de seu enunciatário. Embora haja a forte presença do uso dos modalizadores deônticos, veiculando valores de permissão, de obrigação e de proibição, os verbos modais dessa categoria são fortemente atenuados por recursos, especialmente, pelo uso da primeira pessoa do plural. A modalização dos enunciados presentes no discurso em questão mostra que o enunciador não assume uma postura autoritária perante seu enunciatário.

Além disso, a presença dos relatos de experiência pessoal, os testemunhos, os pedidos e as perguntas estão centrados em dois pontos ilocucionais relacionados à persuasão: o ponto assertivo e o ponto diretivo. Em razão disso, pela análise, percebemos que os enunciados, de uma forma geral, revelam um comportamento verbal polido no contexto enunciativo no qual estão inseridos enunciador e enunciatário.

Esses elementos também contribuem para identificarmos a imagem do fiador do discurso em questão. Nesse sentido, notamos, mais uma vez, que se trata de um indivíduo humilde, pois, em momento algum, afirma categoricamente ser conhecedor ou detentor de determinado conhecimento, colocando-se, dessa forma, mais próximo do enunciatário.

Ainda, encontramos ocorrências bastante relevantes em relação ao *ethos* dito. Conforme mencionado, esse tipo de *ethos* permite ao enunciador mostrar direta e explicitamente suas características. Nesses enunciados, o sujeito enunciador mostra ter um comportamento humilde, compreensivo e respeitoso em relação ao próximo, sujeito enunciatário.

Diante do exposto, podemos dizer que o *ethos* do enunciador se aproxima, de fato, da moral cristã, segundo a qual é preciso servir e ajudar ao próximo. Na obra analisada neste capítulo, *Pinga-Fogo com Chico Xavier*, e também nos demais textos analisados ao longo

desta dissertação, percebemos não se tratar de um enunciador que tem por necessidade reafirmar seu papel de líder, demonstrando maior conhecimento em relação ao discurso espírita e/ou em relação aos temas tratados durante a entrevista, mas sim de um indivíduo humilde o bastante para se colocar em uma relação de igualdade junto ao enunciatário, assumindo sua condição humana suscetível a erros e a acertos como qualquer outra pessoa.

Com essa análise, constatamos que não há marca de autoridade explícita no discurso do sujeito enunciador. Constatamos também que, nos enunciados que poderiam ser marcados por um tom autoritário, há recurso de expressão que dilui esse tom. Nesse sentido, podemos afirmar existir uma relação de proximidade entre o enunciador e seu enunciatário por não haver uma relação hierárquica nítida entre eles, pois aquele não se apresenta como líder e detentor do saber, mas sim apenas como pessoa mais experiente, que dá conselhos e sugestões. Por meio da materialização desse discurso, o enunciador não se apresenta como alguém que deveria ser obedecido irrestritamente, mas como indivíduo que fala de forma a sugerir e a conduzir a melhor forma de viver do que impor regras.

Diante da análise apresentada, podemos dizer que o discurso espírita de Chico Xavier, tendo em vista não só o seu conteúdo, mas também o tom pelo qual é proferido cria uma cenografia de igualdade e fraternidade, em detrimento da cena genérica em que está envolvido, a saber, a cena de uma entrevista, então, relegada para segundo plano. Afinal, o contexto para o qual Chico Xavier concedeu as entrevistas foi um programa de televisão, exibido em rede nacional, uma cena por meio da qual o enunciador está sujeito a se envolver em polêmicas. Ao contrário do esperado por um entrevistado em geral, o médium mantém a mesma postura, desenvolvendo, pelo seu discurso, a mesma cenografia do início ao fim, o que se sustenta pelas suas manifestações de humildade, igualdade e compreensão perante o comportamento humano de uma forma geral.

Além disso, notamos também que o discurso de Chico Xavier segue exatamente o ideal de enunciação do discurso espírita kardecista, conforme apresentamos no capítulo em que analisamos o discurso espírita kardecista nos termos de prática discursiva, ou seja, o comportamento verbal segue à risca o discurso espírita, assumindo seu ideal de conduta que não deixa de ser também ideal de comportamento verbal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, analisamos o discurso espírita kardecista tal como se encontra circulando atualmente no Brasil. A partir de um *corpus* bastante diversificado, composto por diferentes gêneros de natureza verbo-visual, incluindo desses as obras mais clássicas do espiritismo kardecista até textos disponibilizados em *sites* ligados ao movimento espírita, analisamos esse discurso, partindo do pressuposto teórico de que há um sistema de restrições semânticas globais que lhe particulariza todos os planos. Os resultados alcançados em cada uma das etapas da análise confirmam a hipótese que formulamos a respeito desse sistema: o traço /+cristianismo/ é um dos traços semânticos ao qual o discurso espírita kardecista está submetido.

Para avaliarmos a pertinência de nossa hipótese, inicialmente, traçamos um panorama geral das condições de emergência e de expansão do discurso espírita, o que nos permitiu verificar que os valores cristãos sempre estiveram presentes nesse discurso, especialmente no Brasil, a partir da segunda metade do século XX.

Posteriormente, tratamos da face mais social do discurso em questão. Assim, a partir de aspectos relativos aos encontros e às reuniões espíritas kardecistas, aos modos de organização de seus participantes e às relações que estabelecem entre si, constatamos a presença do traço semântico /+cristianismo/ no discurso espírita kardecista. A reflexão que desenvolvemos sobre a face mais social do discurso espírita kardecista evidencia a sua “adequação”, por assim dizer, à face mais verbal desse discurso.

Na verdade, essa coincidência era um resultado mesmo esperado, mas não se trata, como vimos, de uma adequação ao conteúdo do discurso, uma vez que não existe relação de exterioridade entre o discurso e o funcionamento do grupo social a ele associado, o que é um dos pressupostos teóricos desse trabalho, conforme as reflexões de Maingueneau (2008) sobre o tema. O discurso, como já tido, é uma prática discursiva, na qual a vertente mais social está submetida exatamente ao mesmo sistema de restrições semânticas que estrutura a vertente mais verbal.

A hipótese também se confirmou quando analisamos o *ethos* do discurso espírita kardecista. Essa análise revelou que o *ethos* desse discurso é marcado por um tom de humildade e fraternidade, bem de acordo com o ideal de conduta (verbal e social) explicitado nos textos de enlaçamento do discurso espírita kardecista que foram citados neste trabalho.

Embora a hipótese inicial tenha sido validada, entendemos que o sema /+cristianismo/ não é o único traço semântico do discurso espírita kardecista. Quando discorreremos sobre as condições de emergência e de expansão do discurso espírita kardecista brasileiro, verificamos que o discurso espírita kardecista também estava atravessado pelo discurso científico positivista do século XIX. Desse modo, talvez o sema /+progresso/ também seja um traço semântico desse discurso. Nesses termos, o sistema de restrições semânticas globais que fixa os critérios em virtude dos quais os textos do discurso espírita kardecista se distinguem do conjunto de textos possíveis poderia ser entendido como uma combinação desses dois semas, na qualidade dos semas reivindicados pelo discurso. Uma das teses principais desse discurso, a de que os “espíritos” progridem, isto é, evoluem, quanto mais se aproximam dos ideais cristãos - o que justifica, inclusive, a necessidade de praticar a caridade, de desenvolver a fraternidade, de amar ao próximo - parece estar assentada na combinação desses semas.

Além disso, vale lembrar que o discurso espírita se apresenta, nos termos de Allan Kardec (2002), como uma forma de realizar a síntese entre religião e ciência. A esse respeito, vale recuperarmos a seguinte citação de Allan Kardec:

A Ciência e a Religião são as duas alavancas da inteligência humana: uma revela as leis do mundo material e outra, as do mundo moral. Tendo, no entanto, essas leis o mesmo princípio, que é Deus, não podem contradizer-se. Se fosse a negação uma da outra, uma necessariamente estaria em erro e outra com a verdade, porquanto Deus não pode pretender a destruição de sua própria obra.

São chegados os tempos em que **os ensinamentos do Cristo** têm de ser completados; em que o véu intencionalmente lançado sobre algumas partes desse ensino tem de ser levantado; **em que a Ciência, deixando de ser exclusivamente materialista, tem de levar em conta o elemento espiritual; e em que a Religião, deixando de ignorar as leis orgânicas e imutáveis da matéria, como duas forças que são, apoiando-se uma na outra e marchando combinadas, se prestarão mútuo concurso.** Então, não mais desmentida pela Ciência, a Religião adquirirá inabalável poder, porque estará de acordo com a razão, já se lhe não podendo mais opor a irresistível lógica dos fatos. A Ciência e a Religião não puderam, até hoje, entender-se, porque, encarando cada uma as coisas do seu ponto de vista exclusivo, reciprocamente se repeliam. **Esse traço de união está no conhecimento das leis que regem o Universo espiritual e suas relações com o mundo corpóreo, leis tão imutáveis quanto as que regem o movimento dos astros e a existência dos seres.** (...). (KARDEC, 2002, p. 65; grifos nossos)

Do nosso ponto de vista, ao afirmar realizar essa “união” entre ciência e religião, o discurso espírita kardecista parece assumir uma condição altamente paratópica. A respeito das relações entre o discurso científico e o discurso religioso, dois discursos constituintes, Maingueneau (2008) afirma:

os discursos constituintes **se excluem e se atraem em uma irreduzível imbricação:** o discurso científico, por exemplo, é incapaz de se afirmar **sem** invocar a cada instante a ameaça do discurso religioso ou do discurso filosófico, **os quais não cessam de renegociar seu estatuto em relação a ele** (MAINGUENEAU, 2008, p. 40; grifos nossos)

Assim, uma das formas de dar continuidade à análise do discurso em questão poderia ser justamente a investigação desses aspectos, o que seria interessante também porque evidencia que os campos discursivos (como a religião, a ciência, a filosofia) não são, conforme afirma o próprio Maingueneau (2008), zonas insulares, bem delimitadas. Trata-se mais de abstrações a que o analista do discurso recorre não só se apoiando na história, mas também fazendo escolhas e enunciando hipóteses, o que não o impede de investigar as redes de trocas que se dão entre esses campos.

Por fim, tendo em vista a diversidade dos quadros teóricos que buscam compreender o funcionamento discursivo, vale lembrarmos que existem outras possibilidades de analisar o discurso espírita kardecista, que poderiam seguir outros percursos de leitura, elaborados a partir de outros horizontes teórico-metodológicos e/ou a partir de outras questões consideradas relevantes pelo analista para a análise. Com os diversos dispositivos teórico-metodológicos da Análise do Discurso, os analistas, tendo em vista um certo conjunto de textos, buscam evidenciar relações relevantes entre regularidades discursivas e fatores históricos, mas sem a pretensão de alcançar o que supostamente seria o “verdadeiro” e “único” sentido desses textos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A DOUTRINA DE CRISTO. **O Reformador**, Rio de Janeiro. Ano 127, n.2166, dez. 2009. Disponível em: <http://www.sistemas.febnet.org.br/reformadoronline/pagina/edicoes-antteriores.php> Acesso em: 24 mar de 2013, às 11:36.

ALMEIDA & ODA et al. O olhar dos psiquiatras brasileiros sobre os fenômenos de transe e possessão. **Revista de psiquiatria clínica**, São Paulo, vol.34, 2007. Disponível em: <http://link.periodicos.capes.gov.br/> Acesso em: 15 nov 2013, às 16:23.

AMOSSY, R. (Org.) **Imagens de si no discurso: a construção do ethos**. São Paulo: Editora Contexto, 2008.

ARRIBAS, C. G. **Afinal, espiritismo é religião? A doutrina espírita na formação da diversidade religiosa brasileira**. 226f. 2008. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

ASSEIO VERBAL. Cuiabá: **Federação Espírita do Estado do Mato Grosso (FEEM)**, 2012. Disponível em: <http://www.feemt.org.br/mensagens/13/index.html> Acesso em: 20 dez de 2013, às 17:50

AUSTIN, J. L. **How to do things with words**. London: Oxford University Press, 1962.

BERNARDES, T. O pacto áureo sessenta anos depois. **O Consolador**. (s.l.) Ano 3 - N° 128 - 11 Out. de 2009. Disponível em: <http://www.oconsolador.com.br/ano3/128/especial2.html> Acesso em: 10 mar de 2014, às 15:20.

BRANDÃO, H.H.N. **Introdução à Análise do Discurso**. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1995.

BRUNELLI, A.F. **O sucesso está em suas mãos: análise do discurso de autoajuda**. 149f.2004. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

BRUNELLI, A. F. **Notas sobre a abordagem interdiscursiva de Maingueneau**. In: POSSENTI, S.; BARONAS, R. (Orgs.). *Contribuições de Dominique Maingueneau para a Análise do Discurso do Brasil*. São Carlos: Pedro e João Editores, 2008, p. 13-26.

BRUNELLI, A, F.; DALL'AGLIO-HATTNER, M.M. A qualificação do dever: diálogo entre a análise do discurso e a abordagem funcional. **Revista do GEL**, v.6, n.1, p. 179-190, 2009.

BOA VENTURA KLOPPENBURG, FREI. **Espiritismo: Orientação para Católicos**. São Paulo: Editora Loyola, 1997.

CERVONI, J. **A enunciação**. São Paulo: Ática, 1989.

CHICO XAVIER: o mensageiro da fraternidade cristã. **Jornal Mundo Espírita**. Federação Espírita do Paraná. Ano 82 n. 1560 Edição de Abril de 2010. Disponível em: <http://www.mundoespirita.com.br/?materia=chico-xavier-o-mensageiro-da-fraternidade-crista> Acesso em: 18 dez 2013, às 20:56

CORACINI, M. J. **Um fazer persuasivo: o discurso subjetivo da ciência**. São Paulo: Educ; Campinas: Pontes, 1991.

COURAÇA da caridade. Rio de Janeiro, Ed da FEB. 2012. (Todos os direitos reservados) Disponível em: <http://www.febnet.org.br/blog/geral/mensagens-espiritas/couraca-da-caridade/> Acesso em: 25 jan de 2014, às 16:40

DALL'AGLIO-HATTNER, M.M. **A manifestação da modalidade epistêmica: um exercício de análise nos discurso do ex-presidente Collor**. Araraquara, 1995. 163f. Tese (Doutorado em Letras: Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 1995.

_____. **Modalidade e Evidencialidade: forma e função**. Relatório Científico. FAPESP/UNESP, 2001. 59f.

DIK, S. **The theory of functional grammar**. Dordrecht: Foris, 1989.

ESPIRITISMO E ÉTICA. **O Reformador**, Rio de Janeiro. Editora da FEB. Ano 127, n.2166, set. 2009. Disponível em: <http://www.sistemas.febnet.org.br/reformadoronline/pagina/edicoes-anteriores.php> Acesso em: 24 mar de 2013, às 11:36.

ESTUDO SOBRE O PASSE NAS REUNIÕES MEDÚNICAS. **O Reformador**. Rio de Janeiro. Editora da FEB, 1992. Disponível em: <http://www.osemanario.com.br/blog/index.php/2014/02/o-passe-e-a-finalidade-do-centro-espirita/> Acesso em: 25 abr 2013, às 8:55.

FOSSEY, M.F. **A semântica global em duas revistas de divulgação científica: Pesquisa Fapesp e Superinteressante**. 123f.2006 (Mestrado em Linguística) - Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.

FRANCO, D. **Mensagens**. Divaldo Franco, todos os direitos reservados. Seção de mensagens psicofônicas e psicografadas por Divaldo Franco. (s.l.) Disponível em: <http://www.divaldofranco.com.br/mensagens.php?not=137> Acesso em: 12 outubro de 2013, às 15:25

FRATERNIDADE. Rio de Janeiro. Ed da FEB, 2012. Disponível em: <http://www.febnet.org.br/blog/geral/mensagens-espiritas/fraternidade/> Acesso em: 25 jan de 2014, às 13:45.

GODOY, P. **Síntese de O Livro dos Espíritos**. São Paulo: Edições FEESP, 1978.

GOMES, S. (Org.). **Pinga-Fogo com Chico Xavier**. Catanduva: InterVidas, 2010.

GUIRALDELLI, L. A. **Assertividade no discurso da autoajuda: um olhar no discurso da autoajuda: um olha discursivo-funcional**. 128f. 2013. Tese (Doutorado em Linguística) Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas – Unesp, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2013.

HENGEVELD, K. Illocution, mood and modality in a functional grammar of Spanish. *J. Linguistics*. Cambridge: Cambridge University Press, v.6, p.227-69, 1988.

_____. Layers and operators in functional grammar. *J. Linguistics*. Cambridge: Cambridge University Press, v.25, p.127-57, 1989.

HESS, D. The many rooms of spiritism in Brazil. **Rev. Luso-Brazilian Review** [online] 1987, Vol. 24. n.2, p.p. 15-34 1987. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/3513185> Acesso em: 27 set 2013, às 13:45

HUAIXAN, M. E. N. **Curso Básico de Espiritismo**. (Projeto Grupo Espírita Bezerra de Menezes, São José do Rio Preto, SP, coordenado e desenvolvido por Marilda Eunice Neves Huaixan) Disponível em: <http://www.espirito.org.br/portal/doutrina/espiritismo-para-iniciantes-0.html> Acesso em: 14 jul de 2013, às 10:49.

IBGE, 2010. **Censo Demográfico de 2010**. Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, dados referentes ao Brasil. Disponível em: <http://www.ibge.com.br/home/> Acesso em: 05 abr 2014, às 18:55

INSTITUTO BENEFICENTE CHICO XAVIER. **Chico Xavier e a caridade**. S. l.: s.n. , 2010. Disponível em: <http://www.institutochicoxavier.com/especial-chico-xavier/64-chico-xavier-e-a-caridade.html> Acesso em: 25 mar 2014, às 13:05

JUNIOR, M. **História do Cristianismo**. (Publicado no Boletim GEAE, Número 413 de 20 de março de 2001) Disponível em: <http://www.espirito.org.br/portal/artigos/geae/historia-do-cristianismo/historia-do-cristianismo-05.html> Acesso em: 21 jan 2014, às 9:50

KARDEC E A UNIÃO DOS ESPÍRITAS. **O Reformador**, Rio de Janeiro. Editora da FEB. Ano 128, n. 2178, nov. 2010. Disponível em: <http://www.sistemas.febnet.org.br/reformadoronline/pagina/edicoes-anteriores.php> Acesso em: 24 mar de 2013, às 11:36.

KARDEC, A. **O Livro dos Espíritos**. Araras: Instituto de Difusão Espírita, 2008.

_____. **O evangelho segundo o espiritismo**. 120ed. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2002.

_____. **O livro dos médiuns**. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2003.

KOCH, I. G.V. A questão das modalidades numa nova gramática da Língua Portuguesa. **Estudos Linguísticos**, Araraquara, p.227-36, 1986.

LEWGOY, B. Chico Xavier e a cultura brasileira. **Rev. Antropol.** [online]. 2001, vol.44, n.1, pp. 53-116. ISSN 0034-7701. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S00347012001000100003&lng=pt&nrm=iso&userID=-2 Acesso em: 20 jan 2014, às 15:05

LYONS, J. **Semantics**. Cambridge: Cambridge University Press, 1977. v.2.

MAINGUENEAU, D. **Novas tendências em Análise do Discurso**. Campinas: Pontes & Editora da UNICAMP, 1997.

_____. **Análise de textos de comunicação**. São Paulo: Cortez, 2001.

_____. **Gênese dos discursos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

_____. **Cenas da Enunciação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

_____. *Ethos*, cenografia, incorporação. In: AMOSSY, R. (Org.) **Imagens de si no discurso: a construção do *ethos***. São Paulo: Contexto, 2005b. p.69-92.

MANUEL, M. **Irmãs Fox: o marco inicial do espiritismo moderno** (2010) Disponível em: <http://link.periodicos.capes.gov.br> Acesso em: 04 nov 2013, às 11:46.

MOTTA, A. R. & SALGADO, L. (Org.) **Ethos discursivo**. São Paulo: Contexto, 2008.

MOURA, M. A. **O que é passe espírita?** Rio de Janeiro. Ed da FEB, 2013. Disponível em: <http://www.febnet.org.br/blog/geral/colunistas/o-que-e-passe-espirita/> Acesso em: 27 jan 2014, às 10:55

NA ESFERA da língua. Cuiabá: **Federação Espírita do Estado do Mato Grosso (FEEM)**, 2012. Disponível em: <http://www.feemt.org.br/mensagens/13/index.html> Acesso em: 20 dez de 2013, às 18:35.

NEVES, M. H. M. & ILARI, R. **Gramática do português culto falado no Brasil**. Campinas: Editora da Unicamp, 2008

OBSESSÃO E DESOBSCESSÃO. Rio de Janeiro: Ed. Da FEB, 2012. Disponível em: <http://www.febnet.org.br/blog/geral/estudos/obsessao-desobsessao/> Acesso em: 26 fev de 2014, às 22:25

O CONSOLADOR. Obras Póstumas de Allan Kardec. **Revista Espírita**, Edição de 1869. Disponível em: <http://www.oconsolador.com.br/linkfixo/bibliotecavirtual/obraspostumas.pdf> Acesso em: 10 mar 2014, às 18.53.

O TRABALHO NA SEARA ESPÍRITA. **O Reformador**, Rio de Janeiro. Editora da FEB. Ano 128, n. 2178, jul. 2010. Disponível em: <http://www.sistemas.febnet.org.br/reformadoronline/pagina/edicoes-antiores.php> Acesso em: 24 mar de 2013, às 11:36.

ORLANDI, E. P. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**: Campinas, Pontes, 2001.

PERDÃO. **O Reformador**, Rio de Janeiro, p. 1 nov. 2011. Disponível em: <http://www.sistemas.febnet.org.br/reformadoronline/pagina/edicoes-anteriores.php> Acesso em: 24 mar de 2013, às 11:36.

PORTAL LUZ ESPÍRITA. **Manual de como fazer palestra espírita**. (Direitos reservados à Fraternidade Luz Espírita) (s.l.) Disponível em: <http://www.luzespirita.org.br> Acesso em: 20 jan 2014, às 17:55.

POSSENTI, S. **Os limites do discurso**. Curitiba: Criar Edições, 2002.

POSSENTI, S. & BARONAS, R.L. (Orgs.) **Contribuições de Dominique Maingueneau para a análise do discurso do Brasil**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2008

RABELO, C. Leitores de fé. **Revista Istoé**, Editora Abril, Edição 2076 de 26 de agosto de 2009. Disponível em: http://www.istoe.com.br/reportagens/17034_LEITORES+DE+FE Acesso em: 05 abr 2014, às 18:55

ROSA, M. **Marcadores de Atenuação**. São Paulo: Editora Contexto, 1992.

SALVADOR, A. A cidade dos Espíritos. **Revista Veja**. Editora Abril, Edição 2170 de 23 junho de 2010. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/230610/cidade-espirtos-p-130.shtml> Acesso em: 15 jul de 2011.

SCHUBERT, S.C. **Obsessão e Desobsessão**. Editora da FEB, 4ª edição, 1979. Disponível em: <http://www.febnet.org.br/ba/file/>Downloads/DESOBSESSAO-2.ppt> Acesso em: 26 fev de 2014, às 22:25

SEARLE, R. John. **Speech Acts**. Cambridge: Cambridge University Press, 1969.

SILVA, F.L. **Céu, inferno e purgatório: representações espíritas do além**. 172f. 2007. Tese (Doutorado em História) - Faculdade de Ciências e Letras de Assis . UNESP, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2007

SOUTO MAIOR, M. **Excertos do livro digital "Francisco Cândido Xavier - Traços bibliográficos"**. Uberaba. Livraria Chico Xavier, 2011. Disponível em: <http://www.chicoxavieruberaba.com.br/biografia.html> Acesso em: 09 set 2013, às 13:05

SOUZA E SILVA, M. C. P. **Discursividade e espaço discursivo**. In: Figaro, R. (Org.). **Comunicação e Análise do Discurso**. 1ed. São Paulo: Contexto, 2013, p. 99-118.

STOLL, S. J. Narrativas biográficas: a construção da identidade espírita no Brasil e sua fragmentação. **Estudos Avançados**. vol. 18. nº52, São Paulo, 2004. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142004000300013 Acesso em: 12 dez 2013, às 12:17.

STOLL, S. J. Religião, ciência ou auto-ajuda? trajetos do Espiritismo no Brasil. **Revista de Antropologia**, vol.45, nº2, São Paulo, 2002. Disponível em: <http://link.periodicos.capes.gov.br> Acesso em: 04 nov 2013, às 11:55.

Autorizo a reprodução xerográfica para fins de pesquisa

São José do Rio Preto, ____/____/____

Assinatura